UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Luciano Melo de Paula

TAUNAY E A LEGITIMIDADE LITERÁRIA: UM APELO AO LEITOR DO FUTURO

Santa Maria, RS
2017

Luciano Melo de Paula

TAUNAY E A LEGITIMIDADE LITERÁRIA: UM APELO AO LEITOR DO FUTURO

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração Estudos Literários, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutor em Letras**.

Orientador: Prof. Dr. Lawrence Flores Pereira

Santa Maria, RS
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática
da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Paula, Luciano Melo de
Taunay e a legitimidade literária: um apelo ao leitor do futuro / Luciano Melo de Paula.- 2017.
174 f.; 30 cm

Orientador: Lawrence Flores Pereira
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, 2017

1. Literatura brasileira - narrativa e memória. 2. Taunay, Alfredo d´Escragnolle (visconde de Taunay), 1843 - 1899. 3. História da literatura - romantismo. 4. Literatura comparada. 5. Guerra do Paraguai, 1864-1870. I. Pereira, Lawrence Flores II. Título.

Luciano Melo de Paula

TAUNAY E A LEGITIMIDADE LITERÁRIA: UM APELO AO LEITOR DO FUTURO

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração Estudos Literários, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em Letras**.

Aprovado em 23 de fevereiro de 2017:

Lawrence Flores Pereira, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Mario José Maestri Filho, Dr. (UPF) – Videoconferência

Marcelo Marinho, Dr. (UNILA) – Videoconferência

Pedro Brum Santos, Dr. (UFSM)

Luciana Ferrari Montemezzo, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2017

Verdade é que a sorte, depois de me ter ajudado alguns anos, transformou tanto as coisas desta nossa terra, que nela não há mais carreira possível.

(*Visconde de Taunay*).

RESUMO

TAUNAY E A LEGITIMIDADE LITERÁRIA: UM APELO AO LEITOR DO FUTURO

AUTOR: Luciano Melo de Paula
ORIENTADOR: Lawrence Flores Pereira

Este trabalho dedica-se à pesquisa, apresentação e avaliação da obra de Alfredo d'Escragnolle Taunay (1843 – 1899), o visconde de Taunay. A nossa aproximação concentra-se na identificação e contextualização dos esforços de Taunay para a afirmação de sua legitimidade literária. E, nesse sentido, destacamos o período inicial de publicação das obras deste autor, compreendido entre 1867 e 1874; bem como as reflexões presentes em *Memórias* (TAUNAY, 1948a), texto póstumo, no qual apela aos seus leitores do futuro para a reconsideração positiva de sua produção e das suas carreiras militar e política. As primeiras obras de Taunay – com destaque para *Inocência* (TAUNAY, 1872) e *Histórias brasileiras* (TAUNAY, 1874) – contribuíram para a renovação e atualização dos temas, cenários e tipos próprios à literatura produzida no Brasil, no final do século XIX e, também, ao menos em sua primeira metade, do XX. O destaque às primeiras obras de Taunay é complementado com a descrição de seu apelo aos leitores do futuro para uma valoração de sua obra distinta daquela apresentada por seus contemporâneos. Tal apelo e reivindicação ao futuro são as questões mais reiteradas em *Memórias* (TAUNAY, 1948a). Para tanto, descrevemos as circunstâncias de produção e publicação desse volume, comentamos o seu conteúdo e as fontes do estilo empregado, bem como a estratégia planejada de publicação desse material. Taunay, nos seus escritos memorialísticos, recupera e preserva para a posteridade o testemunho direto de quem presenciou eventos e processos decisivos daquele período histórico brasileiro. Faz mais que apenas registrar, comenta e oferece informações, em primeira pessoa, para que tais eventos e processos possam ser conhecidos e avaliados em seus múltiplos significados. A Guerra do Paraguai, a campanha pela abolição da escravidão, a imigração europeia e o movimento republicano são alguns dos temas aprofundados e que Taunay ajuda esclarecer com seus textos memorialísticos.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Literatura comparada. História literária. Alfredo d'Escragnolle Taunay. Guerra do Paraguai.

ABSTRACT

TAUNAY AND THE LITERARY LEGITIMACY: AN APPEAL TO THE READER OF THE FUTURE

AUTHOR: Luciano Melo de Paula
ADVISOR: Lawrence Flores Pereira

This work is dedicated to the research, presentation and evaluation of the work of Alfredo d'Escragnolle Taunay (1843 - 1899), the Viscount of Taunay. Our approach focuses on the identification and contextualization of Taunay's efforts to affirm his literary legitimacy. In this sense, we will highlight the initial period of publication of the works of this author, between 1867 and 1874; as well as the reflections present in *Memórias* (TAUNAY, 1948a), posthumous text, in which he appeals to his readers of the future for a positive reconsideration of his production and his military and political careers. The first works of Taunay - with emphasis on *Inocência* (TAUNAY, 1872) and *Histórias Brasileiras* (TAUNAY, 1874) - contributed to the renewal and updating of the themes, scenarios and types proper to the literature produced in Brazil at the end of the century XIX, and also, at least in the first half of the twentieth century. The emphasis on the early Taunay works will be complemented by the description of his appeal to readers of the future for a valuation of his work distinct from that presented by his contemporaries. This appeal and claim to the future will be the most reiterated questions in *Memórias* (TAUNAY, 1948a). For this, we will describe the circumstances of production and publication of this book, we will comment on its content and the sources of the style employed, as well as the planned strategy of publication of this material. Taunay, in his memorialistic writings, retrieves and preserves for posterity the direct testimony of those who witnessed events and decisive processes of that Brazilian historical period. It does more than just record, comment and offer information in the first person so that such events and processes can be known and evaluated in their multiple meanings. The war in Paraguay, the campaign for the abolition of slavery, European immigration and the republican movement are some of the in-depth themes that Taunay helps to clarify with his memorialistic texts.

keywords: Brazilian literature. Comparative literature. Literary history. Alfredo d'Escragnolle Taunay. War of Paraguay.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fotografia de placa indicativa do munícipio de Inocência, Mato Grosso do Sul. 49
Figura 2 – Fotografia com a Comissão de Engenheiros da Campanha de Mato Grosso e Retirada da Laguna. 60
Figura 3 – Mapa com o roteiro do deslocamento das forças brasileiras enviadas a Mato Grosso e ao norte do Paraguai, entre 1866 e 1867. 63
Figura 4 – Desenho com Pouso do Catingueiro, São Paulo. 65
Figura 5 – Desenhos com estudo sobre os indígenas do Distrito de Miranda. 71
Figura 6 – Desenho da capela consagrada à Nossa Senhora das Dores do Rio Verde, Goiás. 107
Figura 7 – Desenho com a Igreja Matriz de Uberaba, Minas Gerais. 110
Figura 8 – Desenho com detalhes dos morros, abril de 1866. 150

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9
2 UM LUGAR PARA TAUNAY 15
2.1 O MAIS LIBERAL DOS CONSERVADORES 16
2.2 AS POLÊMICAS: MEYERBEER, IMIGRAÇÃO E LITERATURA 23
2.3 A ATOPIA DE TAUNAY 29
2.4 OS NOVOS LEITORES: ALÉM DO PAR *INOCÊNCIA-RETIRADA* 34
2.5 MATO GROSSO DO SUL: UM TAUNAY PARA O LUGAR 47
3 A AFIRMAÇÃO DE TAUNAY COMO PRODUTOR LITERÁRIO 54
3.1 IRÁS À GUERRA DO MESMO MODO QUE OS TEUS AVÓS 55
3.2 AS NARRATIVAS DA GUERRA 66
3.3 SYLVIO DINARTE E A FICÇÃO DE COR LOCAL 85
3.4 O REGIONAL COMO ALTERNATIVA AO INDIANISMO OU “ALI COMEÇA O SERTÃO CHAMADO BRUTO” 112
4 *MEMÓRIAS* E A REIVINDICAÇÃO DE TAUNAY AO LEITOR DO FUTURO . 117
4.1 AS CIRCUNSTÂNCIAS DE PRODUÇÃO E PUBLICAÇÃO DE *MEMÓRIAS* 118
4.2 LEGITIMIDADE LITERÁRIA E A REIVINDICAÇÃO AO LEITOR DO FUTURO 129
4.3 GUERRA, LITERATURA, AMORES OCULTOS: O CONTEÚDO DE *MEMÓRIAS* 136
4.4 ROUSSEAU E STHENDAL: O ESTILO E O MODELO DE *MEMÓRIAS* ... 152
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 159
REFERÊNCIAS 163
ANEXO - EXPEDIÇÃO DE MATO GROSSO 170

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho dedica-se à pesquisa, apresentação e avaliação da obra de Alfredo d'Escragnolle Taunay (1843 – 1899), também, conhecido pelo seu título aristocrático brasileiro, o visconde de Taunay. Esta aproximação concentrou-se na identificação e contextualização dos esforços de Taunay para a afirmação de sua legitimidade como um dos produtores da ficção nacional. E, nesse sentido, destacamos o período inicial de publicação das obras deste autor, compreendido entre 1867 e 1874; bem como as reflexões presentes em *Memórias* (TAUNAY, 1948a), texto póstumo, no qual ele apela aos seus leitores do futuro para a reconsideração positiva de sua produção literária e da sua trajetória como militar e político.

Aquelas primeiras obras de Taunay – com destaque para *Inocência* (TAUNAY, 1872) e *Histórias brasileiras* (TAUNAY, 1874) – contribuíram para a renovação e atualização dos temas, cenários e tipos próprios à literatura produzida no Brasil, no final do século XIX e, também, ao menos em sua primeira metade, do XX. O indianismo, até então, o assunto dominante, foi confrontado com outras representações do país e de seus habitantes[1]. O regionalismo, que emerge como uma das opções e possibilidades para a apreensão e representação dos aspectos particulares do país, encontrou em Taunay um de seus principais nomes. O único autor radicado na corte a tomar parte neste processo "tímido", "sinuoso e indireto" de acomodação de uma nova pauta para as obras literárias nacionais (PEREIRA, 1988; VERÍSSIMO, 1998).

O destaque às primeiras obras de Taunay é complementado com a descrição de seu apelo aos leitores do futuro para uma valoração de sua obra distinta daquela apresentada por seus contemporâneos. Tal apelo reivindicatório ao futuro é uma das questões mais reiteradas em *Memórias* (TAUNAY, 1948a). Para avaliar o pedido, descrevemos as circunstâncias de produção e publicação deste volume, comentamos o seu conteúdo e as fontes do estilo empregado, bem como a

[1] Lúcia Miguel Pereira, em *História da Literatura Brasileira: prosa de ficção – 1870 a 1920* (PEREIRA, 1988), reproduz uma citação de José Veríssimo sobre esta questão: "Em 1873 – se é possível assentar nos limites estreitos de um ano o início de um movimento da ordem daquele de que trato – em 1873, uma evolução salutar e inesperada porque seria difícil encontrar-lhe antecedentes no país, dá-se na mentalidade brasileira que só então abandona por completo o 'culto indianista'" (VERÍSSIMO, 1889 apud PEREIRA, 1988, p. 34).

estratégia planejada de publicação deste material. Taunay, nos seus escritos memorialísticos, recupera e preserva para a posteridade o testemunho direto de quem presenciou eventos e processos decisivos daquele período histórico brasileiro. Faz mais que apenas registrar, comenta e oferece informações, em primeira pessoa, para que tais eventos e processos possam ser conhecidos e avaliados em seus múltiplos significados. A Guerra do Paraguai, a campanha pela abolição da escravidão, a imigração europeia e o movimento republicano são alguns dos temas aprofundados e que Taunay ajuda a esclarecer com seus textos memorialísticos. A produção cultural do período, também, é abordada pelo autor, tendo sempre em sua perspectiva o valor que os seus contemporâneos atribuíam às suas produções e as expectativas que ele mesmo acalentava.

Este trabalho emulou-se pela busca de verificação e tentativa de revisão de alguns conceitos prévios sobre a obra e a atuação de Taunay, identificados durante a realização das etapas iniciais da nossa pesquisa. E aqui, o autor do presente estudo deve deixar registrado as suas dúvidas quando recebeu do orientador a sugestão para que centrasse a finalização da pesquisa na análise da obra de Taunay e o seu *Memórias* (TAUNAY, 1948a). Tais dúvidas eram manifestações de preconceito arraigado sobre um importante conjunto de obras literárias, uma personalidade e um autor que foram menosprezados em função de seus vínculos familiares, políticos ou da defesa deste ou daquele sistema de governo. Todas as vacilações foram superadas com o início da revisão bibliográfica e a verificação de que Taunay era mais complexo do que se supunha. Não era somente um militar, oligarca e monarquista anacrônico. E, por isso, para o estudo e a pesquisa sobre a literatura brasileira, será sempre acertada a retomada de obras e de autores considerados obscuros e/ou limitados por seus contemporâneos e por leituras que repercutiram essa primeira opinião. Alguns textos e autores podem não despertar interesse editorial no presente. Entretanto esses mesmos textos e autores poderiam ainda ter o que oferecer aos leitores mais interessados e acadêmicos. Poderíamos, com essas retomadas, eliminar injustiças críticas praticadas ao longo dos tempos e reavaliar, sob critérios mais amplos e hodiernos, a produção literária brasileira do passado. Afinal, essa é uma parte das atribuições que pesquisadores e estudiosos de nossa literatura reivindicam.

O caso de Taunay é exemplar para essa reflexão e retomada crítica. A avaliação que ele recebeu de seus contemporâneos, em particular de Sylvio Romero

(1888; 1905; 1906) e José Veríssimo (1998), esteve marcada pela dúvida e desconfiança desde quanto à sua verdadeira nacionalidade até a sua legitimidade para atuação plena em nosso ambiente literário, passando pela exclusão da consideração de muitas de suas obras. Essas opiniões, em parte, pela força simbólica e autoridade do discurso de seus autores, prosperaram e contribuíram para a sugestão de muitas intervenções didatizantes no tocante à obra de Taunay durante todo o século XX e início do XXI. Entre essas reduções didáticas, encontra-se, por exemplo, o volume *História da Literatura Brasileira: da Carta de Caminha aos contemporâneos*, de Carlos Nejar (2011), em que prevalece o recorte direto sobre suas duas obras mais conhecidas; ou, também, o volume *Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*, de Luiz Roncari (2002), em que Taunay nem sequer é mencionado para qualquer consideração crítica.

O comum, na maioria dessas reduções didáticas, é o que Maria Lídia Lichtscheidl Maretti (2006) denomina de atopia de Taunay. A falta de um lugar para a obra de Taunay na história de nossa literatura. A atopia caracteriza-se pela indefinição quanto à sua vinculação estética, sua nacionalidade e dimensão de sua obra. Romântico ou realista? Ou de transição? Se isso vier a existir. Regionalista ou cosmopolita? Francês ou brasileiro? Bem como a insistência na redução de sua obra ao par disforme *Inocência-Retirada*.

A obra de Alfredo de d´Escragnolle Taunay ainda merece atenção crítica e destaque em toda a sua complexidade. E, por isso, reiteramos a consideração de Maria Lídia Lichtscheidl Maretti:

> Os numerosos outros textos do autor são desprezados, como se não tivessem sido escritos, publicados e lidos. Uma “reabilitação” faz-se necessária, sobretudo se considerarmos a importância destes textos numa “reconstrução” da ideia de nação, básica para a compreensão do século XIX em sua perspectiva cultural. (MARETTI, 2006, p. 66).

A leitura dos principais comentadores brasileiros da obra de Taunay, após a década de 1950, entre eles, Antonio Candido (2000), Alfredo Bosi (1994; 2012), João Luiz Lafetá (2004), Olga Maria Castrillon-Mendes (2010), Sergio Medeiros (1997; 2000; 2004; 2015) e, a própria, Maria Lídia Lichtscheidl Maretti (2006), revela que o citado processo de “reabilitação” já foi iniciado e comprovou a sua necessidade e justiça. Falta, por ora, que o movimento rompa os círculos acadêmicos e ofereça opções às reduções didáticas que ainda circulam.

Basicamente, é preciso insistir na inutilidade de atribuir uma mera classificação entre romântico ou realista ou de transição, compreender que a discussão sobre a nacionalidade é totalmente anacrônica para os dias atuais e que a obra de Taunay vai além do par *Inocência-Retirada*.

A publicação de *Memórias* (TAUNAY, 1948a), na década de 1940, com textos confiados ao sigilo meio século antes, foi uma contribuição importante para o início desta revisão crítica a respeito da obra de Taunay. Em particular, Antonio Candido (2000), um dos precursores dessas novas leituras, cita e justifica longos trechos de seus comentários desde o conteúdo do volume memorialístico. Assim, um dos desejos que mais emularam Taunay na produção daquelas reflexões se realizou: que a posteridade reavaliasse os julgamentos estreitos que muitos de seus contemporâneos lançaram sobre a sua obra e atuação.

Este estudo, nessa mesma direção, pretende recuperar e oferecer informações e elementos que sejam relevantes para a sugerida recontextualização da obra de Taunay. Em busca desse objetivo, cumprimos o seguinte itinerário:

a) recuperamos e apresentamos um histórico da atuação política de Taunay e alguns aspectos da repercussão desta entre os seus partidários e detratores. Buscamos identificar quais das opiniões contrárias prosperaram e quais convergiram para a formação de juízos literários sobre o autor e sua obra;
b) destacamos a dupla atuação de Taunay na guerra contra o Paraguai, na expedição a Mato Grosso e, depois, sob o comando do conde d'Eu em território paraguaio, durante a última fase do conflito. Assim, realçamos que essas experiências foram fundamentais tanto para o complemento de sua formação quanto para a sua assunção a um dos principais nomes de nossa produção cultural no período em tela;
c) revisitamos a obra deste autor, com destaque às produções do período 1867-1874, e de seus principais comentadores, conforme supramencionados;
d) descrevemos alguns aspectos da produção, do material exposto e da circulação de *Memórias* (TAUNAY, 1948a) como índice de verificação da opinião do autor sobre eventos, autores e obras que se relacionaram com as expectativas de reconhecimento e legitimidade que são expressas nessa obra memorialística.

A organização de tais questões ocupa, além desta “Introdução”, os três seguintes capítulos e um epílogo. Também, foram acrescentados ao trabalho um anexo e algumas ilustrações. No Anexo consta a transcrição do artigo “Expedição de Mato Grosso”, do *Jornal do Commércio*, do Rio de Janeiro, publicado em agosto de 1867. Esse artigo consiste na primeira sistematização de Taunay sobre a experiência de incorporação na expedição e dos eventos que viriam a denominar-se de a Retirada da Laguna. As ilustrações são: uma fotografia de placa indicativa do munícipio de Inocência, em Mato Grosso do Sul; uma fotografia da Comissão de Engenheiros; um mapa com o itinerário da marcha da expedição e cinco desenhos de Taunay produzidos durante aquela jornada.

O segundo capítulo, “Um lugar para Taunay”, retoma os principais eventos da militância política do autor. Sistematiza um quadro com as suas posições mais extremas e a reação de alguns setores e personalidades a essa atuação. Nesse contexto, identificamos algumas das polêmicas em que Taunay se envolveu e em qual dimensão tais contendas transformaram-se em juízos sobre a sua obra e pessoa. Ainda nesse capítulo, estão a apresentação do processo de atopia, conforme sugerido por Maria Lídia Lichtscheidl Maretti (2006), e um resumo com algumas das novas leituras da obra de Taunay, no pós-década de 1950, em que essa atopia é enfrentada e substituída por considerações mais generosas. O capítulo se encerra com a apresentação do processo de adoção literária de Taunay – e uma parte de sua obra – pelo estado de Mato Grosso do Sul. Lembrando-nos que, enquanto não há lugar para Taunay, há um Taunay para um lugar.

O terceiro capítulo, “A afirmação de Taunay como produtor literário”, retoma a primeira fase de produção e publicação das obras de Taunay, entre 1867 e 1874, para contextualizar os eventos relacionados à guerra contra o Paraguai como o ponto de partida para implementação de seus projetos literários. Sob essa perspectiva, descrevemos o histórico da participação de Taunay naquele conjunto de eventos, a publicação de suas primeiras narrativas e sua incursão ficcional sob a denominação de Sylvio Dinarte. Finalizamos o capítulo com uma reflexão sobre a contribuição de Taunay para a atualização temática da produção literária do período. O regionalismo como uma alternativa à estética indianista. A mudança para o observado e conhecido em detrimento do idealizado.

O quarto capítulo, “Memórias e a reivindicação de Taunay ao leitor do futuro”, descreve os processos de produção e publicação de *Memórias* (TAUNAY, 1948a).

Destaca-se a estratégia do sigilo por meio século e a atuação de seus herdeiros, em especial, do filho Affonso d'Escragnolle Taunay, na gestão do espólio textual herdado e na realização das diversas determinações do autor para a publicação de *Memórias* (TAUNAY, 1948a). Na sequência, sintetiza-se o apelo de Taunay aos seus leitores do futuro para a reconsideração crítica de sua obra. As esperanças de glória e eternidade para o seu nome aparecem contrastando com a percepção que Taunay tinha dos juízos que circulavam entre os seus contemporâneos sobre si e suas obras. Seguimos com a ampliação da descrição do conteúdo de *Memórias* (1948a). O testemunho da guerra contra o Paraguai, as opiniões de Taunay sobre os seus correlatos no sistema literário brasileiro. Destaca-se, para índice do conjunto destas observações, as apreciações de Taunay relativas a José de Alencar e a comparação entre os conjuntos das duas obras, a sua e a do cearense. Também, consta a exposição sobre o idílio amoroso vivido por Taunay em sua estada "nos morros" da Serra de Maracaju. Assim, conhecemos Antônia e a provável utilização de seu perfil para a composição de algumas das personagens ficcionais do autor. O capítulo encerra-se com a descrição das fontes para o estilo e o modelo textual empregados por Taunay em *Memórias* (TAUNAY, 1948a). E identifica Rousseau e Sthendal como as referências diretas para a composição de seus textos memorialísticos e para os aspectos formais de *Memórias* (TAUNAY, 1948a).

Para finalizar este trabalho, na seção das "Considerações finais", são apresentadas reflexões sobre o sucesso ou não do apelo de Taunay em relação à sua legitimidade, ao seu reconhecimento e à sua canonização como produtor literário brasileiro de primeira grandeza. Sugerimos que nem só de nomes de destaque se compõe um sistema literário. Se os há, no caso desse período, Alencar e Machado, é porque existiu uma boa segunda linha para garantir a circulação constante de novas obras, assim, mantendo a atualização constante e até possibilitando a substituição no destaque para um ou outro autor no devir desse mesmo sistema literário.

2 UM LUGAR PARA TAUNAY

> [...] batiam-me o pé com frenesi e indignação, capitulando-me, nem mais nem menos, de anarquista, comunista, petroleiro, pouco patriota, pondo até em dúvida a minha qualidade de brasileiro (TAUNAY, *O meu liberalismo*).

A trajetória de Alfredo d'Escragnolle Taunay[2] foi uma das mais significativas tanto no campo da produção cultural quanto no campo político do Segundo Reinado[3] brasileiro. Ele participou dos grandes eventos de seu tempo, ocupou funções de relevo na administração estatal, envolveu-se nos debates mais importantes sobre os rumos políticos do país e interferiu nas discussões a respeito das propriedades da produção literária brasileira naquele período. Taunay foi um autor muito produtivo, aliou apurada capacidade de observação à disciplina acadêmica para a produção de um extenso panorama estético, sentimental e histórico do Brasil nas últimas três décadas do século XIX.

Nasceu em uma família de artistas franceses com estreitos laços com a corte imperial brasileira e origens aristocráticas, teve acesso às melhores condições de educação e formação que o Brasil oferecia naquela época. E essa formação foi completada por uma experiência prática fundamental para o jovem Taunay: a participação na guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870); primeiro, como engenheiro militar e cronista das forças militares enviadas na expedição a Mato Grosso; e, depois, agregado ao Estado Maior aliado, no estágio final do conflito, durante a Campanha da Cordilheira, em território paraguaio. A experiência de guerra – principalmente de vida, como veremos a seguir – será uma constante na atuação e na obra literária de Taunay, sempre reelaborada, desde as suas primeiras até as últimas publicações.

Outra constante na trajetória de Taunay foi sua relação com a monarquia. Foi sempre um aliado de D. Pedro II, por quem manteve grande simpatia e fidelidade política, mesmo depois de sua deposição, seu exílio e falecimento. Sua proximidade

---

[2] Nascido Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay (Rio de Janeiro, 1843 – 1899). Neto do pintor Nicolas-Antoine Taunay, membro da Missão Artística Francesa recepcionada pela corte de D. João VI, no Rio de Janeiro, em 1816. Filho de Félix Emilio Taunay, também pintor e preceptor da família imperial, e Gabrielle Herminie de Robert d'Escragnolle. Taunay bacharelou-se em Letras, no Colégio Pedro II, em 1858, e em Ciências Físicas e Matemáticas, na Escola Militar de Aplicação, ambos no Rio de Janeiro.

[3] Segundo Reinado – (1843 – 1889). Período compreendido entre a declaração de maioridade de D. Pedro II, em 1843, e a Proclamação da República, em 1889.

e intimidade com o imperador faziam com que muitas de suas posições políticas fossem também as do monarca, que encontrava em Taunay a voz atuante que a organização dos poderes impedia que proferisse[4]. Em setembro de 1889, poucas semanas antes do fim da monarquia, foi agraciado com o título nobiliárquico de visconde de Taunay, em razão dos relevantes serviços ao Império. Esse foi o período de seu zênite político, que durou muito pouco. Senador, visconde e forte candidato à composição do próximo gabinete de governo foram posições com destaque que acalentou durante toda a vida. Como sabemos, suas ambições e seus projetos foram sumariamente frustrados pelo movimento republicano de novembro de 1889. Após severas restrições ao espaço político para a sua atuação sob o novo regime, Taunay reage brevemente ao debate com artigos em defesa do imperador e da monarquia na imprensa, entretanto conclui que é inexorável a virada republicana. Assim, resignado com os novos rumos do país e convencido de que não tinha mais a oferecer nem reivindicar ao campo político, afasta-se para avaliar a sua atuação. O experiente Taunay dedicará os anos finais de vida a ordenar a sua extensa obra literária e iniciar a redação de *Memórias* (TAUNAY, 1948a).

2.1 O MAIS LIBERAL DOS CONSERVADORES

Taunay ocupou, entre o período final de sua formação acadêmica, 1864, e a Proclamação da República, em 1889, as principais posições na administração pública do país: militar, professor, deputado, governador de províncias, senador, além da participação em tarefas especiais, como a discussão, o planejamento e a implementação da política de incentivos à imigração europeia. Politicamente, foi durante toda a vida militante do Partido Conservador, mas assumiu na militância a defesa de posições claramente liberais. Tal amplitude política rendeu desafetos e críticas dos dois lados, não conseguiu agradar nem seus partidários e muito menos seus adversários. Joaquim Nabuco, amigo e correligionário conservador, comentou a respeito desse comportamento político contraditório, em 1886, quando Taunay se

[4] É dessa proximidade que provém a tentativa de alcunha de “Petroleiro” que alguns membros do Partido Liberal tentaram impingir a Taunay (TAUNAY, 1923, p. 165).

candidatou à vaga na lista tríplice de indicação ao Senado Imperial, por Santa Catarina, em substituição ao barão da Laguna[5].

> O futuro político do Sr. Taunay é um enigma. Ele diz-se Conservador por insinceridade de espírito, mas uma vez Senador, isto é, obtido tudo que podia esperar do partido no qual se alistou talvez por fascinação pessoal pelo Visconde do Rio Branco, ele trataria de regularizar-se com as suas ideias criando um cisma Liberal na velha Sinagoga. (NABUCO, 1886, p. 60).

A avaliação de Joaquim Nabuco leva em consideração as posições assumidas por Taunay ao longo de sua carreira, consideradas, então, muito avançadas para o momento histórico em que foram apresentadas, marcadas por um anacronismo contrário ao habitual. Taunay antecipava questões importantes para a modernização do Brasil. Entre elas, as mais polêmicas, certamente, foram:

a) a separação das atribuições entre o Estado e a Igreja; com reflexos diretamente na adoção do casamento civil, liberdade de culto religioso e laicidade do Estado. Na opinião de Taunay, uma sociedade com múltiplas opções religiosas necessita que as relações civis sejam reguladas pelo Estado, e não por uma confissão religiosa específica. “Naturalmente os protestantes e acatólicos nunca procurarão com gosto um país onde sua religião, por disposição do Código Fundamental, é mais ou menos desconsiderada” (TAUNAY, 1877, p. 56);
b) apoio pontual à erradicação do trabalho escravo. Taunay votou e participou dos debates, primeiro, como deputado, depois, como senador, sobre o conjunto legal que resultou na abolição lenta, gradual e tardia da escravidão no Brasil. Defendeu as medidas do visconde do Rio Branco, em 1871, “A lei do elemento servil[6] foi [...] uma lei moralizadora, que entendia com a dignidade do Brasil perante o mundo civilizado, lei sem dúvida regeneradora dos nossos costumes” (TAUNAY, 1877, p. 48), mas Taunay coincidirá suas posições com as do monarca e submeter-se-á às mesmas pressões. Por um lado, o poder econômico dos grandes proprietários rurais e, por outro, a grande mobilização da frente

[5] Almirante Jesuíno Lamego da Costa (1811 – 1886), senador do Império por Santa Catarina entre 1872 e 1886.
[6] Lei do Ventre Livre, de 28 de setembro de 1871, reconhecia a liberdade aos filhos de mães escravizadas.

abolicionista e os interesses estrangeiros, principalmente da Inglaterra. Acusado de escravocrata, Taunay respondia: “[...] estou decidido a trabalhar pela abolição; não quero, porém, fazer as cousas a esmo, sem método, sem acautelar interesses vitais da nossa pátria, infelizmente ligados à negra escravidão e com ela travados” (TAUNAY, 1924, p. 146). Muitos o criticaram por seu excesso de prudência com a libertação definitiva e apontaram as tantas contradições de sua posição. Entre eles, Joaquim Nabuco (NABUCO, 1880), respondendo a uma carta de Taunay, provoca: “[...] para defender a escravidão falta-lhe a fé; para defender a liberdade, falta-lhe o amor. A sua carta acende uma vela a Deus e outra ao diabo, e daí a incerteza que todos ficamos, se quem a escreveu é no fundo da sua organização moral um escravagista ou um emancipador” (NABUCO, 1880, p. 1); o amigo André Rebouças, um dos mais íntimos, também o interpela: “Então, [...] você deveras está escravocrata? Será possível, um Taunay, o meu Taunay?" (TAUNAY, 1924, p. 146).

c) a defesa e mobilização da sociedade por uma política de imigração que priorizasse europeus e concentrasse-os em colônias nos três estados da região Sul do país, assim, incentivando a pequena propriedade em detrimento do trabalho assalariado. Nessa direção, Taunay foi um dos fundadores da Sociedade Central de Imigração, em dezembro de 1883, uma organização de incentivo e propaganda da imigração europeia ao Brasil. O primeiro artigo de seu estatuto resumia assim as proposições: “Art. 1º A Sociedade Central de Imigração tem por fim promover, por todos os meios diretos e indiretos ao seu alcance, o aumento da imigração europeia para o Brasil” (A IMMIGRAÇÃO, 1883-1884, p. 1).

d) Taunay insistiu, durante toda a vida, na defesa do que seus contemporâneos chamavam de “grande naturalização”, que era o reconhecimento à nacionalidade brasileira para todos os estrangeiros que aqui residissem e cumprissem requisitos mínimos. “A ideia da grande naturalização é hoje considerada pelos maiores pensadores do mundo, não já como medida política de elevadas consequências morais e materiais, mas como dever de reciprocidade entre as nações" (TAUNAY, 1877, p. 21);

e) a cobrança de impostos das grandes propriedades rurais como medida de controle do latifúndio e incentivo à pequena propriedade. Declarava que "[...] a grande propriedade constitui um verdadeiro óbice à pequena agricultura e à divisão de território [...] Esses abusos de propriedade só poderão ser cerceados pelo tributo" (TAUNAY, 1877, 28).

Essas questões, quase todas resolvidas, relativamente, dentro dos limites da mobilização social e das possibilidades de modificação do corpo de leis, entre o fim do século XIX e no XX, provocaram reações. Taunay tinha dimensão do impacto e do anacronismo invertido de suas propostas quando insistia na divulgação de medidas modernizadoras em um país atrasado e com uma elite disposta a mantê-lo assim. Teimosamente, todavia, argumentava:

> As ideias [...] de transformação de uma sociedade não podem pertencer a um determinado lado partidário; não podem ser apanágio nem monopólio de ninguém. Tempo virá, e Deus permita não seja muito longe do momento em que falo, em que será considerado como político impossível, quem impugne com o ardor da defesa natural e a todo o transe <u>essas ideias, essas tendências.</u> (TAUNAY, 1877, p 46-47, grifo nosso).

O trecho precedente é parte dos pronunciamentos de Taunay na Câmara Baixa do Parlamento, publicados na separata *Questões politicas e sociaes* (TAUNAY, 1877). Um folheto de divulgação política, com excerto dos debates parlamentares nos quais estão transcritos os discursos e apartes dos demais deputados sobre as suas proposições mais polêmicas. A iniciativa de publicação de um título com tal conteúdo demonstra a busca por interlocução e mobilização social para as suas propostas, bem como indica quais eram as forças que resistiam àquelas medidas. Taunay apontava que "essas ideias, essas tendências" eram inexoráveis e já adotadas como opções modernizadoras em muitos outros países, tanto americanos quanto europeus. Assim, argumenta Taunay, seguindo bons exemplos, mas não simplesmente copiando os estrangeiros, o Brasil deveria fazer o mesmo para ficar em condições de igualdade na disputa pela atenção dos movimentos migratórios. Taunay também insiste na comparação entre Brasil, Argentina e Estados Unidos e seus respectivos processos de rompimento com o passado colonial e perspectivas de futuro:

> Com as providências tomadas pelos Estados-Unidos e Platinos, eles não conseguiram e conseguem só braços e atividade corporal, não; chamaram a si ilustrações, inteligências formadas, homens eminentes, que levaram e levam como contingente àqueles países um cabedal enorme de experiência e de conhecimentos. Entre nós o que se vê? Lá o estrangeiro sente-se a cômodo, realiza o *ubi bene ibi pátria,* principio que qualquer constrangimento de ordem moral ou material modifica de modo sensível, e esse constrangimento existe no Brasil, vivaz e constante. (TAUNAY, 1877, p. 22).

Mesmo assumindo posições avançadas para a época, o viés conservador de Taunay ainda se mantém presente. Nas mesmas fontes em que estão registradas as posições mais avançadas, também, encontramos as mais retrógradas. Assim, as possibilidades de voto universal ou garantia de plenos direitos políticos às mulheres estavam excluídas de sua agenda de reformas. Sob tal enfoque, persiste a matriz de pensamento aristocrático: a política é uma atividade para poucos e assim deveria ser mantida. Taunay cita a história eleitoral francesa como exemplo do risco de concessão de amplas liberdades políticas: os "perigos do sufrágio universal, isto é, proporcionar ao despotismo de quem quer que seja, governo ou povo, uma arma muito fácil de ser manejada, como provou o ultimo domínio napoleônico" (TAUNAY, 1877, p. 9). Mesmo com essas restrições, a opinião sobre a atuação parlamentear de Taunay foi resumida por um adversário, o deputado Gusmão Lobo, nestes termos: "As ideias de V. Ex. não são de conservador, nem de liberal, são de radical" (TAUNAY, 1877, p. 37).

A incisiva oposição e as duras críticas às suas proposições, que se aplicadas significariam mudanças estruturais na organização social e política do país, acarretaram algumas frustrações e aborrecimentos a Taunay, conferindo à sua atuação nessas frentes conotações quixotescas. Tal percepção é do próprio, que, em *Cartas políticas*, de 1889, reflete: "Em geral, entre conservadores e liberais – justiça seja feita a ambos os lados – sou, não direi, acusado, mas enfim tido em conta de ideólogo, um tanto utopista, assim à maneira de algum D. Quixote armado para batalhar com moinhos de vento" (TAUNAY, 1889, p. 17).

O tradutor da edição ao francês de *Inocência*, de 1896, Olivier du Chastel, resumiu muito bem a questão: "Comme homme politique, il a été toujours, un peu à la manière anglaise, le plus libéral des conservateurs"[7] (CHASTEL, 1896 apud

[7] "como homem político, foi sempre, um pouco à maneira inglesa, o mais liberal dos conservadores" – tradução de Maria Lídia Lichtscheidl Maretti (2006, p. 34).

MARETTI, 2006, p. 34). Francisco de Castro (2005) também comenta a atuação política de Taunay, para tanto, destaca a sua ousadia em propor a reflexão sobre questões importantes para o desenvolvimento do país, mesmo não encontrando respaldo às suas reivindicações:

> [...] era o Visconde de Taunay voz dissonante; entre ele e a grande massa dos seus contemporâneos, [...] Devem julgar-se os homens, medir-se-lhes os serviços, avaliar-se-lhes a influência, não quando as idéias deles harmonizam com as da época que os brotou, senão nessa especial conjunção da vida em que foram singulares no seu modo de pensar, quando militaram sós contra as correntes gerais da opinião. (CASTRO, 2005, p. 75).

As críticas a Taunay, como já mencionamos, foram muitas. Partiam de distintos setores, questionavam tanto sua legitimidade literária quanto sua polêmica atuação política. Os argumentos mais utilizados eram a desqualificação por sua origem estrangeira, agravada por sua insistência em tornar o Brasil atrativo para a imigração europeia, e as insinuações de seu anticatolicismo, bem como os seus supostos vínculos com a maçonaria. As propostas de casamento civil[8] e liberdade religiosa[9] encontraram na Igreja Católica, então vinculada ao Estado como religião oficial, um forte ponto de resistência, mas, nesse caso em particular, a questão não foi somente política. Há também um histórico literário na crispação dos católicos para com Taunay.

No primeiro romance de Taunay, *A mocidade de Trajano* (TAUNAY, 1871), há a inclusão de um grupo de frades capuchinhos que assumem destaque na narrativa ao atuarem como aliados da vilã e madrasta do herói, Esther Donabelli, além de se comportarem de maneira pouco religiosa e caricata. O frade Candido Sparromechi e seus auxiliares – frei João Alsina e frei Angelo Furchetti – são ridicularizados na descrição de seus caracteres e na apresentação de suas ações. Não sabem falar a língua, aproveitam-se da religiosidade popular, adotam ritos heterodoxos e perseguem mais a conquista de doações financeiras do que a conversão de almas. Eis um resumo das três figuras, do capítulo XIII, do segundo volume, de *A mocidade de Trajano*:

---

[8] O casamento civil foi regulamentado no Brasil, em 24 de janeiro de 1890, pelo Decreto nº 181, promulgado pelo Mal. Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisório.

[9] A liberdade de culto religioso no Brasil foi incorporada à Constituição Federal de 1946, por iniciativa de emenda do então deputado comunista e umbandista Jorge Amado. Antes dessa determinação, somente o catolicismo tinha autorização legal para manifestações religiosas de caráter público, as demais confissões deveriam restringir-se ao recinto doméstico.

> Nas prédicas usava ele da linguagem a mais rasteira, das expressões as menos próprias e decentes, sem importar-se cacófatos, dissonâncias e solecismos capazes de provocar o riso nos mais indulgentes e devotos, caso não estivessem eles subjugados pelo império de pesado fanatismo ou pelo vigor das teorias terroristas que ouviam.
> Os dous companheiros de frei Cândido eram-lhe ao lado pálidas figuras, quase comparsas.
> Um tendia para a degenerescência gordurosa, e pelas maçãs do rosto e ponta de nariz via-se claramente o profundo amor que consagrava aos inocentes passatempos da mesa.
> O outro tinha o olhar ávido de um milhafre: instintivamente procuravão-se-lhe nos dedos unhas compridas e retorcidas, como soem ter as aves de rapina. (TAUNAY, 1871, p. 134).

A ousadia e a acidez crítica foram sentidas. Esse foi o único romance de Taunay não reeditado quando o filho, Affonso d'Escragnolle Taunay, nas décadas de 1920/1930, organizou e publicou as obras completas do pai. Ernani da Silva Bruno (BRUNO, 1984 apud MARETTI, 2006, p. 121), na introdução da apresentada como segunda edição do romance, em 1984, 113 anos depois da primeira[10], afirma que "teria havido uma deliberação tácita do autor e de seu filho para manter o livro no esquecimento, sob alegação de 'conter referências menos nobres a padres' e por ser, por isso, 'um livro ímpio'" (MARETTI, 2006, 122). Além da apresentação pouco elogiosa dos padres, há a narração da convivência marital entre o pai de Trajano e a madrasta sem os votos então necessários. Representações que em momentos de crispação religiosa podem ser exacerbadas, destacadas dos limites ficcionais e utilizadas como argumento para a promoção/censura de determinada obra.

O clero foi uma fonte constante de críticas às posições políticas de Taunay. Exemplos estão publicados no *O apóstolo*[11], periódico de orientação católica, que via na atuação de Taunay ameaças às posições da Igreja e à integridade social do país. Entre os anos de 1877 e 1889, saem, em série, semanalmente, artigos sem

---

[10] É possível a existência de "outra" segunda edição de *A mocidade de Trajano*, publicada na virada do século XIX ao XX, talvez, por ocasião do falecimento do autor. É o que sugere o extrato do catálogo da Livraria de H. Garnier, de 1901, que saiu nas páginas finais da edição de *Ao entardecer* (TAUNAY, 1901). Há, também, ao lado do extrato do catálogo, um anúncio da coleção "Biblioteca Universal", no formato in-8º, e *A mocidade de Trajano* é um dos títulos incluídos na coleção, em 2 volumes, vendidos ao preço de 2$000, 3$000 e 4$000 réis se em brochura, a encadernação acrescentava mais 1$000 a cada volume. A disponibilidade da edição, três décadas desde a primeira edição, a diferença de editor e as opções de encadernação são fortes indícios dessa "outra" segunda edição. A pesquisa mais direcionada poderia localizá-la e atestar, categoricamente, a sua existência.

[11] *O apóstolo* – Órgão editado sob responsabilidade da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Circulou entre 1866 e 1901.

assinatura, intercalados ao conteúdo editorial, com críticas mordazes e reprovações às propostas de reforma apresentadas por Taunay:

> Diante desse futuro tétrico que se antolha, muito devemos considerar nas loucas teorias do Sr. Taunay que, sem conhecer nossas circunstâncias e nem estudar as nossas necessidades, levanta-se entre um povo ignorante com todos os velhos pareceres sobre o casamento civil, e grita por uma reforma que, não trazendo bem nenhum à nação, só trará a anarquia, a extinção da família e a desordem social. Não iludamo-nos, não se iludam os estrangeiros, os mesmos protestantes; o fim do Sr. Taunay é cumprir uma missão de que se acha encarregado pela maçonaria, e buscar para si e seus amigos os grandes lucros que produziu e ainda pode produzir a colonização estrangeira. (*O Apostolo*, 1885, p. 2).

A defesa de um conjunto polêmico de propostas e com grande repercussão em setores organizados da sociedade sugere que, em alguns momentos de sua atuação política, Taunay assumiu as mesmas posições que as do imperador, dado que este deveria ter uma atuação política regrada pelo protocolo da função e não poderia assumi-las publicamente. Nessa apreciação, as posições oscilantes de Taunay, entre conservadoras e liberais, podem encontrar coerência e sentido. Nem *luzia* nem *saquarema*[12], neste caso, o mais correto seria *imperial* por sua identificação com as posições políticas do chefe do poder moderador.

2.2 AS POLÊMICAS: MEYERBEER, IMIGRAÇÃO E LITERATURA

Além da reação política e institucional de setores ligados à Igreja católica, Taunay enfrentou outros ataques. Entre eles, o seu mais aplicado e obstinado contendedor foi Tobias Barreto[13], seguido de perto por Sylvio Romero, este, movido pela admiração que sentia pelo poeta sergipano, fez coro aos ataques e não poupou oportunidades para também registrar sua antipatia por Taunay. Os lances mais importantes da controvérsia entre Taunay e Barreto tornar-se-iam conhecidos como: a polêmica sobre Meyerbeer. Episódio pouco estudado na fortuna crítica de Taunay,

---

[12] Os termos *luzia* e *saquarema* são as alcunhas dos partidos Liberal e Conservador, respectivamente, durante o Império.

[13] Gilberto Freyre, em *Ordem e Progresso* (FREYRE, 1990), atribui a complicações de saúde a virulência dos ataques de Barreto a Taunay. Comenta Freyre: “Tobias Barreto – com suas iras exageradas de panfletário sempre zangado, seu ódio extremo a Nabuco, seu despeito violento contra Taunay – talvez tenha sido, menos o endemoninhado que nele enxergaram os acácios da época, que um brasileiro secretamente tocado em personalidade pela sífilis, tantas vezes inimiga dos grandes homens através dos nervos” (FREYRE, 1990, p. CLII).

conquanto sua repercussão tenha sido importante para a publicidade de juízos depreciativos pertinentes à sua obra e pessoa: “Aliás, nem mesmo os críticos de Taunay preocupam-se em mencionar ou estudar a polêmica, apesar de ela se ter arrastado por veementes e cáusticas réplicas e tréplicas” (MARETTI, 2006, p. 49).

Tobias Barreto iniciou a controvérsia pública, no verão de 1880, com uma réplica a um artigo de Taunay intitulado “Meyerbeer e a Ópera Os huguenotes” (TAUNAY, 1879). O texto motivo da querela é uma longa resenha relativa a essa e outras obras deste compositor, publicado pela *Revista Brasileira*. O texto de Taunay é despretensioso, um comentário para não iniciados sobre um dos principais compositores de óperas da primeira metade do século XIX, encenadas em Berlim, Munique, Milão e Paris. Assim iniciava Taunay a breve análise:

> Com a inesperada criação de *Roberto do Diabo*, o maestro Giacomo Meyer Liebmann Beer, que a história conhece por Meyerbeer, depois de proclamar a sua quase completa independência das formas e ideias da escola italiana, às quais devera contudo em larga parte a sua educação e os seus triunfos de Emma di Resburgo e do Crocaito, iniciou uma era nova nos anais da música. (TAUNAY, 1879, p. 151).

O conteúdo da réplica de Tobias Barreto foi desproporcional, deixava de lado o suposto objeto da polêmica e partia para ataques pessoais, em perceptível tentativa de desqualificação do oponente. Os ataques direcionavam-se tanto para Taunay quanto para os editores da *Revista Brasileira*, por terem recebido e publicado o artigo sobre Meyerbeer. Os termos utilizados por Tobias Barreto fizeram com que a revista negasse a divulgação do texto. Barreto, inconformado com a recusa, envia seu artigo ao *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, onde foi publicado sob o título “Alguma cousa também a propósito de Meyerbeer” (BARRETO, 1880b; 2012). Iniciava-se assim:

> A leitura de um longo e detalhado artigo sobre *Meyerbeer e a Ópera Os huguenotes*, estampado na *Revista Brasileira*, de 15 de outubro de 1879, e cujo autor há nome Alfredo d’Escragnolle Taunay, a quem não tenho a honra de conhecer, foi para mim de um efeito extraordinário, quase maravilhoso. Eu conto o caso. Ao se me deparar aquela epígrafe, em aparência simples, mas no fundo pomposa e prometedora, atirei-me ao artigo com toda a voracidade de um leão em jejum, ou de um espírito afeiçoado a trabalhos de tal gênero, porém que a seu pesar não os encontra de boa qualidade

> nos grandes armazéns da jornalística pátria. (BARRETO, 2012, p. 233).

No texto de Tobias Barreto, a nomeação de Taunay é insistentemente depreciativa. Ali os termos mais leves para referir-se ao autor fluminense são “beletrista cabriola” (BARRETO, 2012, p. 246) ou “o ilustre major literato” (BARRETO, 2012, p. 253), no mesmo sentido, refere que as suas capacidades de crítico musical eram limitadas à diversão do público feminino, da massa popular ou de quem não possuía senso crítico suficiente para saber do que se falava:

> A tomarem-se-lhe as dimensões pelo escrito de que me ocupo, o Sr. Taunay não será de certo um pigmeu, mas muito menos um vulto, que imponha pela estatura. O seu trabalho, que pode ser, segundo o costume da terra, perfeitamente adequado [...] a *dilettare le femmine e la plebe*, para quem tem um pouco mais desenvolvida a *faculté mâitresse* da crítica despreocupada, é um esplêndido testemunho de pobreza. Não sou eu quem o diz; é o próprio escrito que chamo a depor em defesa de tal asserção (BARRETO, 2012, p. 235).

Taunay responde ao artigo de Tobias Barreto também no *Gazeta de Notícias*, em 22 do mesmo mês (TAUNAY, 1880). Para tanto, argumenta não ver razão para as controvérsias sobre questões tão simples e reserva-se ao direito de não mais responder a Barreto e dá, sumariamente, por encerrada a polêmica. Taunay ainda sugere que o comportamento do interlocutor é uma tentativa de despertar a atenção sobre si e, o duelo pela imprensa, uma mera manifestação de histrionismo do sergipano, que aproveitava a suposta polêmica para atrair mais atenção sobre o seu nome. Eis um dos trechos da tréplica de Taunay:

> É escusado dizer que me não fizeram a mínima mossa as *amabilidades* e pesadas ironias do incompetente e espinhoso censor; não pude contudo, deixar de lamentar o sistema pouco leal e nada científico com que ele torceu o sentido das frases d’aquele ligeiro estudo, que nunca pretendeu o espalhafato de envenenada controvérsia, e esteve a esmerilhar palavras para, em base tão frágil e contrária aos princípios da moderna e sã argumentação [...] com o desdenhoso sorriso de experimentado duelista. (TAUNAY, 1880, p. 2).

Tobias Barreto não acolheu o pedido de finalização da discussão, nos termos sugeridos por Taunay, e voltaria à carga pelas páginas do *Jornal do Recife*, em abril

de 1880[14], em um longo artigo, ainda mais corrosivo que o de fevereiro, sob o irônico título de “O célebre Sr. Alfredo d’Escragnolle Taunay e o obscuro escritor da Escada”[15] (BARRETO, 1880a; 2012). Entre as tantas provocações ali reunidas, encontramos:

> Não sei se o felicíssimo Sr. Alfredo d’Escragnolle Taunay é realmente *empeiros tón polemikon*, isto é, realmente hábil na arte militar; não sei que valor tem a sua espada; mas se vale tanto como sua pena, então é certo que a pátria não tem motivos de orgulhar-se pela posse de tal filho. (BARRETO, 2012, p. 277).

Taunay não respondeu, recusou o debate sob as balizas propostas por Barreto e impediu que este episódio ampliasse ainda mais a sua repercussão. Alcides Bezerra resumiu de maneira irônica os acontecimentos e o comportamento do sergipano: “Tobias, orgulhoso, talento de primeira ordem, sabia muita coisa e, fiado na incultura do meio, simulava saber muito mais” (BEZERRA, 1937 apud MARETTI, 2006, p. 49).

Por sua vez, Sylvio Romero, em várias de suas obras de historiografia literária, retoma a controvérsia de 1879/1880 para enaltecer o comportamento e os posicionamentos de seu conterrâneo Tobias Barreto em detrimento aos de Taunay (ROMERO, 1888; 1905; 1906). A distinção é que o retorno ao debate tem como objetivo atualizar a desqualificação de Taunay sob a perspectiva da militância em prol da imigração europeia, expandindo-se para as questões literárias e pessoais. Romero insiste que Taunay era diretamente interessado nas causas que advogava, comprometido eleitoral e ilicitamente com o assentamento daqueles imigrantes e colocava em risco a integridade territorial do país.

> [...] quando se diz que o escritor do norte é um amigo de alemães, é um alemanista, é em sentido bem diverso do que se pode dizer, *verbi-gratia,* do senador Escragnolle Taunay. Porquanto este galante arranjador político, sem saber nada da Alemanha, da sua literatura e da sua ciência, e, o que é um pouco pior, sendo um espírito fundamentalmente francês e inimigo do ideal germânico, também passa agora de fresco por *alemanista....*

---

[14] O artigo foi publicado em cinco partes, no *Jornal do Recife*, nos dias 13, 14, 15, 17 e 24 de abril de 1880. Uma das edições consultadas das obras de Tobias Barreto (BARRETO, 2012, p. 254) altera o título deste artigo para “Ainda alguma coisa também sobre Meyerbeer”. A mudança não é justificada, mas pode estar relacionada a uma tentativa de eliminação da ironia do título original.

[15] Escada, munícipio de Pernambuco, onde então residia Tobias Barreto.

> Mas é o alemanismo corriqueiro da imigração, o alemanismo manhoso que entrega municípios inteiros do país a estrangeiros para que deem em troca votos nas eleições e arranjem lugares no parlamento.
> D'este falso alemanismo Tobias Barreto é decidido inimigo; não deseja subtrair ao nacional porções de nosso território; quer, ao contrário, que ele seja rei e senhor em seu país, armado de todos os recursos, de todas as conquistas que a cultura, a grande cultura possa oferecer.
> O apelo para a ciência alemã é um aviso de espirito previdente. Este sim, este é o alemanismo que nos convém. Dele é o Sr. Taunay acérrimo inimigo e o provou, ridicularizando o seu propugnador na celebre questão que contra este travou a propósito de Meyerbeer!...
> É muito significativo: tudo quanto possa fortalecer o espirito do nacional e o habilitar a pugnar por si em prol do futuro d'este país, o senador áulico, o estrangeirista vistoso repele. Seu ideal é outro. "Quem dera que estes diabos de brasileiros desaparecessem, e uma onda de estranhos lhes ocupasse o vasto e rico pais!... Que pena! para que região tão ubertosa em mão de semelhante corja?!... São tão preguiçosos!... O estrangeiro sim!... Ah! o que *nós* não seriamos, si fossemos descobertos por holandeses, ou franceses !..." Taunay ainda é do número dos *engraçados* que repetem palavreados d'esta ordem (ROMERO, 1888, p. 1333-1334, grifo do autor).

A questão que Sylvio Romero não explicita e que era a essência de seu desentendimento com Taunay está relacionada às dúvidas sobre qual seria o modelo de recepção de imigrantes europeus no Brasil. Qual seria a maneira mais proveitosa de instalar os recém-chegados? Enfim, qual a política de imigração seria efetivamente implementada pelos governos central e regionais? Os imigrantes seriam incorporados ao mercado de trabalho como assalariados rurais nas áreas já exploradas pela agricultura, principalmente na lavoura cafeeira do Sudeste, ou seriam instalados em pequenas propriedades, organizados em colônias, nas regiões inexploradas do Sul do país? Taunay e seus correligionários da Sociedade Central de Imigração[16] optaram pela defesa da segunda opção. Sylvio Romero e seus aliados preferiam o assentamento em zonas exploradas e incorporadas à produção.

Romero, assumido entusiasta e admirador de Tobias Barreto (ROMERO 1888, 1905, 1906), aproveita as questões levantadas na polêmica sobre Meyerbeer e amplia para questões de imigração que culminam em seus juízos literários sobre a pessoa e a obra de Taunay. Neste movimento, Romero apresenta diversas páginas

[16] A Sociedade Central de Imigração foi fundada por Karl Von Koseritz, Hermann Blumenau e Hugo Gruber, editor do *Allgemeine Deutsche Zeitung*. Funcionou entre 1883 e 1891, tempo em que seus membros fizeram ampla campanha em favor não só da imigração europeia no Brasil, mas, também, de diversas reformas liberalizantes que iam desde o código civil a questões agrárias e de propriedade da terra. A Sociedade Central de Imigração editou dois periódicos no período de seu funcionamento, *Sociedade Central de Immigração* e *A immigração*.

com intervenções predominantemente negativas e que rebaixam tanto o trabalho quanto a obra de Taunay. Entre as várias páginas depreciativas produzidas, elencamos alguns trechos ilustrativos. Longos, mas necessários à compreensão desses (pré) juízos de Sylvio Romero. Um dos trechos personifica Taunay como um visionário sonhador obstinado por ideias estrangeiras:

> Daí, esse sonhar constante, com a imigração, a colonização, as grandes naturalizações, os casamentos civis e quejandos assumptos e problemas em que o brasileiro é representado como um ser doente ou desequilibrado que precisa de vacina alienígena para viver e prosperar (ROMERO, 1906, p. 191).

Outro posiciona as críticas a Taunay em planos mais estritamente literários:

> No Brasil são muito fáceis estas bulhentas e rápidas famas literárias conferidas a políticos poderosos por seus aduladores, mestres eméritos no sistema de criar legendas facilmente aceitas por ruma opinião indisciplinada e supinamente ignorante, como a nossa. Mediocridades irrecusáveis são transformadas da noite para o dia em colossais notabilidades. Escragnolle Taunay, o senador áulico, o esperto iludidor dos estrangeiros para seus fins pessoais, é d'este número (ROMERO, 1888, p. 812).

Essa escala de posições depreciativas sobre a atuação de Taunay pode ser considerada como uma pré-avaliação ou, até, um preconceito crítico na abordagem da sua obra literária por Sylvio Romero. E sua (pré) posição ofusca, deturpa e menospreza o seu objeto de análise: “Escragnolle Taunay, com a *Mocidade de Trajano, Ouro sobre azul, O Romance de uma mulher* [sic]*;* e, sobretudo, *Inocência,* livro de mérito, sem ser um monumento, como alguns têm querido crer” (ROMERO, 1905, p. 75). A produção de Taunay é resumida a uma parte de seus romances, um título é alterado; e sua obra-prima, diminuída. Romero, também, insiste no que considera a contradição elementar de Taunay – a sua nacionalidade – como elemento depreciativo de sua atuação e de sua produção literária: “uma espécie de contradição, que parece intrínseca e fundamental, entre o romancista e o político: aquele um dos mais *brasileiristas* havidos; este um dos mais *estrangeiristas* aparecidos em plagas nacionais” (ROMERO, 1906, p. 190, grifo do autor). Sylvio Romero introduz os sinais negativos mesmo quando, aparentemente, procura atenuar suas avaliações em relação a Taunay:

> Eu já disse possuir o autor de *Inocência* em maior escala que Machado de Assis o sentimento da paisagem e mais do que Alencar o conhecimento direto da natureza brasileira. É o maior elogio que lhe pode ser feito; porque em tudo mais não suporta o paralelo com os dois melhores mestres do romance nacional. A sua obra, tomada em conjunto, como forma e como fundo, é consideravelmente inferior à do autor de *Senhora e* à do escritor de *Braz Cubas.* Revela um espírito muito mais limitado e menos possante (ROMERO, 1906, p. 196).

Sylvio Romero foi um dos destaques e uma das referências da crítica literária brasileira do final do século XIX, mesmo com métodos posteriormente questionados, seus juízos contribuíram ativamente para a fixação das percepções sobre esse campo literário e seus agentes. A comparação da obra de Taunay com Alencar e/ou Assis se, por um lado, sugere os seus limites, por outro, também a engrandece quando indica quais são os parâmetros para analisá-la.

2.3 A ATOPIA DE TAUNAY

As posições de Sylvio Romero no tocante à obra de Taunay, em parte, já destacadas, iniciam o histórico das dificuldades que a ela reservaria a maioria dos críticos e historiadores literários durante quase todo o século XX e – em alguma medida – ainda persistem no XXI. Em consequência, a obra de Taunay foi reduzida a uma metonímia. Uma parte foi adotada como representação do todo e muito foi eclipsado. O recorte crítico que priorizou o didatismo com a eliminação de contradições gerou os empecilhos para a justa avaliação da sua obra, que mais tem a oferecer que um romance e uma narrativa de guerra.

A primeira dificuldade está relacionada com a dimensão da obra literária de Taunay. Quando consideramos a diversidade de gêneros, temas e estilos das produções, deparamo-nos com uma questão: o que poderia ser classificado como literário de todo aquele conjunto? Que pode ser parafraseada: quais seriam as obras que satisfariam os critérios mínimos para considerá-las como a parte literária da produção de Taunay? E, ainda, quais seriam esses critérios mínimos para tal classificação? Pressupondo que estas questões fossem admitidas e uma resposta formulada, uma parte considerável da sua obra estaria fora da classificação. E isso em razão da diversidade e multiplicidade de opções que não seriam contempladas, por mais lassos que fossem os critérios desta literariedade da obra de Taunay. Por

conseguinte, não há inconveniências em afirmar que todo o conjunto da obra é relevante para a pesquisa e o conhecimento do autor. A ocorrência de produções que poderiam não corresponder a quaisquer dos recortes propostos, nas respostas às questões anteriores, indicaria que tais recortes não foram adequados ou são ineficientes dado o número de exceções que comportariam.

Há, também, uma dificuldade na classificação das referências de mundo que Taunay apresenta em suas obras. Ele seria um escritor regionalista, europeísta ou cosmopolita? Há uma tendência em tornar absoluta uma dessas abordagens, assim, restringindo a abrangência das referências a uma única opção entre as colocadas. Em algumas abordagens, prevalece o testemunho da cor local por um brasileiro, em outras, é um estrangeiro quem fala a brasileiros ou somente para estrangeiros. Essa tendência por determinar o *status* e a validade do enunciador poderia produzir situações inusitadas, como a do brasileiro nato que precisa provar sua brasilidade, ou seja, sua legitimidade como produtor literário com plenas condições de participar das atividades desse campo.

Outra dificuldade encontrada pela obra de Taunay está nas tentativas didáticas de enquadrá-la como romântica, realista ou mesmo como de transição entre as escolas e os períodos. Último romântico, primeiro realista ou em trânsito? Se tais classificações têm fins didáticos, sua utilização, no caso da obra de Taunay, cria mais problemas do que supostamente resolve. Qualquer dos enquadramentos implicará na apresentação de uma série de exceções, uma situação pouco operativa. Assim, nenhuma das classificações se impôs como definitiva e a sua utilização está restrita aos resumos com fins didáticos.

Maria Lídia Lichtscheidl Maretti, em *O visconde de Taunay e os fios da memória* (2006), destaca o que denomina de atopia de Taunay: “a espécie de vácuo, o ‘sem lugar’, a atopia de Taunay na história literária” (MARETTI, 2006, p. 100). A falta de lugar pode ser exemplificada pelas persistentes dualidades a partir das quais sua obra costuma ser considerada: romântica ou realista; regionalista ou cosmopolita; francesa ou brasileira, bem como pela insistência de alguns manuais didáticos em restringir o rol de suas obras ou desconsiderá-las por completo, como exemplos, o volume recente de Carlos Nejar, *História da literatura brasileira: da carta de Caminha aos contemporâneos* (2011), em que essas duas situações coexistem. Também *Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos* (2002), de Luiz Roncari, em que a obra de Taunay não é sequer mencionada.

A construção dessa atopia crítica com relação à obra literária de Taunay começa com as considerações de Sylvio Romero (1888; 1905; 1906) e recebeu contribuições de diversas outras procedências. E outro contemporâneo de Taunay que também contribuiu para a construção dessa atopia foi José Veríssimo (1998). Este, ao contrário de Sylvio Romero, demonstra alguma simpatia a Taunay e não carrega a sua leitura com preconceitos de ordem pessoal. Veríssimo até aceita Taunay como escritor brasileiro, remarcando sua origem estrangeira e destacando que a realização do "sentimento nacional" em sua obra é até melhor do que em *brasileiros tradicionais*: "apareceu em nossas letras um escritor que, sem embargo da sua procedência francesa e ser de raça um puro europeu, o possuiu [assunto nacional] como poucos brasileiros de nossa formação tradicional" (VERÍSSIMO, 1998, p. 305, grifo nosso) e continua:

> Taunay, a quem tive a ventura de conhecer de perto, não obstante a sua dupla origem estrangeira, era um genuíno brasileiro de índole e sentimento. Não lhe faltavam sequer sinais de nossas peculiaridades, o que lhe completava a caracterização nacional. A sua literatura de inspiração, sentimento e intenção brasileira é a expressão sincera desta feição. O seu europeísmo ainda muito próximo apenas lhe transparece no ardor com que, apesar de conservador de partido, se emprenhou por ideias liberais (VERÍSSIMO, 1998, p. 307, grifo nosso).

A questão das origens europeias é ressaltada e inclusa por adversativas – "sem embargo", "não obstante" – revelando o princípio da contradição e da configuração da atopia. Não é estrangeiro, tampouco é plenamente brasileiro. A Taunay, sob tal perspectiva, está reservado o lugar de *brasileiro não tradicional*, ou, em outros termos, aquele que precisa se esforçar para parecer ainda mais brasileiro do que de fato é. Veríssimo, mesmo considerando a obra de Taunay de "inspiração, sentimento e intenção" nacional, não lhe outorga a cidadania integral como brasileiro nato – que ele de fato e de direito era – e com condições plenas de atuação nesse campo literário, pois dominava as regras, os temas e os gêneros praticados. Faltava sua legitimação como autor nacional. É preciso destacar que tais questões envelheceram, permanecem datadas e circunscritas ao debate intelectual da segunda metade do século XIX. A nacionalidade ou não de uma obra literária ou um autor é um aspecto irrelevante na atualidade. Entretanto, entre Taunay e seus

contemporâneos, foi uma questão primordial, era a que determinaria todas as demais.

Outro ponto de ausência de legitimidade apontada por esta leitura da obra de Taunay centra-se na consideração da narrativa das peripécias da *Expedição a Mato Grosso* como obra estrangeira. José Veríssimo desterra *A retirada da Laguna* (TAUNAY, 1871) da literatura brasileira, aplica sumariamente o critério filológico clássico e a exclui de ser avaliada como obra do nosso sistema literário:

> Depois de *Inocência*, a sua obra mais viva, e digno par desta, é a *Retirada da Laguna*, ou antes *La Retraite de Lagune*, pois foi escrita em francês. O ser escrita nesta língua porventura contribuiu para lhe dar a sóbria elegância e o imenso vigor descritivo que a distinguem na sua obra, mas de alguma sorte a desterra da nossa literatura (VERÍSSIMO, 1998, p. 308-309).

A exclusão desta obra do seu rol de suas obras produziria um perfil muito diferente do que conhecemos de Taunay, em que esta é parte elementar e que a repercussão no restante da sua obra e em toda a sua atuação são nítidas. A desconsideração de *A retirada da Laguna* (TAUNAY, 1871) como obra literária brasileira gerou mais dificuldades do que contribuiu para o conhecimento do conjunto da obra de Taunay e, também, dos processos históricos de funcionamento do nosso sistema literário. O campo de circulação e produção de sentido de *A retirada da Laguna* (TAUNAY, 1871), mesmo com suas edições em francês, foi restrito, fundamentalmente, ao sistema brasileiro e às suas relações. E, por mais que Taunay acalentasse, nunca houve reivindicações desde o campo literário francês – ou de qualquer outro em que esta língua fosse utilizada – para que aquela obra ali encontrasse lugar e aliviasse-a do desterro imposto por Veríssimo.

José Verissimo também contribuiu para a atopia de Taunay ao determinar um maior destaque aos romances em detrimento dos demais gêneros praticados: “o seu lugar na história da nossa literatura são os seus romances somente que merecidamente lho conferem” (VERÍSSIMO, 1998, p. 309). Esse destaque implicaria em uma análise que mais excluiria do que incluiria obras, ofuscando a percepção sobre o conjunto de gêneros e a diversidade de temas. A sugestão desse recorte de destaque só é possível quando *A retirada da Laguna* está desterrada, segundo os limites filológicos impostos pelo mesmo Veríssimo (1998, p. 309). Assim, a consideração exclusiva dos romances não prospera na fortuna crítica de Taunay.

Essa perspectiva, justificada pelo histórico de valoração das formas literárias entre nossos produtores e críticos, ofuscaria a consideração sobre as obras de outros gêneros. Nesse sentido, principalmente, as narrativas curtas que foram desenvolvidas com maestria e conhecimento da matéria (MATE, 1950).

Lúcia Miguel Pereira, em obra publicada em 1950, *História da Literatura Brasileira: prosa de ficção – 1870 a 1920* (1988), repercute tanto as opiniões de José Veríssimo (1998) quanto de Sylvio Romero (1905; 1906) sobre a obra de Taunay. Cede em relação ao primeiro por incluir *A retirada da Laguna* (TAUNAY, 1871) como objeto literário brasileiro: "não obstante ter ultrapassado o meio século de vida, deve a dois livros escritos antes dos trinta anos o lugar em nossa literatura: *A retirada de Laguna* e *Inocência*" (PEREIRA, 1988, p. 40) e ao segundo por considerar o conjunto completo da ficção produzida e também reconhecer-lhe a plena nacionalidade "inteiramente brasileiro, pelo sentimento, pela índole, pelo amor ao Brasil" (PEREIRA, 1988, p. 40). Entretanto insiste que o lugar de Taunay está determinado e restrito a essas duas obras mencionadas.

Quando considera a ficção produzida, destaca os romances e, entre eles, qualifica *Inocência* (TAUNAY, 1872) como ponto culminante e incomparável aos demais volumes do gênero. Há, na opinião de Pereira (1988), um "desnível" e uma "decadência" quando os outros títulos são perfilados com a heroína de Sant'Ana do Paranaíba. Aponta que mesmo no caso de *A mocidade de Trajano* (TAUNAY, 1871), ambientado em uma fazenda cafeeira, romance anterior a *Inocência*, a reprodução dos caracteres é infiel à paisagem. A narração reproduz o ambiente da corte, e não o sertão. "O motivo da decadência estará certamente na infidelidade de Taunay aos temas rurais, a que tão bem se adaptara o seu feitio" (PEREIRA, 1988, p. 41).

A partir dessa comparação fica evidente o desequilíbrio entre as representações do sertão e da corte nas primeiras obras de Taunay, segundo a constatação de Lúcia Miguel Pereira (1988). A autora amplia e explicita a questão: enquanto nas narrativas sertanejas predomina a representação sem as travas impostas pela convivência social, nos romances urbanos, estão nítidas as coerções do "bovarismo da sociedade" que dissimula e impõe um registro moralmente "adequado" (PEREIRA, 1988):

> Ao retratar a gente de sua igualha, Taunay como que se deixou dominar pelo assunto em vez de o dominar, e as intrigas românticas

> e as palavras pomposas lhe vinham tão invencivelmente à imaginação como lhe viera a verdade ao pintar seres diferentes daqueles com quem convivia [...] o desnível de sua obra parece mostrar nele o mais típico exemplo da pressão exercida sobre os escritores pelos postulados românticos e pelo bovarismo da sociedade. (PEREIRA, 1988, p. 43).

Neste ensaio, Lúcia Miguel Pereira (1988) cita a ficção curta “Ciganinha”, incluída em *Ao entardecer* (TAUNAY, 1901), apenas de passagem para a construção da argumentação mais abrangente sobre o autor, eliminando de consideração crítica essa e as demais peças do mesmo gênero.

> Muitos anos mais tarde, na *Ciganinha*, novela constante do volume *Ao entardecer*, publicado depois de sua morte, volta a encontrar, para compor os traços da heroína, astuta caipirinha, alguns ecos de vivacidade de *Inocência*; e isso porque a viu em função do meio, tão radicada nele como um regato cantante ou um arbusto em flor. (PEREIRA, 1988, p. 41).

A questão é que no conjunto das demais ficções curtas de Taunay, também, encontram-se outras personagens que compartilham as mesmas características presentes nas personagens de “Ciganinha” (TAUNAY, 1901), constando tanto em *Histórias brasileiras* (TAUNAY, 1874) quanto em *Narrativas militares* (TAUNAY, 1878). Nas ficções curtas inseridas nesses volumes, em que predominam os cenários e personagens do sertão, Taunay complementa o painel sertanejo iniciado nos seus primeiros romances.

Resumidamente, a autora destaca a contribuição de Taunay para a mudança gradativa de foco nos temas literários predominantes, durante a década de 1870, desde o indianismo idealizado dos primeiros românticos ao regionalismo observado dos últimos. Segundo Lúcia Miguel Pereira (1988), os qualificativos de *Inocência* fazem de Taunay o único autor carioca que se envolveu nesse processo que amplia o conjunto de temas predominantes em nossa literatura nacional. Retornaremos a tais questões nas seções e capítulos que seguem.

2.4 OS NOVOS LEITORES: ALÉM DO PAR *INOCÊNCIA-RETIRADA*

A obra de Taunay encontraria leitores um pouco mais generosos entre os brasileiros e considerações de alguns estrangeiros que destoavam, em algumas

partes, principalmente, daquelas de Sylvio Romero e José Veríssimo. A publicação e a ordenação do conjunto de suas produções, nas décadas de 1920 e 1930, bem como a saída de *Memórias* (TAUNAY, 1948a), na década de 1940, contribuíram para o surgimento de novas interpretações da obra e da atuação de Taunay. Elas possibilitaram o reposicionamento com relação aos juízos de seus contemporâneos, a revalorização das explorações temáticas e das soluções formais empreendidas e, fundamentalmente, o rompimento com a preponderância do par *Inocência-Retirada*, que obliterou a consideração crítica de grande parte de sua produção. Também funcionou aqui, de maneira determinante, para as novas considerações, o distanciamento histórico, que eliminou boa parte das nódoas próprias das divergências políticas e literárias do tempo. Entre os novos leitores destacaremos as intervenções de: Martín García Mérou (1900); Hubert Emery Mate (1950), Antonio Candido (2000), Alfredo Bosi (1994; 2012), João Luiz Lafetá (2004), Maria Lídia Lichtscheidl Maretti (2006), Olga Maria Castrillon-Mendes (2010), Sergio Medeiros (1997; 2000; 2004 e 2015), entre outros.

Tais considerações quanto à obra de Taunay ampliam os títulos e gêneros a serem considerados para a determinação do conjunto de sua produção literária, reposicionam-na para além dos limites do par *Retirada-Inocência* e oferecem opções ao impasse da transição romântico-realista em que sua atuação foi circunscrita por alguns de seus comentadores. As referidas leituras concentram-se na segunda metade do século XX.

Hubert Mate, acadêmico estadunidense, brasilianista e vinculado às forças militares de seu país, ainda em 1950, publicou na revista Iberoamericana, o artigo “Um exame crítico dos contos de Taunay” (MATE, 1950) em que resgata um importante aspecto daquela obra, a sua produção contística, até aquele momento pouco considerado pela crítica brasileira.

> Estas duas obras [*A retirada da Laguna* e *Inocência*] são, sem dúvida, os produtos de mais fama que saíram da pena de Taunay, porém, este mesmo homem teve uma produção literária que foi positivamente prodigiosa. Entre essa produção figuraram-se alguns dos melhores contos escritos no Brasil durante o século XIX (MATE, 1950, p.153).

Hubert Mate destaca que, nesse gênero, Taunay alcança um alto nível de qualidade e que nos contos em que o sertão e os sertanejos são os protagonistas

chega à maestria. “E quando Taunay volta ao seu querido sertão, como em ‘Ciganinha’, e quando escreve num tom de formalidade fingida, como em ‘Rapto original’ ele é magnífico.” (MATE, 1950, 170). A originalidade da análise de Mate (1950) está na consideração de um gênero específico e o seu desenvolvimento na obra de Taunay. Estuda todos os contos de *Histórias brasileiras* (TAUNAY, 1874), *Narrativas militares* (TAUNAY, 1878), *Ao entardecer* (TAUNAY, 1901) e as duas fantasias líricas que estão em *Céus e terras do Brasil* (TAUNAY, 1882), textos que até então não tinham recebido tal atenção nem tratamento específico quanto aos seus aspectos formais. A leitura realizada por Herbert Mate dos contos de Taunay está subsidiada por estudos críticos anteriores, entre eles destaca-se o realizado por Martin García Mérou (1900).

O crítico estadunidense relembra-nos que uma das primeiras análises da produção contística de Taunay foi realizada por Martin García Mérou, diplomata argentino e contemporâneo de Taunay, que, em *El Brasil intelectual: impressiones y notas literárias* (MÉROU, 1900), dedica alguns capítulos para o comentário e a apresentação da obra de Taunay ao leitor de língua espanhola. García Mérou apresenta uma visão panorâmica, utilizando como critério de organização do trabalho os gêneros praticados – os romances, os contos, a narrativa épica, os quadros da natureza –, traduz ao espanhol longos trechos, sempre destacando as contribuições formais e a criação de tipos e personalidades típicas para produção da literatura brasileira em cada um daqueles gêneros específicos. Sua avaliação de *Inocência* (TAUNAY, 1872) merece atenção:

> *Innocencia* me parece sin disputa la más hermosa novela escrita en Sud-América por un sudamericano [...] No conozco ninguna obra de su género, aparecida en nuestro continente, a quien se haya deparado una fortuna semejante. Y el hecho de que la mayor consagración recibida por esta creación admirable lo haya sido en el extranjero, basta para mostrar cuánto es su mérito real y cuál la seducción irresistible que ejerce sobre el espíritu de sus lectores.[17] (MÉROU, 1900, p. 166).

[17] “*Inocência* me parece, sem concorrência, o mais belo romance escrito na América do Sul por um sul-americano [...] Não conheço nenhuma obra de seu gênero, aparecida em nosso continente, que encontrou semelhante destino. E o fato de que a maior consagração recebida por essa criação admirável tenha sido no estrangeiro, basta para mostrar quanto é o seu mérito real e qual a sedução irresistível que exerce sobre o espírito de seus leitores. ” (MÉROU, 1900, p. 166, tradução nossa).

Especificamente, sobre os contos de *Histórias brasileiras* (1874), que são destacados e analisados um a um, García Mérou sintetiza: “Lo que domina en ellas es la sinceridade de la impresión poética, la verdade del paisaje, la novedad del exotismo”[18] (MÉROU, 1900, p. 154). E insiste que, além de refinado paisagista, Taunay era conhecedor dos tipos humanos que representava:

> Esta familiaridad con la naturaleza se une al conocimiento perfecto de la psicologia del habitante del desierto, del *sertanejo*, nombre intraducible en nuestra lengua. En todas las obras del visconde de Taunay resalta esta cualidad, que le hace pintar con sobriedad y con exactidud la vida de estos errantes señores de la soledad.[19] (MÉROU, 1900, p. 143).

Martín García Mérou e Herbert Mate, como estrangeiros, estavam distantes das coerções impostas pelas questões político-literárias contemporâneas a Taunay. Desse modo, apresentam avaliações que, se não foram conhecidas, divulgadas e exploradas no Brasil em seu tempo, estarão em consonância com as leituras que emergirão na crítica nacional do pós-década de 1950. São leitores de relevância, pois acrescentam à fortuna crítica de Taunay aspectos desconsiderados por brasileiros e indicam que, em parte, o projeto de circulação internacional, acalentado por Taunay, realizou-se.

Antonio Candido, em *Formação da literatura brasileira* (2000), texto originalmente publicado em 1957, dedica um subcapítulo para a leitura e o comentário crítico da obra de Taunay, intitulado “A sensibilidade e o bom senso do Visconde de Taunay” (CANDIDO, 2000, p. 275-282). Em sua contextualização e avaliação, Candido distingue Taunay da grande maioria de seus contemporâneos por conhecer, com propriedade, os temas, os cenários e as personagens que reproduzia; amplia o leque de obras do autor a serem consideradas criticamente e dedica atenção ao conjunto de romances, assim como destaca os demais gêneros praticados, realçando que esta produção é marcada por uma sensibilidade estética apurada e um senso prático forjado em contato direto com o mundo que depois representaria:

---

[18] “O que domina nestas narrativas é a sinceridade de impressão poética, a verdade da paisagem, a novidade do exotismo. ” (MÉROU, 1900, p. 154, tradução nossa).

[19] “Esta familiaridade com a natureza se une ao conhecimento perfeito da psicologia do habitante do deserto, do sertanejo, nome intraduzível em nossa língua. Em todas as obras do visconde de Taunay, ressalta essa qualidade, que o faz pintar com sobriedade e com exatidão a vida destes errantes senhores da solidão. ” (MÉROU, 1900, p. 143, tradução nossa).

> [...] é particularmente um caso raro na literatura do tempo, para a qual trouxe uma rica experiência de guerra e sertão, depurada por sensibilidade e cultura nutridas de música e artes plásticas. Esta combinação de senso prático e refinamento estético fundamenta as suas boas obras e compõe o traçado geral de sua personalidade. (CANDIDO, 2000, p. 275).

Candido indica soluções para o enquadramento crítico da obra de Taunay considerada em sua amplitude e diversidade, em gêneros e temas, movimento que os comentadores brasileiros ainda não haviam realizado. Incorpora à sua análise os romances, os contos, os dramas, as narrativas da guerra e a produção crítica de Taunay. Emerge da leitura apresentada por Candido (2000) um Taunay multifacetado e complexo, que está além do par *Inocência-Retirada*. Lembra-nos que estas poderiam ser as "obras duradouras" (CANDIDO, 2000, p. 277), na visão do autor, mas não deixa, também, de registrar o depoimento de José Veríssimo sobre a insatisfação do autor com esta "predestinação crítica": "Taunay, como todos os autores de uma obra copiosa desigualmente apreciada tinha um íntimo despeito e sentimento da preferência dada àqueles seus dois livros" (VERISSIMO, 1901 apud CANDIDO, 2000, p. 277).

Além disso, Candido indicará em Taunay a sugestão de um novo procedimento formal para a representação do real na literatura brasileira, assim, sugerindo que este repercutirá para além da própria obra de Taunay e encontrará sucessores:

> Predominava nele, todavia, a sensibilidade musical. Compôs com facilidade e elegância, escreveu com acerto sobre assuntos de música; e mesmo nas descrições do sertão percebemos que também o ouvido elaborava as impressões da paisagem. No primeiro capítulo de *Inocência* ("O Sertão e o Sertanejo"), a paisagem e a vida daqueles ermos são apresentados a partir de alguns temas fundamentais, *compostos* em seguida num ritmo que se diria musical. Daí o tom de *ouverture* dessa página, aliás admirável na sua inspiração telúrica, uma das melhores da literatura romântica, onde se preformam certos movimentos d' "A Terra" e d' "O Homem", n'*Os Sertões*, de Euclides da Cunha. (CANDIDO, 2000, p. 275-276).

Candido sintetiza a constante reelaboração de sua obra como manifestação do binômio *impressão* e *lembrança*: "uso tais palavras intencionalmente, em vez, por exemplo, de memória e emoção, para assinalar o cunho pouco profundo da criação

literária de Taunay" (CANDIDO, 2000, p. 276). Mesmo assim, registra em Taunay alguns pontos altos da nossa produção romântica, enaltece que este, seguindo as sugestões tanto de Macedo quanto de Alencar, consegue produzir um núcleo de romances em que é possível perceber sinais de evolução formal no registro da sociedade carioca:

> [...] um continuador de Macedo (a quem dedica o livro de estreia) e do Alencar mais ameno de certos romances de costumes. Entre eles há uma nítida linha de contato, que sob certos aspectos é também de evolução. Evolução não tanto na qualidade, de modo absoluto, mas em certos recursos, como a sobriedade, e, sobretudo, evolução da sociedade descrita – desde a burguesia mal talhada d'*A Moreninha* até a gente mais polida e mesmo sofisticada dos seus romances de cidade. (CANDIDO, 2000, p. 281).

Influenciado pela leitura de *Memórias* (TAUNAY, 1948), Candido propõe a abordagem de *Inocência* (TAUNAY, 1871) sob a perspectiva dos modelos conscientes e inconscientes que o autor utilizou para a representação de nosso "banal" idílio do interior. Serão conscientes os modelos tomados à realidade e deformados sob necessidades da construção narrativa que, acrescidos de emanações inconscientes de um caso amoroso sertanejo do autor, confluem para a produção da atmosfera e dos traços gerais da personagem-título: "Se em *Inocência* a experiência artística do sertão serviu-lhe de veículo para exprimir uma versão rústica da fatalidade amorosa, foi porque ele vivera em Mato Grosso uma aventura apenas recentemente revelada nas *Memórias*" (CANDIDO, 2000, p. 279). Será a índia Antônia, na opinião de Candido, o modelo inconsciente que Taunay utilizará para forjar sua mais conhecida personagem.

Candido não identifica a ruptura romântico-realista na obra de Taunay, apontada por alguns, muito menos elementos de uma transição. Ao contrário, insiste que mesmo as últimas obras ainda o garantem como autor, estritamente, romântico, caracterizado pelo influxo gerador dessas obras como resultado de um caráter formado e condicionado à percepção e à representação romântica da sociedade brasileira.

Alfredo Bosi (1994; 2012) discorda de alguns julgamentos de Antonio Candido (2000). Em particular, sobre o primeiro capítulo de *Inocência*, supracitado, que Candido considera um dos melhores trechos do nosso Romantismo e insiste "Daí o tom de *ouverture* dessa página, aliás, admirável na sua inspiração telúrica, uma das

melhores da literatura romântica" (CANDIDO, 2000, p. 276), e, para Bosi, nada mais é que um descompasso com a linguagem da obra: "a abertura, onde o 'descritor' resvala amiúde para o convencional ou para a aridez didática" (BOSI, 1994, p. 145).

Entretanto a convenção árida para a abordagem do real, segundo Bosi (1994), presente no preâmbulo de *Inocência* (TAUNAY, 1872), mais ou menos didática, será uma das matrizes para a representação do sertão em diversas outras obras. Como bem indica o próprio Bosi (2012):

> Essa atenção à verdade natural e social de uma determinada região do interior brasileiro seria um dos caminhos promissores trilhados pela narrativa pós-romântica [...] O que viria a ser o regionalismo do século XX, ressalvadas as distâncias ideológicas e formais, está na ficção dos romancistas de 1930 [...] Não se trata de traçar linhas temáticas nem de apontar nomes de precursores [...] O que parece digno de pôr em relevo é a potencialidade do olhar regionalista. (BOSI, 2012, p. 145).

Alfredo Bosi (1994; 2012), em suas breves considerações sobre a obra de Taunay, publicadas em estudos com outra temática central, destaca o romance sertanejo como a principal realização do autor: "No âmbito de nosso regionalismo, romântico ou realista nada há que supere *Inocência* em simplicidade e bom gosto" (BOSI, 1994, p. 145), e completa: "nada mais fez que se comparasse sequer à realização de *Inocência*" (BOSI, 1994, p. 145). Sugere como síntese para a consideração desta produção o que denomina de "realismo mitigado" (BOSI, 1994, p. 145). Uma interposição construída pelo autor na comunicação sobre os assuntos de outro mundo, apenas por ele descoberto e dele fosse o seu embaixador e emissário. Um efeito que demonstra que "há algo de diplomático, de mediador, na sua atitude em relação à matéria da própria obra" (BOSI, 1994, 145).

Bosi, ainda, não concorda com a consideração da produção de Taunay fora dos quadros do romantismo:

> Há quem veja nele um escritor de transição para o realismo. Não é bem assim. Quando maduro, criticou o naturalismo. E a postura fundamentalmente egótica, reflexa nos romances mundanos que se seguiram a *Inocência*, nos diz que se algo mudou foi a sociedade, não o estofo individualista do escritor (BOSI, 1994, p. 145).

Neste caso, coincide com a opinião de Candido (2000), que aqui já foi expressa, sobre essa classificação.

João Luiz Lafetá (2004) indica a irregularidade de todo o conjunto como uma das propriedades da obra de Taunay. Também lembra que são poucas obras de destaque na sua vasta e irregular produção. Todavia destaca que a irregularidade não é um demérito nem a principal característica do autor. Aponta-nos que Alencar e Machado foram os pontos altos da ficção brasileira do século XIX. Entretanto destaca Lafetá (2004) que estes foram casos raros, isolados. Completa a questão considerando que a continuidade de produção da literatura nacional, a constante circulação de textos ficcionais, durante aquele período, deveu-se a uma boa linha média em que nomes como o de Taunay se destacavam:

> [...] a linha média realizava produção constante e regular, capaz de ir solidificando entre nós a prática literária. Para citar apenas os romancistas, começando com o pioneiro Teixeira e Souza, alinhemos os nomes de Manuel Antônio de Almeida, Joaquim Manuel de Macedo, Franklin Távora – e, naturalmente, Alfredo d'Escragnolle Taunay. Junto a José de Alencar, estes homens representam diferentes aspectos do Romantismo, e tiveram uma tarefa fundamental: no mesmo gesto em que fundaram a literatura brasileira, iam desvelando, pesquisando, descrevendo e interpretando o país novo, a realidade humana e física de uma nação que se formava (LAFETÁ, 2004, p. 274).

Lafetá (2004) sublinha que a irregularidade, neste caso, é a característica essencial do conjunto da produção literária que se estabeleceu em nossa literatura. Seria muito difícil e bastante improvável que, em um sistema literário que se afirmava, prevalecesse a ocorrência de obras regulares e plenamente adaptadas a um cânone histórico, que nem sequer estava estabelecido. Isso aconteceria somente em um mundo idealizado, não no real. E neste mundo, no nosso mundo, real e com obras irregulares, produtores como Taunay desempenharam um papel muito importante na criação e na difusão do hábito literário. Com intuito de demonstrar a irregularidade indicada, Lafetá (2004) cita os romances *Ouro sobre azul* (TAUNAY, 1875) e *O encilhamento* (TAUNAY, 1894), que "talvez sejam dois romances medíocres, mal realizados, e mesmo assim de leitura envolvente" (LAFETÁ, 2004, p. 277).

Ouro sobre azul (TAUNAY, 1875), um folhetim ambientado nos salões da corte, com a descrição dos tipos comuns nesses ambientes e das aventuras de um grupo de moças e moços casadoiros – à maneira do professor Macedo e seu *A*

moreninha – e todas as peripécias que eles aprontam nos encontros em sociedade: cartas, bilhetes, esconderijos, revelações. Segundo Lafetá:

> [...] o enredo é inverossímil, e as personagens não têm maior consistência psicológica – mas que importa? É como se estivéssemos assistindo a uma fútil e divertida "novela das sete" na televisão (guardadas, naturalmente, as diferenças de um século). E como divertimento o livro foi tomado, tendo obtido os favores do público e sucessivas edições. (LAFETÁ, 2004, p. 277).

Trata-se da literatura como opção de entretenimento, em que a produção contínua ocupa os espaços na imprensa periódica e abastece os círculos de consumidores fisgados pelo folhetim do mês. Taunay e uma boa linha média de escritores dedicaram-se a estabelecer e abastecer tal circuito, fundamental para a circulação dessas produções e das que viriam.

Outra obra para a qual Lafetá (2004) nos chama atenção é *O encilhamento* (TAUNAY, 1894), romance que oferece estranhamento logo pelo título, referência a uma política econômica adotada na Primeira República, no qual deparamo-nos com uma espécie de manifesto de denúncia daquela situação de calamidade monetária:

> O enredo do romance era apenas pretexto para que Taunay, monarquista convicto, atacasse as bandalheiras da Republica nascente, pondo o dedo na chaga que faria escola: a especulação financeira, justificada pelas alegações de progresso e desenvolvimento do país. Como obra literária, *O encilhamento* é um livro fraco; mas vale a pena lê-lo hoje, pela curiosa captação, ali realizada, de um dos aspectos da nossa vida social. (LAFETÁ, 2004, p. 278).

Taunay descreve a euforia e a decepção coletiva com a especulação financeira dos primeiros anos de República, mostra um Brasil em transformação e o desmoronamento de instituições que ele acreditava indestrutíveis, a monarquia e boa parte de seus símbolos. Destaca-se a atenção de Lafetá (2004) a dois romances considerados, por ele mesmo, como *medíocres, fracos* e *mal realizados* que, entretanto, tiveram sua importância e ainda conservam parte dela por sua capacidade em oferecer perspectivas de nosso comportamento como nação e coletividade, em dois momentos contraditórios de nossa história: a *pax* escravocrata imperial e a atribulação político-econômica do começo da história republicana. A

“leitura envolvente” atribuída aos dois títulos é a constatação de que estes ainda têm o que dizer e também carecem da devida atenção crítica.

O aparente impasse de classificação da produção de Taunay entre românticos ou realistas será outra questão para a qual Jorge Luiz Lafetá (2004) oferecerá opções. Ele relembra as reflexões de José Veríssimo (1998): “O Realismo não é uma escola literária, mas um método de representação artística da realidade” (LAFETÁ, 2004, p. 280). Nesse sentido, Taunay seria um “romântico diferente” (LAFETÁ, 2004, p. 280), romântico pleno, mas que dominava aquele “método de representação artística da realidade” que consistia:

> [...] não simples cópia, mas observação e transmutação dos dados da realidade. Transmutação feita pela fantasia do artista, modificação dos elementos reais efetuada a partir do modo como eles atingem a sua sensibilidade, despertando nela os ecos de vivências passadas ou de desejos ainda ocultos (LAFETÁ, 2004, p. 280).

Jorge Luiz Lafetá (2004), ainda, comenta o célebre primeiro capítulo[20] de *Inocência* (TAUNAY, 1872). E, em sua intervenção, pede atenção a um texto que apresenta um novo procedimento para o romantismo brasileiro e antecipa temas e espaços que alcançarão grande produtividade na nossa literatura nas décadas seguintes. Lafetá refere:

> Em si, esta abertura nada tem de original. Basta ler as primeiras páginas de *O guarani*, e lá encontraremos descrição de paisagem até mais eloquente. Mas aí está o ponto: embora a alguns este primeiro capítulo tenha parecido convencional e árido (imitação de modelos batidos), a pintura de Taunay impressiona não pela eloquência, mas pela exatidão escrupulosa com que é composta (LAFETÁ, 2004, p. 282).

Essa reflexão é, claramente, uma complementação ao comentário de Bosi (1994) citado em precedência. Lafetá (2004) realça o compromisso com a representação do real e o emprego do método próprio de Taunay. Reafirma a opinião de Candido (2000), igualmente, aqui, já colocada, quando este antevê, no capítulo em questão, os traços de composição que Euclides da Cunha utilizará para contextualizar “A terra” e “O homem”, em *Os Sertões.*

---

[20] Este mesmo texto, “O sertão e o sertanejo”, primeiro capítulo de *Inocência*, foi republicado por Taunay em *Céos e terras do Brazil: scenas e typos, quadros da natureza, fantasias* (TAUNAY, 1882).

Por sua vez, Maria Lídia Lichtscheidl Maretti (2006) produziu uma leitura original da obra de Taunay, ilumina textos até então desprezados, nem sequer mencionados, mesmo pelos comentadores mais assíduos à sua produção. Maretti (2006) parte da controvérsia sobre a classificação crítica “romântico-realista” para apresentar um amplo panorama da produção de Taunay e uma proposta de leitura de sua obra sob a chave da “transitividade”. Sua intervenção se destaca pela multiplicidade de perspectivas com que aborda a obra de Taunay. O romance, o conto, a poesia, a narrativa, o drama e o discurso, entre outros, são considerados como gêneros praticados pelo autor e, portanto, objetos de leitura e comentário crítico. Insiste que “desprezando a polêmica que atribui a Taunay o caráter de ‘escritor de transição entre o romantismo e o realismo’, procuro estudar em que termos se dá a transitividade em sua obra” (MARETTI, 2006, p. 21).

A leitura de Marreti (2006) das obras de Taunay também salienta e avalia a interferência dos herdeiros, em particular, do filho Affonso d’Escragnolle Taunay, para o ordenamento, a regularização e a eufemização dos textos de Taunay publicados na primeira metade do século XX. Um processo marcado pela publicação de grande número de títulos, junção e desmembramento de originais, ocultação de trechos com o evidente objetivo de viabilizar comercialmente o máximo de edições possível. A intervenção dos responsáveis pelo espólio literário e memorialístico de Taunay, os filhos Affonso e Raul, se, por um lado, garantiu a circulação das obras, por outro, contribuiu para a censura e a manipulação de suas produções inéditas e póstumas. Mais adiante, quando nos dedicarmos ao estudo do caso específico de *Memórias* (TAUNAY, 1948a), indicaremos o método e as ocasiões dessas interferências.

Outra importante contribuição do trabalho de Maretti (2006), indicada em precedência, é a descrição do processo de atopia a que Taunay foi submetido por parte importante da crítica e historiografia literárias brasileiras. Recuperemos e ampliemos, em tal convergência, uma parte de sua argumentação:

> No que concerne à historiografia literária brasileira, o *trânsito* por alguns dos seus títulos mais significativos revela uma certa polêmica na caracterização do escritor: romântico ou realista? Esta é questão que invariavelmente se coloca. Alguns historiadores propõem a segunda opção, com o argumento básico de que o escritor manifesta um grande senso de observação aliado a uma frequente preocupação com detalhes descritivos. A opção pelo romantismo

> explica-se pelo fato de Taunay ter-se mantido fiel a alguns dos grandes temas românticos, como é o caso do nacionalismo. Outros optam por considerá-lo ainda romântico, mas em plena transição para o realismo. Não espero e nem pretendo decidir a questão [...]; considero apenas a espécie de vácuo, o "sem-lugar", a atopia de Taunay na história literária. (MARETTI, 2006, p. 100, grifo da autora).

Essa atopia *crítica* se materializa quando os avaliadores e tutores do legado de Taunay oferecem muitas posições e não garantem nenhuma efetiva, desconsideram o conjunto da obra para destacar dois títulos e reordenam originais para a produção de novas obras em que a coerência é ajustada à moralidade e às conveniências políticas do tempo da edição. Esses juízos e ações serão determinantes na percepção e no posicionamento da obra de Taunay no final do século XX e início do XXI.

> A obra do visconde de Taunay, tal como foi e ainda vem sendo encarada pela crítica e pela historiografia literária brasileira, tem excluído do seu conjunto tudo o que não corresponde aos critérios de valorização e periodização de que esta historiografia sempre se valeu: geralmente, restam apenas *Inocência* e *A retirada da Laguna* como textos passíveis de atenção e consideração do estudioso. (MARETTI, 2006, p. 66).

A leitura de Maretti (2006) amplia horizontes e revela um Taunay integrado aos acontecimentos políticos e literários das décadas de 1870 e 1880. Identifica em Taunay um *discurso de transição* entre as imagens criadas pelo romantismo brasileiro e as que serão produzidas em suas obras, no período subsequente. Assim, acrescenta: "Taunay pode ser observado, então, em sua ideia de nação brasileira construída a partir da contradição entre a imagem do Brasil, ora veiculada em bases românticas, e a que se construiu a partir da experiência da guerra" (MARETTI, 2006, p. 71). A obra de Taunay, tomada em conjunto, seria a representação da "transição" entre a concepção de nação romântica (idealizada) e a que prevaleceu no *pós-guerra* (imaginada). Essa proposição de Maretti (2006) fundamenta-se nas noções de Benedict Anderson, presentes em *Comunidades imaginadas* (1993), aplicadas ao histórico do caso brasileiro de afirmação nacional.

Há, também, de registrar os recentes trabalhos de Sergio Medeiros (1997; 2000; 2004; 2015), nos quais dedicou-se à leitura, reedição, tradução e organização de comentários críticos sobre algumas das obras de Taunay. Entre as diversas iniciativas de Sergio Medeiros, relacionadas com a sua proposta de resgate da obra

de Taunay, destacam-se uma nova tradução de *La retirate de Laguna* (TAUNAY, 1997); uma edição crítica do conto “Ierecê a guaná” (TAUNAY, 2000), acrescidas com estudos críticos de Lúcia Sá, Antonio Candido e Haroldo de Campos; a reedição de *Memórias* (TAUNAY, 2004) e a publicação de um ensaio crítico sobre os apontamentos de Taunay relacionados com a formiga-leão (MEDEIROS, 2015), uma espécie de bestiário de Taunay.

Sergio Medeiros (2000) propõe uma substituição do destaque para o *par Inocência-Retirada* para o *trio Inocência-Retirada-Ierecê*. Uma de suas iniciativas e propostas para a leitura da obra de Taunay consiste na inclusão de “Ierecê a guaná”, conto de *Histórias Brasileiras* (TAUNAY, 1874), como um novo elemento acrescentado ao canônico par *Inocência-Retirada*. A sugestão aparece, por exemplo, no prefácio de sua edição de *Memórias* (TAUNAY, 2004), quando apresenta o autor com estas credenciais:

> [...] autor do romance romântico *Inocência* (1872), do relato histórico *A retirada da Laguna* (1879, versão definitiva) e do conto indigenista “Ierecê a guaná” (1874), obras com as quais, aliás, o memorialista dialoga, ao retrabalhar, de outra perspectiva, o assunto desses textos célebres do século XIX (MEDEIROS, 2004, p. 11).

A menção restrita ao conto “Ierecê a guaná” evidencia uma complicação. A opção de Medeiros é pela parte em detrimento da obra. O conjunto e os demais contos de *Histórias brasileiras* (TAUNAY, 1874) são desconsiderados. Afinal, “Ierecê a guaná” está em um volume com outros títulos que são tão bons ou melhores. “Juca o tropeiro”, o último conto da edição, é um exemplo.

Assim, são louváveis as iniciativas, tanto das reedições quanto da ampliação da fortuna crítica de Taunay. Contudo a alteração de uma metonímia em que dois elementos representam toda uma obra, para outra, em que três elementos realizam essa mesma representação, não é uma ampliação do conhecimento sobre a obra de Taunay. Na prática, tal transação – três ao invés de dois – faz com que o impasse inicial continue na mesma condição, somente acrescentamos um termo ao nosso problema.

Outro destaque das iniciativas de Sergio Medeiros foi a reedição de *Memórias* (TAUNAY, 2004). Ressalva-se que a republicação do volume melhorou o acesso aos interessados na leitura e na pesquisa da obra de Taunay, porém, ao reproduzir

sob *fac-símile* o mesmo processo editorial da edição de 1948 (TAUNAY, 1948a), naquela ocasião, sob a responsabilidade de Affonso Taunay, também, repete as mesmas imprecisões daquela com o material memorialístico de Taunay. Não diferencia o conteúdo efetivamente terminado dos bosquejos e anotações esparsas, oferecendo novamente uma edição que já trazia problemas desde o lançamento.

Em resumo, depois desse breve panorama crítico, podemos afirmar que a obra de Taunay foi considerada e esteve presente no debate historiográfico sobre a literatura brasileira, desde o final do século XIX às primeiras décadas do XXI. Seu valor, sua posição e sua legitimidade como autor de literatura nacional obtiveram avaliações distintas ao longo de quase século e meio de circulação de suas obras. A prevalência de dois títulos, juízos parciais e reduções didáticas são manifestações do referido processo de atopia. E este apaga, recorta e simplifica para que as menções a Taunay caibam nos pequenos espaços e pontas de capítulo. Isso onde os consegue, pois algumas sistematizações o desconsideram totalmente. A leitura dedicada e as novas referências críticas poderão indicar o lugar justo para Taunay na história de nosso sistema literário.

Em algumas regiões do país, como em Mato Grosso do Sul, a obra de Taunay recebeu um tratamento que contrasta, significativamente, em alguns matizes com o panorama por ora apresentado. Vejamos, então, algumas particularidades deste novo enquadramento que, à primeira vista, sugerem que se não há lugar de destaque para Taunay na historiografia literária brasileira, existe um lugar em que esse destaque é oferecido e/ou construído com entusiasmo.

2.5 MATO GROSSO DO SUL: UM TAUNAY PARA O LUGAR

A história da recepção da obra de Taunay revela um viés diferenciado em dois estados brasileiros, em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, nos quais parte dessa produção foi transformada em texto fundador do imaginário coletivo regional. Esse processo foi relativamente curto e envolveu acadêmicos, pesquisadores e representantes dos poderes estatais. Todos imbuídos na tarefa de construção das representações de um território de fronteira que experimentava as primeiras ondas de ocupação e integração à ordem de produção capitalista. Tais comunidades recentes buscaram, no imaginário nacional compartilhado, algo que as diferenciassem das demais.

As primeiras leituras com as sugestões para que a obra de Taunay cumprisse com tais necessidades já circulavam na década de 1930, sob o impacto das determinações da *Marcha para o Oeste*[21], do Estado Novo. Ao final do século XX, início do XXI, o projeto de adoção regional de Taunay já estava plenamente realizado. Aspecto que tomou dimensão significativa e merece registro, ao menos, como indicação para a continuidade das pesquisas.

Uma das primeiras manifestações dessa iniciativa foi de José de Mesquita, desembargador e membro do Instituto Histórico e da Academia Mato-grossense de Letras, em conferência intitulada *O sentido da literatura Mato-grossense* (MESQUITA, 1936), no Rio de Janeiro, em junho de 1936, no Centro Mato-grossense. Sua intervenção encerra-se com uma reivindicação explícita:

> Ninguém melhor do que o Visconde de Taunay, o grande escritor que se ligou para todo o sempre a Mato Grosso, através da sua obra imorredoura, espelhou ao vivo essa dúplice feição que constitui o sentido da nossa literatura – a épica, na "Retirada da Laguna", páginas de heroísmo sem par, que o mundo todo admira, e a elegíaca, em "Inocência", idílio inigualável e tragédia comovente, em que palpita toda a alma ingênua e sensitiva da mulher mato-grossense. (MESQUITA, 1936, p. 70).

As sugestões de José de Mesquita logo conquistaram reconhecimento prático por parte da administração pública estatal. Em dezembro 1943, no centenário de nascimento de Taunay, o distrito de São Pedro[22], vinculado ao município de Santana do Paranaíba, do então estado de Mato Grosso, passa a denominar-se Inocência. Em 1958, esse distrito é elevado a munícipio[23]. Há também uma homenagem como topônimo ao guia de *A retirada da Laguna.* Desde 1946, a região em que se situava a fazenda de José Francisco Lopes pertence ao munícipio de Guia Lopes da Laguna, também, uma pequena cidade de Mato Grosso do Sul. A utilização do título de um romance ou do nome de um personagem para topônimo de uma comunidade é sinal irrestrito de reconhecimento e legitimidade para qualquer produtor literário. E, sob tal perspectiva, a obra de Taunay encontra nesta região o reconhecimento

---

[21] Marcha para o Oeste – Foi um conjunto de medidas do governo Vargas, primeiro, entre 1930 e 1945; depois, entre 1950 e 1954, destinado à ocupação territorial e a integração econômica das vastas regiões do centro-oeste brasileiro. Foi continuada nas gestões posteriores.

[22] Decreto Estadual do Mato Grosso nº 545, de 31 dez. 1943, o distrito de Capela volta a chamar-se Baús e o distrito de São Pedro a denominar-se Inocência.

[23] Lei Estadual do Mato Grosso nº 1.129, de 17 nov. 1958, desmembra do município de Paranaíba o distrito de Inocência. Elevado à categoria de município.

próprio aos clássicos. Na Figura 1, reproduzida a seguir, temos uma placa indicativa do munícipio de Inocência, Mato Grosso do Sul.

Figura 1 – Fotografia de placa indicativa do munícipio de Inocência, Mato Grosso do Sul.

Fonte: Jornal do Estado do Mato Grosso do Sul[24].

A divisão do estado de Mato Grosso e o surgimento do estado de Mato Grosso do Sul, no final da década de 1970, não alteraram a construção do processo de identificação de Taunay com aquela região. O conteúdo foi somente atualizado à nova divisão política. Assim, em 2007, *Inocência* (TAUNAY, 1872), depois de nomear cidade, foi declarado romance-símbolo do estado de Mato Grosso do Sul[25]; e o dia 4 de julho, o Dia Estadual de Inocência. Em 2010, foi iniciada a construção do Memorial de Inocência, na Paranaíba (atual denominação da Vila de Santana de Paranaíba, a vila descrita no romance). O projeto do Memorial de Inocência é descrito como sendo uma réplica do sobrado “Melo Taques”, no qual o jovem segundo-tenente Taunay teria se hospedado, em 1867, junto aos demais companheiros da Comissão de Engenheiros das forças expedicionárias.

[24] Disponível em: http://www.jornaldoestadoms.com . Acesso em out 2016.
[25] Lei Estadual 3.390, 4 jul. 2007, Mato Grosso do Sul, torna a obra literária *Inocência* o romance símbolo daquele estado.

A responsabilidade e o movimento de pressão por essas iniciativas foram da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Em seu Suplemento de Cultura, do ano anterior, justificava as proposições com estes argumentos:

> Mais do que ninguém, nós, habitantes deste rincão, sabemos do valor do romance. Palmilhamos esse extenso pedaço de chão e reconhecemos todos esses caminhos, pousos e fazendas. Sem dúvida, somos testemunhas e – por que não? – partícipes desta história, muito importante para Mato Grosso do Sul, podendo-se afirmar, sem receio de injustiça, que é o romance símbolo deste Estado. Por algumas razões.
> A primeira, certamente, porque é o livro – ímpar em nossa história – que melhor descreve a paisagem sul-mato-grossense. Taunay, pintor, observador perspicaz dos detalhes, retratou-a com primorosa fidelidade. A descrição da queimada e do sertanejo (no capítulo I) é supreendentemente real: certos detalhes daquelas e da conduta deste nos surpreendem, a nós, mais antigos, que, por anos e anos, as presenciamos e com o qual convivemos.
> A segunda é a fidelidade com que retrata as personagens, quase todas inspiradas em moradores da região, cujos usos e costumes o autor observou e anotou. No texto, o editor fez questão de trazer estas referências, empregando o testemunho do próprio Taunay.
> A terceira é a felicidade com que Taunay captou, nas conversas dos pousos, com fazendeiros, vaqueiros e sertanejos, a linguagem e a conduta dessa gente que veio das Gerais. Qualquer habitante de então teria as ações e reações, os conceitos e preconceitos de Pereira. Os amores, tão vigiados e castigados, eram comuns e faziam com freqüência suas vítimas, como Inocência.
> Acrescente-se: a linguagem, embora escorreita (empregando, por exemplo, a norma culta na colocação e aglutinação de pronomes átonos), resgata a fala simples, espontânea, ingênua até, do mineiro que se arranchou nestas bandas.
> A quarta, porque Taunay, arguto observador, construiu a história sem desfigurar personagens e paisagens, sem questionar valores ou condutas. Viu, anotou, escreveu. Com encantamento.
> Cabe, por fim, realçar que INOCÊNCIA, em verdade, não é uma obra de ficção. É, sim, a história verdadeira de alguns de nossos antepassados (que serviram de protótipo), de nossos usos e costumes, tendo nossa terra como cenário, urdida com fios de ficção (nisto o autor foi sumamente feliz), o que dá à obra este toque de perene atração e magia. (QUEIROZ, 2006, p. 1).

A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e os demais setores mobilizados por essa pauta partiram de uma necessidade comunitária, ou seja: montar o conjunto simbólico de um novo agrupamento. À maneira dos processos nacionalistas europeus, reproduzidos na formação dos estados americanos, elegeram no âmbito regional objetos específicos que receberiam essa

representatividade: uma bandeira, um hino, um brasão, uma comida típica, uma bebida... um autor, um livro.

Fábio Luís Silva Neves publicou um resumo de sua dissertação de mestrado, na ABRALIC[26] (NEVES, 2008). Em seu texto, Neves questiona a adequação e a necessidade de afirmação de tais produtos e identifica essas iniciativas como tentativas de atualização ideológica do imaginário regional. Todavia demonstra adotar alguns desses mesmos posicionamentos; em particular, a perspectiva para a apresentação biográfica de Taunay:

> Visconde de Taunay, nasceu no Rio de Janeiro em 1843 e faleceu na mesma cidade em 1899. O escritor foi militar do exército brasileiro, senador do Império, defensor da monarquia, engenheiro e pintor. Esteve presente nas terras do nosso estado, Mato Grosso do Sul, região de Mato Grosso na época, onde participou da Guerra do Paraguai, viveu em tribos indígenas, estudou e descreveu os costumes e tipos indígenas e sertanejos do local. (NEVES, 2008, p. 1).

Neves (2008), também, informa da publicação de uma "edição histórica" de *Inocência*. A materialização dos esforços "identitaristas" (NEVES, 2008) tanto da Academia quanto dos representantes do campo político daquele estado:

> [...] a republicação da obra *Inocência* em 2006 por Hildebrando Campestrini e o Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso do Sul. Embora esta última obra tenha sido diversas vezes republicada, tanto no Brasil como no exterior, a publicação de Campestrini realizada em 2006 é uma tentativa de afirmar tal obra como romance "símbolo" do estado de Mato Grosso do Sul. (NEVES, 2008, p. 1).

A afirmação e a legitimação de um romance – ou qualquer outro texto – como elemento de culto e representação de algum ente político ou sentimento indentitário exigem um trabalho editorial adequado. Com esse intuito, a suposta "edição histórica" de *Inocência* é parte do processo de "tratamento" que esses textos precisam receber para naturalizar e reforçar os efeitos desejados pelos agentes de política cultural envolvidos nessas ações.

A construção identitária regional e sua intersecção com a produção de Taunay, de igual modo, será uma das vertentes do trabalho de Olga Maria Castrillon-Mendes (2010; 2012). Em sua abordagem:

---

[26] Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), realizado entre 14 e 17 de julho de 2008, na Universidade de São Paulo, no FFLCH.

> propõe a analisar a obra de Alfredo d'Escragnolle Taunay, o Visconde de Taunay, especificamente, a imagética de Mato Grosso nas descrições da viagem feita durante a Campanha da Laguna, na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870) (CASTRILLON-MENDES, 2010, p. 62).

Essa produção destaca-se pelos esforços de compreender os fenômenos da representação literária e das imagens produzidas sobre determinado espaço geográfico.

> [...] tentamos ligar os fios que colocam o Visconde de Taunay no centro das discussões sobre Mato Grosso, recriando a experiência da prática social dos objetos de representação que fez do Romantismo brasileiro uma estética que contribuiu para construir um modo particular de ver e de sentir o mundo. Pode-se dizer que a partir de uma experiência frustrada de imitar o europeu, o brasileiro encontrou, no Romantismo, uma forma de pensar a sua própria identidade, desvencilhando-se de uma fidelidade imposta. Assim, falha na cópia e tem início certa invenção do Brasil, fortalecida pelos movimentos culturais que se seguiram, principalmente aquele eclodido na Semana de 1922. (CASTRILLON-MENDES, 2012, p. 98).

A necessidade de construção do argumento regional produz uma confusão entre Mato Grosso e Brasil como o espaço sobre o qual recai (em) a representação da obra de Taunay e de nossos outros tantos românticos. A questão da representação regional e das diferenças entre as províncias brasileiras não foi uma prioridade do nosso romantismo, seu surgimento e afirmação são tardios. Macedo, Alencar, Taunay, Távora, Guimarães antes destacavam e buscavam uma unidade nacional do que afirmar diferenças regionais, talvez buscassem mais nossas semelhanças. As diferenças serão perseguidas ao longo do século XX e, coincidentemente, nas regiões recém-ocupadas.

Taunay chegou a julgar que ser traduzido em língua estrangeira seria uma das garantias da permanência de sua obra. Entretanto, modestamente, não considerou a possibilidade de sua obra tornar-se tão significativa para algumas comunidades e alcançar o *status* de texto fundador. Foi exatamente o que aconteceu em Mato Grosso e, por extensão histórica, em Mato Grosso do Sul. A questão é que essa assunção é realizada somente em uma parte da obra de Taunay, apenas na parte que menciona ou situa os dois Mato Grosso. Tudo o que

não se relaciona com aqueles espaços está descartado para a validação deste enfoque e para as aproximações críticas que o explorem.

Em outros termos: os esforços para fazer de Taunay um legítimo autor mato-grossense ou sul-mato-grossense repetem os procedimentos de seleção e exclusão para tentar regularizar uma obra literária e seus possíveis significados. Essas tentativas, por mais bem-intencionadas que sejam, resultam também na produção de uma situação de atopia. A maior parte da obra, aquela que não coincidir com a visão de partida, será desconsiderada, ficará sem lugar. Este novo lugar reivindica um “Taunay próprio”. O Taunay desejado por Mato Grosso, ambos, o meridional ou setentrional, não é o autor amplo e complexo que a história literária registra, mas uma reconstituição derivada das necessidades imediatas com vistas ao estímulo de construção de um liame mínimo de coesão social para aquelas comunidades.

3 A AFIRMAÇÃO DE TAUNAY COMO PRODUTOR LITERÁRIO

> Tenho consciência de que fiz o possível, a tal ponto que Marques da Cruz costumava dizer, em rasgo humorístico: "Qual, a tal retirada da Laguna nunca se deu. Tudo saiu da cachola do Taunay!" (TAUNAY, *Memórias*).

A publicação das obras de Alfredo d'Escragnolle Taunay compreendeu um longo período temporal, desde *Cenas de viagem*, em 1868, a *Memórias*, em 1948, mesmo após a sua morte, textos inéditos continuaram a sair com regularidade. E essa continuidade produtiva deveu-se à obstinação do gestor do seu espólio, o filho Affonso d'Escragnolle Taunay[27], destacado historiador paulista, que, após a morte do pai, empenhou-se a organizar, republicar e manter ativo aquele empreendimento literário. O trabalho do filho somente se conclui, conforme os estritos desígnios de Taunay, com a publicação dos cadernos de memórias que estavam sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), na década de 1940.

Em contraste com esse dilatado espaço temporal para a publicação do conjunto de suas obras, o reconhecimento ocorre logo nos primeiros anos de dedicação à produção literária. Em quatro anos, entre 1871 e 1874, intervalo em que lançou suas primeiras obras, acrescentou, ao título de veterano da guerra contra o Paraguai, a posição de um dos produtores da literatura nacional daquele período.

Com exceção da poesia[28], Taunay enfrentou grande parte dos demais gêneros literários e jornalísticos praticados no Brasil de seu tempo: romance, conto, drama, narrativas de viagem, narrativas militares, memórias, ensaio. Em ordem de

---

[27] A semelhança entre os nomes de pai e filho causaram muitas confusões aos interessados nas obras dos Taunay. Contribuíram muito os sistemas de classificação baseados nas iniciais dos autores que, neste caso, são as mesmas. Maria Lídia L. Maretti (2006) comenta que essa "confusão que as fichas dos catálogos das bibliotecas costumam fazer entre o nome do pai – Alfredo – e o nome do filho – Affonso, cujas iniciais são idênticas, o que é um sintoma de que os desconhecimentos que se têm em torno desse (ou desses?) nome não eram só meus" (MARETTI, 2006, p. 17).

[28] Taunay é contraditório em *Memórias* (TAUNAY, 2004), quando analisa a sua obra exclui a poesia: "nunca, nunca me atirei ao verso, à poesia, sendo rebelde à cadência, rima e metrificação e sentindo mais dificuldade em reter de cor simples quadrinhas do que trechos inteiros de prosa, negação que sempre conservei. A única peça da minha lavra suportável foi feita por ocasião do terceiro centenário da morte de Camões, a 10 de junho de 1880, e assim mesmo, deu-me trabalho enorme, custou-me horas de insônia e teve de ser sujeita à análise cuidadosa e complacente do Cardoso de Meneses" (TAUNAY, 2004, p. 150). Maria Lídia Lichtscheidl Marreti (2006) também cita dois outros poemas supostamente compostos por Taunay: "Às páginas 31 e 32 da primeira e única edição de um livro chamado *À Inauguração da Estátua Equestre do Fundador do Império*, de 1862, encontram-se respectivamente um 'Soneto' e uma 'Ode' assinados por um certo 'T' (Taunay, 1862, pp. 31-32). No único exemplar encontrado, o da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, segue-se ao T. impresso, e numa caligrafia segura, anônima e a lápis, os seguintes dizeres indiscretos: 'aunay, Afredo d'Esgragnolle'" (MARETTI, 2006, p. 102).

publicação, no suporte livro, são estes os principais títulos: a) *Cenas de Viagem* (1868) [narrativa de viagem]; b) *Diário do Exército* (1870) [narrativa de campanha]; c) *La retraite de Laguna* (1871) [narrativa de campanha]; d) *A mocidade de Trajano* (1871) [romance]; e) *Lágrimas do coração: manuscrito de uma mulher* (1872) [romance]; f) *Inocência* (1872) [romance]; g) *Histórias brasileiras* (1874) [conto e drama]; h) *Ouro sobre azul* (1875) [romance]; i) *Narrativas militares* (1878) [conto]; j) *Por um triz Coronel!* (1880) [drama]*;* k) *Estudos críticos* (1881 – 1883) [ensaio]; l) *Céus e terras do Brasil* (1882) [narrativa de viagem]; m) *Amélia Smith* (1886) [drama]; n) *O encilhamento* (1894) [romance]; o) *No declínio* (1899) [romance]; p) *Ao entardecer* (1901) [conto]; q) *Reminiscências* (1907) [memórias]; r) *Filologia e crítica* (1921) [ensaio]; s) *A conquista do filho* [drama]; (1931) e t) *Memórias* (1948) [memórias]. A esse rol de obras devem ser acrescentadas suas composições musicais, os discursos parlamentares, os pronunciamentos públicos nos eventos da corte e das muitas sociedades em que tomou parte, correspondências e as inumeráveis contribuições com a imprensa do período. A lista seria muito maior se considerássemos as inúmeras coletâneas, juntadas e republicações a que os herdeiros de Taunay submeteram seu espólio literário, na primeira metade do século XX.

3.1 IRÁS À GUERRA DO MESMO MODO QUE OS TEUS AVÓS

A dupla participação do jovem Taunay na guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870), primeiro, na expedição a Mato Grosso, entre abril de 1865 e agosto de 1867, depois, na Campanha da Cordilheira[29], entre março de 1869 e abril de 1870, resultou em uma experiência determinante para a configuração de grande parte de sua obra literária e o ponto de partida para suas reivindicações por um espaço institucional de atuação política. Entre as duas campanhas, destaca-se a expedição a Mato Grosso, que foi a mais significativa e explorada nas constantes retomadas que fez em sua obra; na Cordilheira, Taunay presenciou e tomou parte na catástrofe paraguaia dos últimos meses de guerra, porém sua participação não alcançou o mesmo protagonismo que em Mato Grosso. Ali a atuação de Taunay

[29] Campanha da Cordilheira – última etapa da guerra contra o Paraguai, entre março de 1889 e abril de 1870. Foi o período de perseguição a Lopes pelo interior do Paraguai, sob o comando do conde d'Eu.

estava limitada e ofuscada pela presença de muitos outros oficiais em busca de glória e, principalmente, por sua relação conflituosa com o Conde d´Eu, o então comandante das forças aliadas. Por conseguinte, Taunay permaneceu restrito às funções burocráticas de secretário do comando.

Taunay é o inventor histórico-literário da Guerra do Paraguai, seus textos tornaram-se referências para a pesquisa sobre aqueles eventos e contribuíram para a fixação de uma primeira tradição historiográfica interpretativa sobre a Guerra do Prata (MAESTRI, 2013). Suas obras sobre o conflito serviram de fonte para que outras obras literárias[30] e títulos de outro caráter, tais como crítica literária e textual, historiografia, linguística, antropologia, estratégia militar, fossem produzidos confirmando, contestando ou polemizando com as representações que os brasileiros construiriam daquele conflito.

A importância do trabalho de Taunay relacionado à guerra aumenta diante do pequeno número de produções, principalmente, em primeira pessoa, dos membros das forças brasileiras[31] que lutaram no Paraguai. Por certo, um indicativo do baixo nível de escolaridade não somente de nossas tropas, mas de toda a população brasileira do período. Nessas circunstâncias, além das obras de Taunay, só temos algumas poucas cartas de Benjamim Constant aos seus familiares (LEMOS, 1999), as memórias de Dioniso Cerqueira, em *Reminiscências da Campanha do Paraguai 1865-1870* (1980), e o conjunto estará acabado. A ocorrência de relatos com o observado e o correspondente comentário dos fatos, com a versão do observador direto no terreno dos acontecimentos, foram raras e bastante limitadas no caso da guerra contra o Paraguai. Permaneceram sobre essa guerra muito mais registros documentais indiretos do que depoimentos em primeira pessoa. As experiências diretas desde o campo de batalha são pouco numerosas, restritas às produções de Constant, Cerqueira e Taunay.

---

[30] *A Retirada da Laguna* serviu como fonte intertextual a diversas narrativas ficcionais brasileiras. Entre essas, destacamos: *A solidão segundo Solano López* (1980), de Carlos de Oliveira Gomes; *Avante, soldados: para trás* (1992), de Deonísio da Silva; *Xadrez, truco e outras guerras* (1998), de José Roberto Torero; *Questão de honra* (1999), de Domingos Pellegrini; *Um barão não mente, envelhece* (2002), de Eric Nepomuceno; *Cunhataí* (2003), de Maria Filomena Bouissou Lepecki.

[31] No outro lado do *front*, entre as tropas paraguaias, como parte do esforço de guerra, uma imprensa patriótica, com ampla circulação entre militares e a população civil, que serviu de suporte à circulação de representações diretas da guerra. Títulos como *Cabichuí*, *El Centinela*, *Cacique Lambaré* e *El Semanario* registram as produções de toda uma geração literária paraguaia desparecida com a guerra (TORAL, 2001). Dentre os quais, destaca-se Natalicio Talavera (1839 – 1867), vítima da cólera em Paso Pucú, é considerado o primeiro poeta paraguaio pós-independência.

A retirada da Laguna (TAUNAY, 1871), em especial, nestes quase 150 anos de publicação, transformou um episódio isolado e malsucedido para as tropas brasileiras em feito heroico e paradigmático de todo o conflito contra o Paraguai. Em concernência à obra de Taunay, algo semelhante aconteceu. *A Retirada da Laguna* foi convertida no discurso único de seu autor sobre a guerra, em paradigma de sua representação para aquele confronto. Este movimento desconsiderou muitos outros textos em que foram registradas perspectivas diferentes – ou até contraditórias – com relação à narrativa do episódio da Laguna. Apesar de todo o destaque alcançado por essa obra, *A Retirada da Laguna* (TAUNAY, 1871) é apenas um dos títulos de Taunay em que a guerra e seus efeitos ocupam o primeiro plano narrativo. Taunay retornaria a esse mesmo tema em diversos períodos de sua produção, transformando aquela experiência em condições extremas em romances, contos, dramas, memórias.

Apesar das constantes referências à guerra em sua atuação e o seu envolvimento, militar de alta patente e condecorado, Taunay não foi um espírito por ela seduzido. Se travou a guerra, foi por imposição familiar e das circunstâncias históricas no momento de sua deflagração. Suas preferências profissionais eram outras, a carreira e a escola militar foram decisões do pai e da mãe. Assim registra, com redundância, em *Memórias* (TAUNAY, 2004). Ainda muito jovem, aos 14 anos, confessou à família a vontade de ser médico. A inclinação teve influência pelas visitas do Dr. Bento José da Costa, um amigo próximo e especialista em febre amarela. Taunay justifica a sugestão e relembra a repreensão do pai e o vaticínio da mãe, que já indicavam a decisão a ser adotada e quem o faria:

> Neste tempo muito me impressionava o delicioso perfume dos charutos que fumava e me davam, só por isto, ideia de opulência, nada verdadeira. Também, por causa deste Dr. Bento, sentia eu aspiração bem forte, contrariada desde logo por meus pais, do modo mais positivo.
> – Que ideia – dizia meu pai – ser médico, a careira mais dependente e servil que há! É o escravo da sineta; está dia e noite às ordens de quem o venha chamar. Só há, aliás, uma carreira - a militar.
> – E as guerras? – objetava eu timidamente.
> – E que tem a guerra? – respondia, como legítima espartana, minha mãe; - irás à guerra, do mesmo modo que os teus avós, feliz nela, voltando honrado e glorioso. Não podes desmerecer do que foram todos os teus antepassados. (TAUNAY, 2004, p. 68)

Taunay voltaria a insistir com a família para que reconsiderasse a decisão sobre a sua opção de carreira, quando concluiu o curso de Letras do Colégio Pedro II, entre 1858/1859. Agora, adotava uma argumentação mais convincente que a anterior: a independência financeira. Confrontado com a "dificuldade pecuniária" (TAUNAY, 2004, p. 99) da família que o impedia de seguir os estudos de Direito em São Paulo, como ele e boa parte de seus companheiros de colégio desejavam, Taunay considerou a carreira de medicina como alternativa para conseguir fortuna e sustento: "propendia para me matricular na Escola de Medicina [...] Ser médico garante a independência" (TAUNAY, 2004, 99), ao que o pai replicava: "o médico está à mercê dos clientes, nem sequer tem direito ao sono" (TAUNAY, 2004, p. 99). Não funcionou e ficou "afinal resolvido que me matricularia na Escola chamada então Militar" (TAUNAY, 2004, 99).

A resistência inicial à carreira militar foi paulatinamente afastada com a frequência às aulas e o planejamento de cada uma de suas promoções na hierarquia:

> [...] abrandava-me o descontentamento a certeza de que pouco tempo me faltava para ser alferes aluno e, portanto, usar dos galões de oficial, embora a banda fosse toda de seda e sem a borla de ouro, indicativa de patente confirmada pela promoção" (TAUNAY, 2004, p. 108).

Não somente a vaidade pelas divisas de oficial, as promoções na carreira também significavam um acréscimo em seus rendimentos. A família não era abastada, mas imigrantes de medianas posses, dependentes dos rendimentos de atividades artísticas, que nem sempre eram regulares. Também por isso, o jovem cadete tinha de dividir a frequência aos estudos militares com trabalhos de professor e explicador particular. O que lhe garantia as despesas pessoais: "Desde esse tempo me habituei ao trabalho, a dar explicações e a ganhar com que me calçar e vestir, o que fazia com alguma faceirice e certo esmero" (TAUNAY, 2004, p. 99), relembra vaidosamente Taunay em *Memórias*.

Em dezembro de 1864, quando eclode a guerra na bacia do Prata, Taunay já era segundo-tenente de artilharia e com a opinião já convertida sobre a sua opção de carreira. O que se torna motivo de grande preocupação é a sua designação para o 4º Batalhão de Artilharia da província do Pará, com ordens de partida imediata para o *front* meridional, na bateria comandada pelo então capitão Manuel Deodoro

da Fonseca. A alocação era contrária às expectativas de ser confirmado como engenheiro militar, em uma força especializada, e poupado dos combates diretos: "aí principiaram os meus transes! Seguir para a guerra em corpo arregimentado e no primeiro posto, como simples segundo-tenente de artilharia!" (TAUNAY, 2004, p. 128, grifo nosso). Os *transes* podem ser justificados pela suposição de que em tal posto Taunay, certamente, participaria dos primeiros combates da guerra, que já contabilizava suas primeiras baixas:

> Em casa toda a família estava abatida e acabrunhada no meio das contínuas e terríveis notícias da invasão paraguaia das províncias argentinas de Corrientes e nossa de Mato Grosso, ao passo que o Rio de Janeiro em peso estremecia de entusiasmo e ardor bélico, concorrendo para a formação dos batalhões de Voluntários da Pátria e assistindo à chegada dos contingentes do Norte, muito bisonhos e matutos. Mal aportavam seguiam logo para as bandas do Sul, empilhados em péssimos transportes. (TAUNAY, 2004, p. 128, grifo nosso).

A possibilidade de evitar o mesmo destino que os *bisonhos* e *matutos* do norte surgiu com a formação, nos primeiros meses de 1865, de uma força expedicionária com o objetivo de atuar na província de Mato Grosso. O amigo Catão Roxo foi quem informou Taunay dos preparativos e incentivou-o a buscar seu engajamento na mesma expedição: "Veja – disse me este – se você se encarta, embora de arma arregimentada. Vamos viajar por todo o interior do Brasil e, com todas as demoras obrigadas, quando chegarmos à zona do Apa, a guerra com certeza estará mais que acabada" (TAUNAY, 2004, p. 130). Assim, a sua integração à expedição que se formava abria duas possibilidades que muito interessavam a Taunay: conhecer o interior do Brasil e manter-se afastado das primeiras operações de guerra como parte de uma tropa comum. Foi o pai quem pediu o favor a D. Pedro II, que prontamente atendeu à solicitação, "foi ali mesmo assentada a minha nomeação de ajudante da Comissão de Engenheiros junta [sic] às forças destinadas a Mato Grosso. Fiquei contentíssimo e saí a anunciar a boa nova" (TAUNAY, 2004, p. 130). Na Figura 2, reproduzimos uma rara fotografia de Taunay e seus companheiros da Comissão de Engenheiros, durante a viagem a Mato Grosso:

Figura 2 – Fotografia com a Comissão de Engenheiros da Campanha de Mato Grosso e Retirada da Laguna.

Fonte: Taunay (1948a, p. 164) O jovem engenheiro militar Taunay está de pé, no centro. Fotografia atribuída a Henrique Fleiuss.

Mal começada a viagem, ainda no trecho fluvial entre Santos e a base da Serra de Cubatão, com destino a São Paulo, Taunay já elaborava planos e demonstrava que seu entusiasmo não era exclusivamente militar. Esta era sua primeira grande viagem. Mesmo com a vida na caserna, ainda não havia se afastado da corte e do cuidado familiar:

> Ao aportar o vapor Santa Maria [...] era eu já outro, todo cheio de ideia de ir viver bem sobre mim, entregue ao prazer de ver gentes e

> cidades novas, percorrer grandes extensões e varar até sertões imperfeitamente conhecidos e mal explorados.
> Todo o interior do Brasil se abria ante nossos passos, nada mais, nada menos, e, certamente, a vastidão tem em si inúmeros atrativos e grandioso prestígio, a que se uniam pretensões científicas de certo alcance, fazer coleções de minerais preciosos, ou então descobrir, senão um gênero novo de planta, pelo menos uma espécie ainda não estudada e classificá-la [...] Parecia nem mais, nem menos, que já me achava em longínquas e ínvias paragens e que prestava não pequeno serviço à Ciência e à Pátria, dando motivo a uma exploração, cujos valiosos resultados práticos se produziriam em futuro próximo. Ó poder da juventude, ó encanto das primeiras épocas! [...]. (TAUNAY, 2004, p. 146-147).

O entusiasmo e o encanto estavam diretamente relacionados com as possibilidades que esta viagem poderia significar para Taunay. Se não realizou diretamente as descobertas científicas que desejava, criou um universo literário em que reelaborou a ideia que o Brasil tinha de si mesmo e, nesta invenção, delegou poderes para que seus personagens realizassem as descobertas que desejava e não conseguiu. O relato da viagem a Mato Grosso, inserido em *Memórias* (TAUNAY, 1948a), se não nos informa das descobertas científicas do jovem Taunay, oferece, em contrapartida, o encontro dos cenários que iriam preponderar na sua obra literária futura:

> Com a educação artística que recebera de meu pai, acostumado desde pequeno a vê-lo extasiar-se diante dos esplendores da natureza brasileira, era eu o único dentre os companheiros, e portanto de toda a força expedicionária, que ia olhando para os encantos dos grandes quadros naturais e lhes dando o devido apreço. Como achei majestoso o Rio Grande, divisa de São Paulo e Minas, o copioso contingente do Paraná! Quanto me impressionou aquela solene massa d' água a demandar, no incessante movimento [...] Que agradável emoção me causou a vista do primeiro *buriti*, um dos mais belos e ricos ornamentos do sertão! [...] Marquei o dia e a hora em que meus olhos pela primeira vez pousaram naquela elegantíssima *Mauritia vinífera* [...] Quantos encantos para o artista, o naturalista, a amante da Natureza virgem nessas viagens bem longe, bem longe! (TAUNAY, 2004, p. 179 - 180).

A expedição a Mato Grosso foi uma experiência decisiva, transformadora e marcante para o jovem de 22 anos. Os contrastes físico e de personalidade daquele que partira, em 1865, e do que voltou, em 1867, estão registrados em *Memórias* (TAUNAY, 1948a). A cena da despedida é marcada por uma crise de choro e a tentativa de esconder-se de seus camaradas de armas: "Ao ver longe, já bem longe,

o lenço de seda vermelha a dizer-me adeus, adeus! e os acenos da saudação do Gregório e do Tomás, com os chapéus de palha, corri ao camarote e chorei até pegar no sono" (TAUNAY, 2004, p. 131); em contrapartida, em agosto de 1867, no retorno à corte, a sensação é bem distinta, está corporificada uma metamorfose e o seu comportamento será muito mais expansivo:

> Os traços de fisionomia, um tanto efeminados, haviam-se, com os trabalhos e as fadigas de Mato Grosso, virilizado de maneira que o meu todo, o meu tipo chamava a atenção, donde assomos sinceros de vaidade positivamente mulheril, quando ouvia elogios à queima-roupa. – Que guapo oficial! Que rapagão! E gostava de passear à tarde, bem-apertado na minha farda de tenente de artilharia, a fim de colher estas espontâneas homenagens. (TAUNAY, 2004, p. 381-382).

Aos vaidosos traços físicos adquiridos na expedição, somaram-se o reconhecimento e as homenagens. Foi recebido pelo imperador, publicou artigos, foi citado na imprensa e tema de debates no Senado. "Enfim, naquele período, embora curto, fui o herói do dia, *the day´s man*" (TAUNAY, 2004, p. 381). O retorno foi glorioso e muito bem-aproveitado. A Taunay foi facultado, inclusive, entre outras diversas honrarias, o privilégio de escolher as condecorações imperiais que gostaria de receber:

> Tive consulta direta por parte do Ministro Paranaguá, então em excelentes relações com o meu pai, se preferia o Oficialato da Rosa ou o Hábito do Cruzeiro, e decidi-me por aquele, parecendo-me a placa mais significativa no peito de um simples tenente. Acariciava-me a vaidade a venera larga, toda faceira, com os bonitos emblemas e a célebre divisa *Amor e Fidelidade.* (TAUNAY, 2004, p. 383).

O "Grand Tour"[32] de Taunay foi em direção ao interior do Brasil, do seu povo e da sua natureza. A longa e desastrada viagem com a expedição a Mato Grosso, entre 1865 e 1867, revelou ao jovem tenente um país que ainda não estava nos

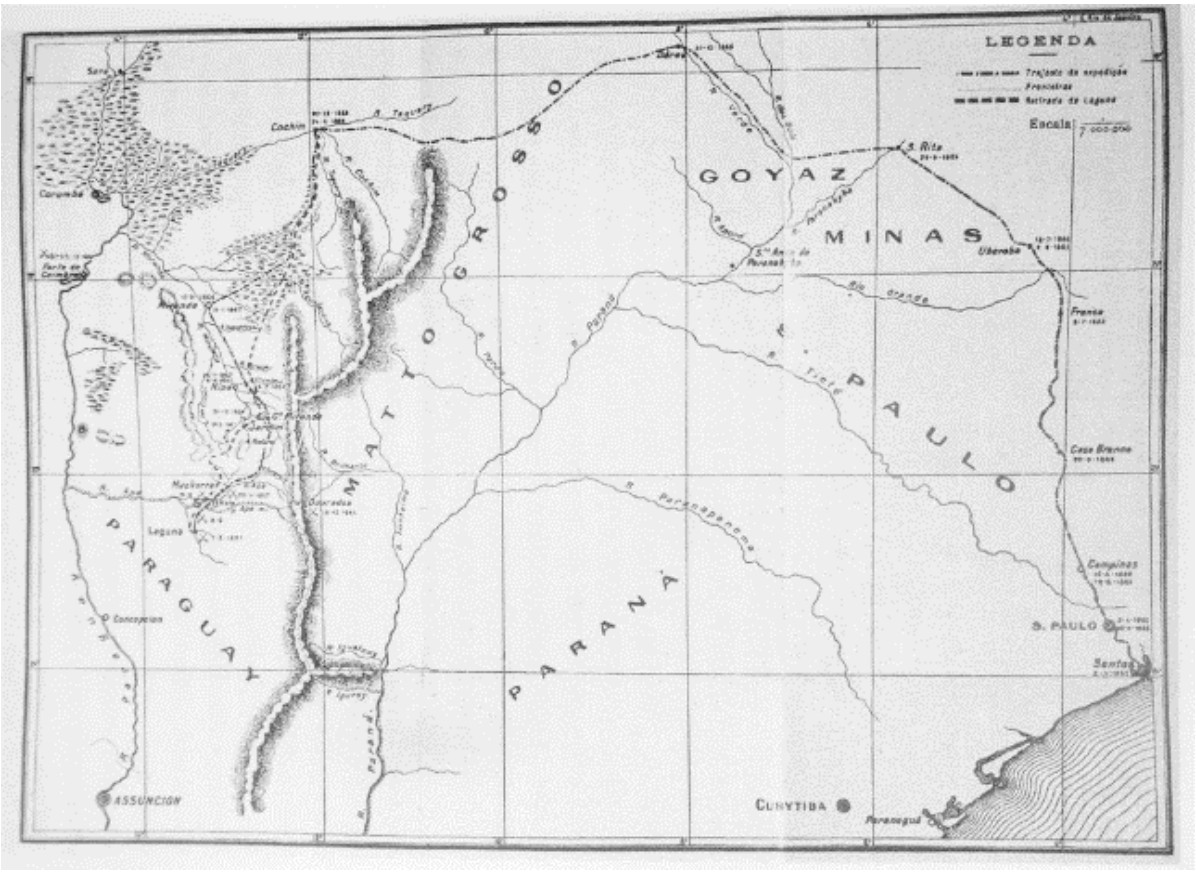
[32] O "Grand Tour" correspondente da expressão francesa *Le Grand Tour* – Era uma viagem de formação para os jovens das classes abastadas europeias, muito comum nos séculos XVIII e XIX. Lilia M. Schwarcz (SCHWARCZ, 2009) comenta e oferece mais informações sobre este *debut* cultural de jovens ricos: "uma experiência que longe de ser isolada era antes uma peregrinação – entre científica e filosófica –, mais conhecida na época como *Le Grand Tour*. Em meados do século XVIII, era bastante usual a certa elite intelectual europeia de bom berço realizar esse tipo de percurso, que incluía vários lugares: primeiro, a corte pomposa da França, depois, a grandiosa corte papal e as casas nobres de Roma e Florença. O tour era em geral feito com a ajuda de um arquiteto ou de um pintor jovem, sendo os ingleses considerados, à época, como os mais bem preparados para tal função" (SCHWARCZ, 2009, p. 20).

livros nem nos mapas. Percorreram, em condições improvisadas, mais de 4,3 mil quilômetros entre a ida a região do Pantanal e retorno a Campinas. Taunay foi o único que retornou ao ponto de partida da expedição, que dali tinha saído com quase dois mil combatentes:

> No dia 28 [de julho de 1867] entrava eu em Campinas, fechando ali o mesmo circuito que acabava de percorrer, mais de seiscentas e sessenta léguas, e léguas de três mil e seiscentas braças, as boas léguas brasileiras com que os geógrafos e viajantes dificilmente se acomodam" (TAUNAY, 2004, p. 379).

Na Figura 3, reproduz-se o itinerário da expedição:

Figura 3 – Mapa com o roteiro do deslocamento das forças brasileiras enviadas a Mato Grosso e ao norte do Paraguai, entre 1866 e 1867.



Fonte: Doratioto (2002.p. 119). O desenho é de Taunay.

Tanta aproximação permitiu que Taunay forjasse uma nova perspectiva do Brasil e dos brasileiros, essa já liberada do idealismo romântico das primeiras gerações e formulada pela combinação de um repertório de imagens de um país real, que expressou nas suas publicações imediatas ao fim da guerra. Sylvio Romero (1906) indicou parte dessas novas perspectivas apresentadas por Taunay:

> À visão, pois, ao conhecimento direto que teve Taunay da natureza brasileira e mais desse profundo sentimento de solidariedade nacional e pátria [sic], engrandecido, depurado pelas dores penadas em comum numa dura guerra, como foi a do Paraguai, deveu ele esse aferrado brasileirismo, que transluz através de toda a sua obra e faz deste filho de franceses um dos nacionalistas mais extremados de nossa literatura. (ROMERO, 1906, p. 191).

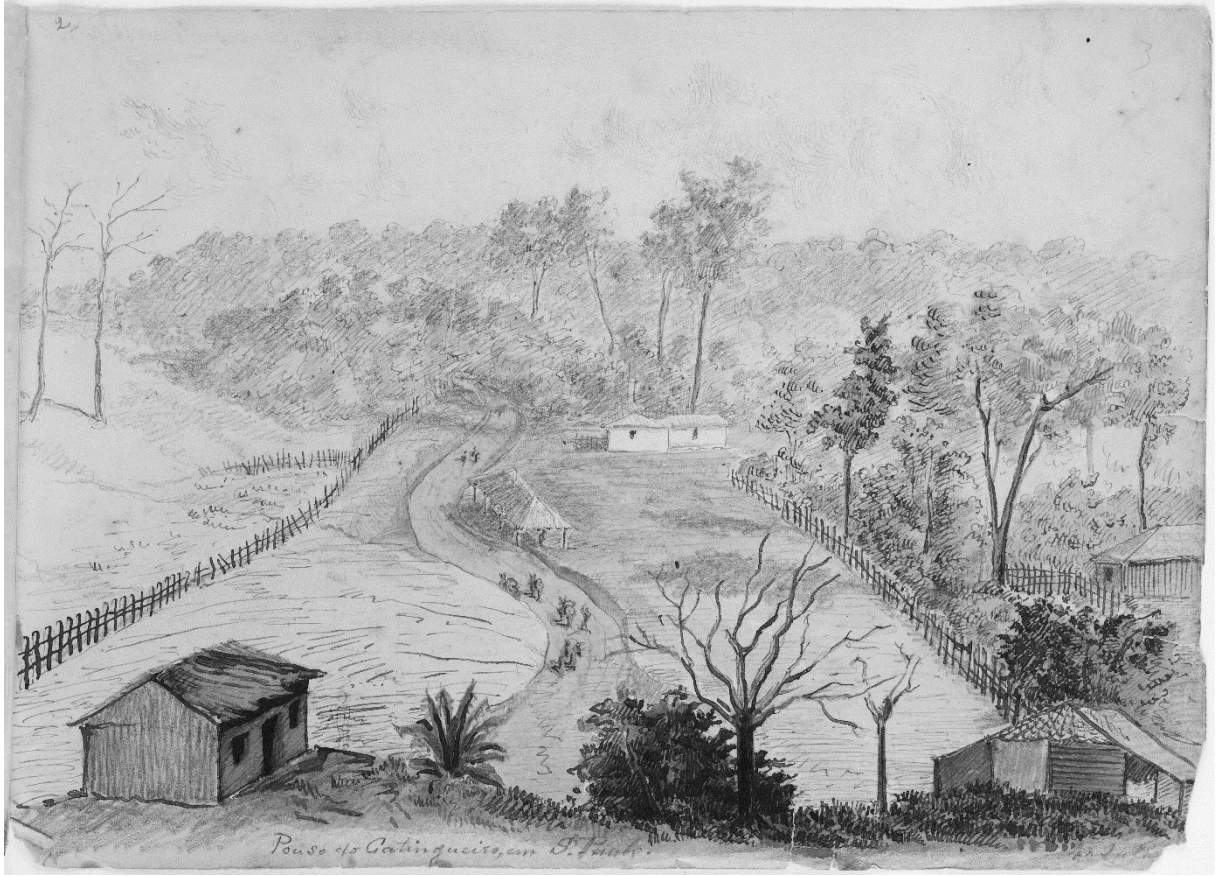
Os mais de dois anos junto à expedição a Mato Grosso proporcionaram a Taunay, além do contato com a natureza e com as vastas regiões desconhecidas, a convivência com outros tipos humanos, o conhecimento de outras formas de organização vida social e a possibilidade de completar sua formação com uma experiência prática extrema. Na jornada pelo “sertão bruto”, Taunay comportou-se como os cronistas do ciclo de descobrimentos dos séculos XV e XVI, que desbravaram regiões inóspitas e conheceram as maravilhas dos mundos recém-encontrados. Na missão de reconhecimento do rio Aquidauana, em *Cenas de viagem* (TAUNAY, 1868), ele e o companheiro, o capitão Antônio Florêncio Pereira do Lago, assumem a função adâmica de nomeação dos cursos de água da região:

> Os ribeirões sucediam uns aos outros, tombando de queda em queda e despenhando-se pelos declives abaixo.
> Como primeiros exploradores, fomos-lhes aplicando nomes que nos pareciam mais convenientes, ora procurando um distintivo que os tornasse facilmente conhecidos; ora consagrando-os à lembrança de ninfas clássicas ou americanas; assim passamos o ribeirão da Congonha, mais adiante o de Euterpe e, meia légua além, o de Catharina Pazes, uma lindíssima quiniquinau, que habitava nos morros. (TAUNAY, 1868, p. 83-84).

Assim, explorou, anotou e desenhou cenários e seres daquele mundo novo, como se esse registro fosse a prova da existência daquelas maravilhas. Entre suas observações, estão desde minúcias sobre o comportamento dos insetos que ali habitavam até os detalhes das formações geológicas e do relevo da região

atravessada pela coluna expedicionária. A Figura 4, a seguir reproduzida, é um desenho de Taunay sobre um dos cenários da marcha.

Figura 4 – Desenho com Pouso do Catingueiro, São Paulo.



Fonte: Taunay (1867, lâmina 11).

Taunay revelou-se um viajante muito atento aos cenários naturais e às pessoas que encontrava, que se tornaram as substâncias que combinou para a produção de suas obras iniciais e que manteve presente durante toda a sua atuação, sempre reelaborando e complementando os detalhes de tudo quanto ali viveu. Entre 1868, ano de seu primeiro livro, e 1874, quando publicou seu quarto romance, o jovem Taunay já não seria o oficial subalterno que dependeu dos contatos do pai influente para o engajamento na expedição a Mato Grosso, entre outros favores, imperiais ou não, mas ocuparia a posição de produtor literário de destaque e político com futuro promissor. Antonio Candido (CANDIDO, 2000) comenta o resultado desses encontros para Taunay:

> As circunstâncias levaram-no, todavia, conhecê-la mais a fundo; a internar-se no interior bruto, lutar por ela, enfrentar asperamente a paisagem no lugar de contemplá-la. A paisagem deixou de ser para ele, um espetáculo: integrou-se na sua mais vivida experiência de homem. Ao naturismo pré-romântico da Tijuca, do avô, dos tios e do parente de Chateaubriand, vem fundir-se o sertanismo prático da Expedição de Mato Grosso. Ao músico e desenhista, orgulhoso dos dotes físicos e artísticos, o tenente da Comissão de engenheiros, integrado no corpo do país de um modo desconhecido a qualquer outro romancista do tempo. Daí resultar um brasileirismo, misto de entusiasmo plástico e de consciência dos problemas econômicos e sociais, algum dos quais abordou com bom senso e eficiência. Daí, também, o fato de suas obras mais significativas estarem ligadas à experiência do sertão e da guerra, que elaborou durante toda a vida, sem poder desprender-se do seu fascínio. (CANDIDO, 2000, p. 276).

Conforme destaca Candido (CANDIDO, 2000), um dos elementos da unidade entre os dois períodos de produção da obra de Taunay é obtido pela utilização temática do sertão e das viagens. O primeiro desses momentos ocorre entre 1868 e 1874, quando predominam as narrativas militares e a sua afirmação como autor de ficção, ambas as vertentes baseadas no âmbito de sua experiência sertão adentro; já no segundo momento, entre 1890 e 1893, temos a retomada memorialística daquelas mesmas experiências de guerra e de viagens. Em comum entre os dois períodos, somente a fascinação de quem descobriu um mundo novo ou – simplesmente – encontrou o que faltava para completar a si mesmo.

3.2 AS NARRATIVAS DA GUERRA

Taunay, desde o retorno à corte, ao final de sua estada em Mato Grosso, em agosto de 1867, dedicou-se a divulgar os acontecimentos que presenciara e relembrar os sucessos da expedição e da retirada. E, então, aproveitou o grande interesse sobre a guerra, que ainda estava muito longe de seu final, para rever as anotações, os desenhos e os diários produzidos durante a campanha e iniciar a publicação de suas primeiras obras, procedentes diretamente daquela experiência, *Cenas de viagem* (TAUNAY, 1868) e *A retirada da Laguna* (TAUNAY, 1871). Voltaria ao campo de batalha, no último ano da guerra contra o Paraguai, entre 1869/1870, como secretário do estado-maior. Desta sua tarefa, originou-se o *Diário do Exército* (TAUNAY, 1870), texto burocrático, centrado na atuação do conde d´Eu, então

comandante das forças aliadas, e contaminado pelos sentimentos depreciativos de Taunay atinentes ao conde. Por sua vez, os contrastes entre a quantidade e a qualidade das narrativas de Taunay sobre a campanha em Mato Grosso em comparação com a da Cordilheira são consideráveis e demonstram a repercussão distinta que as duas frentes da mesma guerra causaram ao jovem oficial. A primeira, uma retirada gloriosa narrada em tons épicos; a segunda, uma vitória sanguinária registrada no estrito protocolo militar. Analisemos, mais detalhadamente, cada uma dessas produções, resultados da presença de Taunay em Mato Grosso e na Cordilheira:

***Cenas de viagem* (1868)**

Cenas de viagem: exploração entre os rios Taquari e Aquidauana no distrito de Miranda – Memória descritiva (TAUNAY, 1868) foi o primeiro livro[33] de Taunay, publicado em 1868, é uma descrição romântica das paisagens do pantanal mato-grossense, resultado direto de seus apontamentos no reconhecimento do itinerário de deslocamento da coluna expedicionária:

> Incumbido de uma exploração importante n'uma zona de mais de cinquenta léguas, colhi os dados que ora apresento, procurando tomar notas minuciosas de tudo quanto pudesse interessar e ordenando-as desde logo, de modo que formassem com pouco custo um trabalho simples e despido de pretensões, porém de alguma vantagem para novos e mais habilitados exploradores, fornecendo-lhes apenas uma base para futuros desenvolvimentos. (TAUNAY, 1868, p. 1).

Cenas de viagem é um duplo empreendimento de Taunay. Por uma parte, busca a incorporação daqueles cenários ao conjunto de paisagens naturais da nacionalidade; de outra, oferece-se como autor competente para tratar de matéria nacional e de relevância. O volume[34], *obrinha* nas palavras do autor, é polivalente quanto aos aspectos temáticos. Há, nitidamente, o esforço de reunir o máximo de

---

[33] Maria Lídia Lichsheidl Maretti (2006, p. 226) considera o *Relatório Geral da Comissão de Engenheiros junto às Forças em Expedição para a Província de Mato Grosso* como o primeiro de livro de Taunay, publicado como "anexo ao *Relatório do Ministério da Guerra, em 1867*" (TAUNAY, 2004, p. 135). Maretti registra duas outras publicações do *Relatório Geral*, a primeira, em 1874, no segundo tomo, da Revista do IHGB; a segunda, em 1928, sob a responsabilidade de Affonso Taunay, com o título *Marcha das forças.* Por sua vez, o próprio Taunay considerava *Cenas de Viagem* como seu primeiro livro publicado (TAUNAY, 2004, p. 401).

[34] São 190 páginas na primeira edição (TAUNAY, 1868).

informações a respeito daquela região – *tudo quanto pudesse interessar* – até pela possibilidade de que ela se convertesse em campo de batalha ou pela necessidade de complementar as informações básicas de uma região inóspita e desconhecida, mas duplamente reivindicada e disputada pelas armas.

Justamente por tratar-se de um território em disputa, descrevê-lo e contar quem eram e o que os brasileiros fizeram ali significava incorporá-lo à narrativa nacional e uma forma efetiva de lutar por ele, lançando marcas de propriedade e pertencimento, tanto para o público interno quanto para os demais. Assim, é nítida a tentativa de produção de um texto abrangente e totalizador. Uma paisagem e o máximo de suas propriedades, pistas que servissem de introdução para os que enfrentariam os mesmos horizontes em outros tempos.

Taunay ainda acrescenta às suas observações do prefácio:

> Procurei tirar à minha narrativa o caráter oficial. Em muitas ocasiões não pude livrar-me da tecnologia científica; usei d'ela, com parcimônia, e, organizando um trabalho singelo, envidei esforços para que fosse consciencioso e sobretudo verídico (TAUNAY, 1868, p. 1).

Na mesma vertente, Maria Lídia L. Maretti (MARETTI, 2006) comenta a tentativa de eliminação da terminologia científica, observando que, em *Cenas de viagem* (TAUNAY, 1868), esse procedimento tem como objetivo anunciado a busca por um texto “mais literário”.

O autor assume simultaneamente os “papéis de expedicionário-naturalista, de soldado, de teórico da narrativa, de ecólogo, de botânico, de corógrafo, de geólogo, de entomólogo, de antropólogo, de lexicólogo, de historiador, de leitor erudito dos clássicos e, enfim, de escritor romântico” (MARETTI, 2006, p. 230-231). Tantos pontos de vista específicos vão exigir um vocabulário descritivo adequado para um mínimo de precisão. Assim, a narrativa da viagem pela vazante do Aquidauana mescla a descrição científica das paisagens, da flora, da fauna, das gentes à sucessão temporal do confronto com uma região inóspita e ainda por mapear.

O livro está organizado em quatro seções: uma narrativa da viagem; um ensaio antropológico sobre os indígenas que ocupavam a região; o vocabulário guaná/chané; e, o memorial descritivo do trajeto. Perfaz um circuito de descrição da natureza, do povo e da cultura de um território pouco conhecido, sob litígio

fronteiriço, que também funciona como um capítulo de reivindicação territorial e contribuição ao esforço de guerra brasileiro:

a) “Cenas de viagem”[35], que está nos primeiros onze capítulos, é a narrativa da missão de exploração realizada por ele, o capitão Lago, os seus dois camaradas e mais sete soldados, entre fevereiro e abril de 1866, destinada a mapear a região de operações da expedição. São os acontecimentos anteriores aos que seriam narrados em *A retirada da Laguna*, um ano antes, quando a expedição chega à região do Pantanal. Prevalecem as marcas características do diário de viagem: as datas, as posições, os deslocamentos e as paisagens mais significativas do percurso.
b) “Os índios do distrito de Miranda”, que ocupa todo o capítulo XII, é um ensaio descritivo sobre os indígenas da região, suas formas de organização, seus hábitos, seus costumes e as diferenças entre os principais grupos. Neste texto estão as observações diretas de Taunay sobre a convivência com os índios.
c) “Vocabulário da Língua Guaná ou Chané” funciona como complemento à descrição dos povos que ali viviam, uma lista com pouco mais de duas centenas de palavras e suas equivalências em português, acrescidas com indicações das principais classes de palavras, exemplos de uso e frases-padrão para necessidades específicas. Em *Memórias* (TAUNAY, 2004), o autor lamenta ter perdido grande parte desse vocabulário durante a sua ausência de Nioac, nos dias da marcha ao Apa, que, segundo ele, já estaria com mais de dois mil vocábulos. A destruição da maior parte do “Vocabulário Guaná ou Chané” e de outros pertences também foi registrada no capítulo final de *A retirada da Laguna* (TAUNAY, 1997).
d) “Memória descritiva do reconhecimento do caminho entre os rios Taquari e Aquidauana...”, está como apêndice, é o relatório descritivo da missão de exploração, anunciado desde o título do volume, reúne os detalhes das direções seguidas, o tempo de caminhada, os rios transpostos, os

[35] Os eventos relacionados com a exploração entre os rios Taquari e Aquidauana seriam retomados e ampliados por Taunay, ao menos, em duas outras narrativas, com pequenas diferenças uma da outra. A primeira, como folhetim, sob o título *Irmão e amigo*, no rodapé do diário *A nação*, do Rio de Janeiro, na semana entre 15 e 22 de maio de 1874 (TAUNAY, 1874). A segunda, como um dos contos de *Narrativas Militares* (TAUNAY, 1878, p. 9-72), intitulado “Um irmão”.

recursos para abastecimento e qual apoio militar que se poderia esperar dos diversos grupos indígenas que viviam na região de conflito.

Cenas de viagem, texto despretensioso e improvisado, reúne as informações brutas recolhidas na missão, merece ser considerado por antecipar procedimentos que seriam sistematizados muito tempo depois pela intelectualidade brasileira e que Taunay, inconscientemente, oferecia sua contribuição (CAMPOS, 2000). Nesse sentido, vale ressaltar o ineditismo dos trabalhos sobre os indígenas da região, quando desempenha funções de etnógrafo-amador, demonstrando a preocupação em registrar diretamente as tradições das comunidades indígenas – língua e costumes – que ainda não haviam desaparecido. Seu informe sobre indígenas – *chanés* e *guayacurús* – e o "Vocabulário da Língua Guaná ou Chané", também, tornam-se peças importantes para suas tentativas de oferecer opções ao indianismo alencariano, posicionar-se como conhecedor dos assuntos indígenas e autorizado a opinar também sobre o tema[36]. "Durante a estada prolongada [..], procuramos estudar a sociedade que existira no Baixo-Paraguai, analisar a índole dos índios, o elemento mais numeroso nele, investigar o grau de civilização em que se acham e os resultados da convivência com os brancos." (TAUNAY, 1868, p. 108). Retornaremos a essa questão ao comentarmos o conto "Ierecê a guaná". Na Figura 5, apontamos um estudo de Taunay pertinente os indígenas do Distrito de Miranda:

[36] Taunay conseguiu algum reconhecimento nesses assuntos. Consta, inclusive, que ajudou Machado de Assis na nomeação da heroína guaicuru de *Americanas* (ASSIS, 1875). Na correspondência de Machado de Assis, há uma carta de Taunay, de 1873, em resposta a uma consulta sobre o nome mais adequado para essa indígena. Machado havia proposto Nanine, na resposta, Taunay sugere Nianni: "Depois de nossa conversa última pensei qual podia ser o verdadeiro nome que deve ter a sua heroína Guaicuru. A tradição em que você se funda dá Naniné. Pois bem, o vocábulo legítimo e que servia de apelido a algumas mulheres guaicurus é Nianni [niãni], que quer dizer – criança, pessoa fraca, débil" (TAUNAY, 1873 apud ASSIS, 2009, p. 87). Machado de Assis acolheu a sugestão de Taunay e registrou a ajuda em nota ao poema: "Nanine é o nome transcrito na *História dos Índios Cavaleiros* [monografia de Rodrigues Prado]. Na língua geral temos *niaani*, que Martius traduz por *infans*. Esta forma pareceu mais graciosa; e não duvidei adotá-la, desde que o meu distinto amigo, Dr. Escragnolle Taunay, me asseverou que, no dialeto guaicuru, de que ele há feito estudos, niani exprime a ideia de moça franzina, delicada, não lhe parecendo que exista a forma empregada na monografia de Rodrigues Prado" (ASSIS, 1875, p. 201).

Figura 5 – Desenhos com estudo sobre os indígenas do Distrito de Miranda.

Fonte: Fonte: Taunay (1867, lâmina 20).

Outra consideração importante, com relação a este volume, é a colaboração recebida por Taunay para finalizar o texto. Ele comenta as circunstâncias dessa ajuda em *Memórias* (TAUNAY, 1948a):

> Intitulei o meu livro *Cenas de viagens* e tirei cópia bem limpa, que meu pai levou ao Imperador. Nem este deixou de lê-lo todo, ainda que manuscrito, pois o anotou, fazendo várias correções sobretudo de galicismos e locuções que não lhe pareceram de bom cunho português, no que levava exagerado escrúpulo, fazendo questão de minúcias e repelindo, energicamente, *emoção* em vez de *comoção*, *decepção*, *detalhes*, e outras coisinhas deste jaez. (TAUNAY, 2004, p. 400).

Dom Pedro II foi o revisor do texto, uma simpática contribuição que fez com que Taunay esperasse muito mais de suas relações com a coroa e com o governo. Contra sua disposição, teve de pagar pela edição de *Cenas de Viagem*: “Custou-me

seiscentos mil réis, o que mais aumentou o meu já antigo aborrecimento contra o A..., então oficial-de-gabinete do Ministro da Guerra Paranaguá. Impediu a publicação oficial do meu trabalho, conforme quase ia obtendo" (TAUNAY, 2004, p. 401).

Taunay, também, registra em *Memórias* uma incipiente autocrítica quanto à primeira obra: "Confesso à puridade que o estilo daquela obrinha deixa bastante a desejar" (TAUNAY, 2004, p. 235) e oferece testemunho resignado de sua recepção crítica:

> Das *Cenas de viagem* ocupou-se o jornalismo com a amabilidade vaga e semivexada de quem de um volume oferecido à sua crítica não passou do título, e o atirou a um canto. Exposto à venda em diversos livreiros não vi de tal obra um vintém sequer. Entretanto, dela não existe mais um só exemplar, parecendo-me que a edição se esgotou radicalmente. Mereceria reedição? Chego a pô-lo em dúvida, embora o vocabulário *chané*, pela consciência com que foi organizado, seja digno da atenção dos que se ocupam com assuntos indiáticos. (TAUNAY, 2004, p. 401).

Na opinião de Taunay, a fria recepção de *Cenas de viagem*, no período de seu lançamento, foi própria da dispensada às obras dos muitos iniciantes que ofereciam seus primeiros trabalhos para a análise do leitor especializado.

***A retirada da Laguna* (1869, 1871, 1874)**

La retraite de Laguna (TAUNAY, 1871) foi a obra de maior destaque entre as diretamente originadas da participação de Taunay na guerra contra o Paraguai. Entre os acontecimentos que a motivaram, a sua publicação fragmentária e a tradução ao português, como *A retirada da Laguna*, em 1874, transcorreram-se sete anos, ou seja, quase uma década, de 1867 a 1874. Colaboraram nesses eventos Felix Émile Taunay, o pai do autor; Pedro II, então Imperador do Brasil; e o tradutor, Salvador de Mendonça. Um com sugestões e produção da dedicatória, outro com a revisão do texto e o último com a tradução ao português, respectivamente. Sua composição foi um processo demorado, que envolveu muitas pessoas e resultou em um texto oficial sobre um episódio específico e transformado em representação de toda uma guerra. Sua história de produção, circulação e canonização está imbricada

com a construção do discurso nacional-patriótico sobre causas, consequências e resultados daquela guerra fratricida.

Esse processo de produção iniciou-se com a publicação do artigo “Expedição de Mato Grosso”[37] (TAUNAY, 1867), no *Jornal do Commércio*, do Rio de Janeiro, em agosto de 1867. E, em tal texto, Taunay narra sinteticamente os principais acontecimentos relacionados à expedição a Mato Groso e, com destaque, os episódios conexos à transposição do rio Apa e às escaramuças da força brasileira até a fazenda Laguna, bem como a viagem de regresso, transformada, depois em retirada. No artigo estão contextualizadas a posição e situação das forças enviadas a Mato Grosso, bem como as dificuldades de todas aquelas operações, desde a marcha pelo sertão até Nioac, a impossibilidade da manutenção de linhas de abastecimento e a decisão de transpor a fronteira e atacar posições paraguaias. Opção, esta, temerária e imprudente, na opinião de Taunay, mas justificada pelo voluntarismo de alguns oficiais e do comandante:

> De todos os males que ela sofrera com paciência heroica nasceu em seu seio, sentindo-se, para assim dizer, em plena convalescença e refeita de forças, o desejo ardente e impaciente de consagrar esse novo vigor ao serviço da pátria. A esta disposição uniram-se com ligação natural, veleidades de sacrifício entretidas no coração de seu brioso comandante, o coronel Carlos de Moraes Camisão, pela necessidade de dissipar dúvidas injustas que se fizeram pairar sobre sua reputação de valente, depois do abandono de Corumbá. Nobre desejo, porém perigoso, de que foi vítima!
> Desde então começa um drama que exigiria o estilo de um Plutarco, mas que em falta de outro narrador ocupará um dia a minha pena, caso alguma das testemunhas, meus caros companheiros de armas, não me poupe essa tarefa necessária e sagrada
> A força expedicionária, sem um só homem de cavalaria, com uma bateria de quatro peças raiadas excelentes, foi levada, mais por entusiasmo do que por cálculo, a 25 léguas de Nioac, atém a margem direita do Apa, acompanhada por dez fugitivos brasileiros que se haviam escapado do Paraguai e que aumentavam, partilhando-o, o ardor geral. O rio foi transposto. Um palanque, chamado forte de Bela Vista, foi ocupado e queimado. A prudência justificada de alguns cedeu o campo: a ocasião não a permitia. (TAUNAY, 1867, p. 1).

[37] O artigo segue transcrito, na íntegra, ao final deste trabalho, como anexo, por tratar-se de uma raridade editorial. Não foram encontradas outras referências sobre sua republicação. Mesmo no amplo levantamento bibliográfico apresentado por Maria Lídia Lichtscheidl Maretti, em *O Visconde de Taunay e os fios da memória* (MARETTI, 2006), ele não é indicado.

Essa narrativa é muito diferente da perspectiva e do enquadramento adotado em *A retirada da Laguna* (TAUNAY, 1871). O exposto no artigo “Expedição de Mato Grosso” (TAUNAY, 1867) foi redigido em estilo simples, em língua portuguesa e predomina a impessoalidade da terceira pessoa. Em contraste com *A retirada da Laguna* (TAUNAY, 1871), em que o tom é elevado, a língua original é o francês e prepondera o plural majestático da primeira pessoa. Ainda assim, no artigo estão indicados os principais pontos que serão desenvolvidos na obra futura. Em *Memórias* (TAUNAY, 2004), Taunay relembra este primeiro episódio:

> Logo da chegada ao Rio de Janeiro, resumi tudo num artigo que o Senador Pompeu, interpelando o governo sobre os fatos do Mato Grosso, achou digno da pena de um Plutarco. Daquilo, porém ao livro que devia ser escrito, havia um mundo [...] Não era, contudo, falta do meu pai causticar-me deveras: “Perdes, Alfredo, maravilhoso ensejo para que te cubras de glória”. Ou então, apelando para outra ordem de ideias igualmente elevadas e sugestivas: “Foges ao dever, meu filho, e ao que deves aos teus camaradas ou de quem jamais falará alguém! ”. (TAUNAY, 2004, p. 401).

Há outro texto de periódico que também contribuiu para estimular o trabalho de produção da anunciada narrativa de “maior fôlego” sobre os acontecimentos de Mato Grosso e da Laguna. Trata-se do artigo “La invasión del Norte” (EL SEMANÁRIO apud TAUNAY, 2005), publicado em Assunção, no jornal *El semanário de avisos y conocimientos utiles*, de 13 de julho de 1867. O artigo paraguaio trata dos mesmos eventos sob o viés de interesses do lado guarani. Não se fala de uma retirada heroica, mas da expulsão de invasores:

> El ejército que venia a apoderar-se de nuestras poblaciones, esclavizar nuestras familias, y trazar su linea divisória, despedazando nuestro país, ha sucumbido a la aparición de la falanje Paraguaya del Norte. Ella puede decir, como Cesar: Llegué, vi, venci. El desastre de ese ejército repercutirá como un golpe terrible sobre el ambicioso Emperador, que ve deshecha una de sus más grandes esperanzas, y le llevará una convicción más de que sus esclavos jamás conquistarán la tierra de los libres. Estamos pues de felicitaciones por el importante sucesso que acaba de alcanzar el esfuerzo de nuestro brazo: es una venganza terrible que debe horrorizar al invasor e echar por tierra su espiritu abatido.[38] (EL SEMANÁRIO apud TAUNAY, 2005, p. 173-174).

[38] “O exército que vinha apoderar-se de nossas cidades e vilas, escravizar nossas famílias e traçar a sua linha divisória, para tirar um pedaço de nosso país, sucumbiu à aparição da falange paraguaia do norte. Ela pode dizer, como César: vim, vi e venci. O desastre deste exército repercutirá como um golpe terrível sobre o ambicioso Imperador, que vê assim desfeita uma de suas maiores esperanças,

Taunay conta-nos que só tomou conhecimento deste artigo em 1869, dois anos depois de sua publicação, quando estava no Paraguai e recebeu-o de um amigo[39], que, por sua vez, havia-o encontrado nas trincheiras paraguaias de Curupaiti. Em uma das reedições de *A retirada da Laguna,* registra: “Para nós é do maior valor como depoimento contraditório. Deste espelho, tão fiel no que diz à série dos fatos, quanto mentiroso quando os aprecia, ressalta a exação da nossa narrativa e a terrível natureza dos perigos que saltearam a coluna brasileira” (TAUNAY, 2005, p. 167). Mesmo que não tenha conhecido o texto paraguaio antes da redação da sua obra, Taunay incorpora-o como apêndice e contraprova da sua versão do episódio às edições de *A retirada da Laguna* e justifica o procedimento em *Memórias*: “Anexei-o como a mais preciosa peça justificativa ou documento comprobatório de tudo quanto havíamos sofrido e superado” (TAUNAY, 2004, p. 403). O certo é que o artigo de *El Semanário* chegou às mãos de Taunay antes do início da publicação dos volumes, em 1869 e 1871, que resultaram na versão ao português, de Salvador de Mendonça, de 1874. Também, na parte que já estaria pronta, os primeiros quatro capítulos, segundo o autor, ele não cita diretamente os eventos da retirada, mas somente a situação da coluna até o conselho de guerra que decidiria sobre os planos de avanço sobre a fronteira inimiga.

A primeira parte de *A retirada da Laguna* foi produzida no Rio de Janeiro, durante a longa licença que gozou depois do retorno de Mato Grosso, entre agosto de 1867 a março de 1869. Taunay registra que teve grandes dificuldades de retomar todos os detalhes em suas primeiras tentativas. “Os sucessos não se me apresentavam claros no desenrolar cronológico, confundiam-se as datas, os dias e até os meses. Dos fatos capitais até, e indispensáveis à narração não tinha senão lembrança vaga e mal esboçada” (TAUNAY, 2004, p. 402). Mas essas primeiras dificuldades foram superadas pelo ímpeto romântico da inspiração autoral e pela estreita colaboração do pai e do imperador.

> Certa noite acordei, a horas mortas, perdi o sono e, na vigília, todos os fatos da retirada se me reproduziram, de modo tão claro e tão

---

e o levará uma certeza a mais de que seus escravos jamais conquistarão a terra dos livres. Estamos todos de parabéns pela importante vitória que acaba de conquistar o esforço de nosso braço: é uma vingança terrível que deve horrorizar ao invasor e derrubar ainda mais sua moral já abatida” (EL SEMANÁRIO, 1867 apud TAUNAY, 2005, p. 173-174, tradução nossa).

[39] O amigo é João Batista Marques da Cruz, oficial brasileiro, morto na guerra.

> terrível, que tive violentos calafrios e tremi de emoção e positivo medo.
> Não perdi, porém o momento de súbita inspiração. Acendi a vela, saltei da cama e durante mais de duas horas seguidas, tomei febrilmente notas de toda a minha tétrica história.
> E houve trechos em que experimentei os arrepios e o pavor da morte a rememorar por modo tão vivo e inesperado as cenas e os horrores que presenciara e tão depressa me iam fugindo da lembrança.
> Dentro daquela semana prontifiquei as duas primeiras partes, que meu pai levou logo a São Cristóvão para que o Imperador as lesse.
> E o sincero interesse que Sua Majestade mostrou e as observações que transmitiu demonstrando não lhe ter escapado coisa alguma, muito concorreram para que me desse pressa em concluir o cometimento encetado, no que era estimulado pelas contínuas exortações de meu pai.
> Creio que escrevi *A retirada da Laguna* em vinte e poucos dias. Tinha então de 24 para 25 anos. (TAUNAY, 2004, p. 402, grifo nosso).

O depoimento sobre o surto de inspiração é complementado pela descrição do círculo de colaboração que foi estabelecido entre Taunay, o pai e o imperador. O momento de inspiração que o levou a trabalhar "durante mais de duas horas seguidas" resultou em outros três anos de dedicação para que a edição fosse completada. E o descompasso entre o momento de inspiração e o longo período de realização sugere que o processo poderia ter sido mais lento do que o autor afirma. Por conseguinte, a edição de 1869 é parcial, circula com os quatro primeiros capítulos organizados e anunciados como integrantes da primeira parte. Somente em 1871 apareceu a edição integral, com cinco partes e quatro capítulos cada[40], acrescidos de uma dedicatória, um prólogo e uma introdução:

> A primeira parte da Retirada da Laguna apareceu impressa em francês na tipografia do Laemmert, em bom papel, mas tipo já gasto. Continha a Dedicatória ao Imperador (feita por meu pai), um prefácio, uma introdução e quatro capítulos com cinquenta e quatro páginas de texto. O prefácio traz a data de outubro de 1868. (TAUNAY, 2004, p. 403).

A recepção da primeira parte de *A retirada da Laguna* assemelhou-se com a recebida por *Cenas de viagem* (TAUNAY, 1868): "o jornalismo não lhe deu a menor

[40] Esta organização foi alterada a partir da segunda edição, em francês. Os 20 capítulos foram transformados em 21, com a conversão da "Introdução" em primeiro capítulo e a renumeração dos demais até vigésimo primeiro. Desde então, as edições em português também adotaram esta apresentação.

importância, o único que me falou com algum calor, mostrando interesse na publicação das outras partes, foi o Conde d'Eu" (TAUNAY, 2004, p. 403).

A escolha do francês como língua de publicação da primeira parte, em 1869, e depois para a primeira edição integral de *A retirada da Laguna*, em 1871, foi um dos motivos para a sua exclusão de consideração como obra pertencente ao sistema literário brasileiro (VERÍSSIMO, 1998). Maria Lídia Lichtscheidl Maretti (2006) aponta o que ela denomina de "contradição lógica" na utilização do francês por Taunay:

> [...] muitas de suas manifestações de purismo linguístico contra os galicismos frequentes na época – faz pensar em uma contradição lógica. Escrever em francês não seria então uma manifestação antinacionalista, tão contraria aos seus propósitos e de tantos outros escritores da época?" (MARETTI, 2006, p. 59).

Há diversas justificativas para a utilização daquele idioma. Sergio Medeiros afirma: "A obra foi redigida em francês, língua que Taunay dominava perfeitamente, por tradição de família" (MEDEIROS, 1997, p. 10). Domínio linguístico que o biógrafo e tradutor de Taunay, Jean Soublin, colocou em dúvida: "Or Taunay a prouvé dans ses autres livres qu'il maniait le brésilien avec elégance. Pourquoi alors avoir choisi une langue qu'il dominait plutôt moins bien?"[41] (SOUBLIN, 1995 apud MARETTI, 2006, p. 59).

Sergio Medeiros, em "As vozes do Visconde de Taunay", artigo que foi incluso na edição crítica de "Ierecê a guaná" (MEDEIROS, 2000), oferece uma complementação à sua justificativa sobre o uso da língua francesa:

> A crônica teria sido escrita originalmente em francês porque o autor, incentivado pelo pai, pensara em publicá-la inicialmente só na França, onde não deixaria de chamar a atenção, pela singularidade dos fatos narrados. Contudo, essa é uma questão ainda não esclarecida. Segundo uma curiosa observação de Afonso Taunay, filho do escritor, na época em que Taunay publicou seus primeiros textos, pouco se lia no Brasil, e ainda menos o que era publicado em português. Daí por quê [sic], poderíamos imaginar, o autor considerou oportuno redigir *A retirada da Laguna* em francês. Mas são especulações. (MEDEIROS, 2000, p. 110)

[41] "Ora, Taunay provou em seus outros livros que manejava o português do Brasil com elegância. Por que então ter escolhido uma língua que não dominava tão bem?", tradução de Maria LídiaLichtscheidl Maretti (2006, p. 60).

Não há uma justificativa plenamente satisfatória e a controvérsia se estabeleceu sobre essa questão. Também, o próprio Taunay lembra-nos que o seu domínio do francês não era fluente, teve dificuldades em alguns aspectos gramaticais da língua de seus pais e avós:

> Continuaram as minhas tentativas literárias, procurando tirar um drama de não me recordo mais de que novela de Emile Souvestre e escrevendo os primeiros capítulos de um romance em francês, *La masque d'or*, cujos erros gramaticais, especialmente em particípios passados, provocaram não as censuras, mas a risota do Castro e do Tomás Alves. (TAUNAY, 2004, p. 150).

Jean Soublin (1995) apresenta a hipótese de que a escolha da língua francesa para as primeiras edições da obra tenha sido mais política do que filológica. Estaria relacionada com a disputa de poder entre os oficiais e o comando das forças brasileiras. Havia o interesse em resguardar algumas informações sobre o andamento da guerra e os resultados das iniciativas brasileiras. Entretanto o mesmo Soublin demonstra a ineficácia da iniciativa. Além do artigo de Taunay com a versão brasileira dos acontecimentos da Laguna, estampado no *Jornal do Commércio*, já circulavam, no *front,* cópias de *El Semanário* com a versão paraguaia. O sigilo buscado há muito já não existia. E assim argumenta Jean Soublin:

> On ne peut ici qu'avancer une hypothèse: la guerre était loin d'être terminée et, au vu du militarisme ambiant, le jeune officier a jugé prundent de limiter le cercle de ses lecteurs à une petite elite civile ef francofone, principalement à l'empereur (qui détestait les militaires) et au comte d'Eu (qui intriguait pour se faire nommer commandant en chef.
> La précaution fut d'ailleurs. Dès son retour, Taunay avait publié dans la presse un long résumé de la retraite. L'article, très remarqué, avait été commenté à la chambre. Avec l'emphase du temps, un député avait évoqué um nouveau Plutarque. Mais c'était un député de l'opposition libérale. Les militaires, eux, se refrognaient. Le ministère de la guerre refusa de subventionner le récit de Voyage et, malgré les titres qu'il pouvait faire valor, le jeune lieutenant dut attendre lognstemps as promotion à capitaine. Il protesta toute as vie contre cette insjustice, et finit pour quitter l'armée conq ans plus tard.[42] (SOUBLIN, 1995 apud MARETTI, 2006, p. 60).

[42] "Pode-se pensar em uma hipótese: a guerra estava longe de terminar e, tendo em vista o militarismo reinante, o jovem oficial julgou prudente limitar o círculo de seus leitores a uma pequena elite civil e francófona, principalmente ao Imperador (que detestava os militares) e ao Conde d'Eu, que andava com intrigas para se fazer nomear Comandante em chefe. / A precaução, aliás, foi inútil. Desde a sua volta, Taunay tinha publicado, na imprensa, um longo resumo da *Retirada*. O artigo, muito citado, tinha sido comentado na Câmara. Com a ênfase do tempo, um deputado evocou um

Outra hipótese que pode ser elencada para justificar a escolha da língua francesa seria a consideração do conjunto de modelos que *A retirada da Laguna* faz referências. Além do clássico de Xenofonte, Taunay lista, no prefácio da primeira edição, de 1869, as possíveis fontes para o seu modelo de narrativa:

> Mas nos tempos modernos também aconteceram retiradas tão memoráveis como aquela: a de Altenheim, pelo marechal de Lorde, após a morte de Turenne, seu tio, que levou o grande Condé a afirmar que a invejava; a de Praga, à qual o nome do conde de Bella-Isle deve sua glória; a de Plaffenhofen, por Moreau, considerada um dos mais belos feitos militares realizados depois de Turenne; a de Talavera, que conduziu Wellington a Lisboa como grande vencedor; a que honrou o funesto retorno de Moscou, e na qual o príncipe Eugênio e o marechal Ney rivalizaram em heroísmo; a de Constantinopla, pelo marechal Clausel, e outras menos célebres, mas que ainda atraem a atenção da história pela diversidade dos perigos e dos sofrimentos. (TAUNAY, 1997, p. 32-33).

A lista das retiradas modernas que Taunay elenca é dominada por líderes militares francófonos e pela história militar francesa. Estas retiradas eram conhecidas por Taunay por meio de narrativas de campanha, também, francesas, que eram a base de formação para oficiais brasileiros formados ao longo do Segundo Império. As narrativas europeias de retirada oferecem um modelo e uma língua para o registro da retirada brasileira. Há de considerar que também Taunay já acalentava, segundo os depoimentos de *Memórias* (TAUNAY, 1948a), grandes esperanças de sucesso no mundo das letras. Ao indicar os nomes entre os quais quer estar e ser comparado, os grandes estrategistas e narradores da moderna história militar europeia, Taunay sugere que reconhecimento espera de seu empreendimento.

Outra possibilidade que também precisa ser considerada é a diplomática. Aquela guerra também foi travada na imprensa e nos espaços da diplomacia europeia. O serviço de publicações do parlamento inglês, ainda em 1865, havia divulgado o inteiro teor do Tratado da Tríplice Aliança, que deveria ser mantido sob

---

novo Plutarco. Mas era um deputado da oposição liberal. Quanto aos militares, olhavam torto para tudo isso. O ministério da guerra recusou subvencionar o relato de viagem e, apesar de todos os títulos que podia fazer valer, o jovem lugar-tenente teve de esperar por muito tempo sua promoção à capitão. Ele protestou toda a sua vida contra esta injustiça e acabou por abandonar o exército cinco anos mis tarde", tradução de Maria Lídia Lichtscheidl Maretti (2006, p. 60).

sigilo, segundo as determinações do próprio documento. A repercussão foi muito negativa:

> [...] o diplomata uruguaio Carlos de Castro, que ofereceu uma cópia do texto à curiosidade do representante inglês em Montevidéu, já em 1866. Posteriormente ele foi publicado pelo Parlamento britânico, uma indiscrição que motivou o protesto de quase todo o mundo contra o incrível texto do Tratado da Tríplice Aliança.
> A Bolívia, Equador, Colômbia, Peru e Chile, além dos Estados Unidos, protestaram contra o pacto, tal a natureza da rapinagem do seu conteúdo. (CHIAVENATTO, 1980, p. 103)

Nesse contexto, a narrativa de um episódio da guerra sob o viés interpretativo brasileiro com circulação internacional, também, serviria como instrumento de propaganda, defesa dos interesses do império e informação ao mundo quanto ao andamento da guerra na América do Sul. Assim, a narração do episódio da Laguna em língua estrangeira está contextualizada como mais um dos diversos movimentos em que a guerra é justificada, nos termos da concepção nacionalista-patriótica, como o enfrentamento entre a civilização representada pelas forças brasileiras e aliadas contra a barbárie atribuída aos paraguaios.

Ao lado do debate sobre a questão da opção linguística, há a imprecisão sobre a classificação de gênero de *A retirada da Laguna* (TAUNAY, 1871). Entretanto, como já salientamos, as duas dimensões – gênero e língua – estão inter-relacionadas. A eleição do gênero “narrativa de campanha” determinou a escolha do francês como a língua que deveria ser utilizada. Muitas classificações, às vezes criativas, tornaram imprecisas as referências ao texto de Taunay. Alberto Mussa, em uma resenha sobre a obra de Taunay (MUSSA, 2014), mediante uma comparação, busca determinar o gênero de *A retirada da Laguna*:

> O livro pertence quase ao mesmo gênero de *Os sertões*, de Euclides da Cunha. São ambos testemunhos de conflitos bélicos, com apenas uma diferença: Euclides foi a Canudos como observador (e escreveu, portanto, uma reportagem); Taunay participou da terrível aventura que relata. (MUSSA, 2014, p. única).

A comparação com Euclides da Cunha é elogiosa. Porém a simples indicação como pertencente ao mesmo gênero que *Os sertões* não resolve diretamente a nossa questão. Seguindo essa sugestão, portanto, teríamos as obras de Euclides e Taunay escritas sob a determinação de um mesmo gênero: a narrativa de

campanha. Essa seria a classificação mais eficaz “em meio à imprecisão que ronda a sua caracterização” (NASCIMENTO, 2002, p. 4), em que circulam exemplos como: “o estudo do romance *Retirada da Laguna*: episódio da Guerra do Paraguai escrito pelo Visconde de Taunay” (ARAÚJO, 2016, p. 27) ou “*A retirada da Laguna* de Visconde de Taunay, um livro que, escrito na forma de diário” (CUNHA; CORRÊA, 2011, p. 60). A estrutura semelhante na organização e apresentação da matéria aos poemas épicos – proposição, dedicatória e desenvolvimento – está vinculada mais aos princípios da retórica clássica, que é a mesma fonte daquelas composições, do que citação a algum poema específico ou ao conjunto da tradição épica, como sugere Naira de Almeida Nascimento (2004).

A constatação de que em *A retirada da Laguna* (TAUNAY, 1871) predominam as características textuais épicas é evidente. As ações narradas fundamentam-se em episódios de uma guerra específica e conhecida. O discurso compõe um mundo e a sua interpretação, descreve a razão daqueles dois lados, os anseios de heroísmo de seus comandantes, a quebra da medida e suas consequências. Por isso, seria um dos mais bem-sucedidos textos épicos da literatura brasileira, pois foi incorporado ao discurso estatal[43], tanto do Império quanto da República, cumprindo satisfatoriamente os seus objetivos iniciais: oferecer uma versão dos fatos ocorridos em Mato Grosso sob a perspectiva brasileira do conflito.

Apesar da canonização nacional-patriótica, o texto permaneceu com as suas contradições. Fundamentalmente, contradições épicas de uma guerra específica e conhecida. As narrativas sobre a guerra contra o Paraguai impedem que o discurso épico grandiloquente se estabeleça satisfatoriamente. E, nesse episódio, as referências e informações sobre o conflito são os obstáculos que impedem a plena realização épica. Confronta-se a narração em tom heroico de uma derrota militar, que persevera em fixar a bravura e a valentia de um grupo de brasileiros, com as assertivas de que todo aquele sacrifício seria inútil. Na realidade, todas as ações – a expedição a Mato Grosso e o avanço sobre a fronteira paraguaia – serviram somente para afastar e inutilizar um conjunto de forças e energias ao invés de efetivamente causar algum dano ao inimigo:

[43] A primeira edição completa, em francês, de 1871, e a sua tradução ao português, de 1874, saíram sob a determinação e patrocínio do Ministério da Guerra do Império.

> Sob pressão da cavalaria paraguaia, passando muita fome e enfrentando uma epidemia de cólera (que dizimou mais da metade dos homens), a coluna faz a trajetória anti-heroica, anti-épica [sic]; retoma o mito de Orfeu, ou de Sodoma, para mostrar que só sobrevivem os que não olham para trás (MUSSA, 2014, p. única).

Também faltam heróis a essa epopeia narrativa. O único que poderia se prontificar como tal, o guia Lopes, também, sucumbe pela peste e fome. No texto, há o movimento de coletivização da heroicidade. Em particular, quando o narrador adota o plural majestático de primeira pessoa. É uma coletividade que marcha com a coluna: “Encontramos Miranda destruída” (TAUNAY, 1997, p. 43), “Chegamos ali no dia 24 de fevereiro” (TAUNAY, 1997, p. 51) e “Usamos a nave da igreja como depósito para o cartuchame” (TAUNAY, 1997, p. 53). Dessa forma, a substituição do “eu” por “nós” alcança o ponto alto quando o narrador se refere ao próprio Taunay em terceira pessoa, “ele”:

> Atravessamos sem transtornos o Orumbeva, em cuja margem direita encontramos destroços de carroças que os paraguaios acabavam de queimar, muitos víveres e objetos de provisão espalhados ao redor, misturados com terra, como já os encontráramos nas margens do rio Canindé, cadernos rasgados, folhas abandonadas ao vento, anotações, algumas das quais o autor deste relato reconheceu como suas, agora incompletas e inúteis. (TAUNAY, 1997, p. 260)

Mesmo com a incorporação da voz coletiva, o traço heroico não subsiste. Apesar do tom majestático da primeira pessoa tentar aplainar as diferenças, o coletivo era hierarquizado e as omissões, também, davam-se do maior ao menor posto. Erros do comando repercutiam nos comportamentos inadequados dos comandados. Crimes como o abandono dos combatentes doentes continuavam até a cobrança por ajuda na travessia dos colegas em determinados trechos. Se identificarmos o herói coletivo de *A retirada da Laguna* saberemos que ele também era um herói crivado de contradições, que, além de lutar contra si mesmo, não identificava a glória em seus atos.

***Diário do Exército* (1870)**

O *Diário do Exército* (TAUNAY, 1870), publicado em 1870, é o registro burocrático dos acontecimentos no acampamento brasileiro, inicia-se em abril e

termina em dezembro de 1869, no período imediatamente anterior aos combates finais do primeiro trimestre de 1870. A organização e publicação dos registros podem ser consideradas mais uma imposição de suas funções do que uma decisão autoral. Taunay desempenhava as funções de secretário-geral do comando, diretamente subordinado ao conde d'Eu. Entre suas atribuições estava a de manter atualizado o registro das principais atividades e ordenar a burocracia relacionada ao comando das operações no território paraguaio.

Taunay foi recrutado diretamente pelo conde d'Eu para a função com o objetivo de oferecer um registro histórico elevado da atuação do conde nos campos paraguaios. Assim, Taunay registra o convite em *Memórias*:

> recebeu meu pai, do Conde d'Eu, uma carta, cujo original se acha entre os seus papeis e que em toda a minha casa produziu a maior alvoroço. Dizia concisamente mais ou menos: 'O seu Alfredo é me indispensável. Tenho, pois, que o levar comigo; *tra-lo-ei major pelo menos*' (TAUNAY, 2004, p. 416, grifo do autor).

A sugestão da promoção utilizada como argumento pelo príncipe imperial e comandante das forças brasileiras no Paraguai foi esquecida e não se cumpriu. Taunay não voltaria como major, mas com as mesmas divisas de tenente que ostentava na partida, o conde não o recomendou a nenhuma promoção. O incidente é revelador e serve como exemplo das frustrações e dos desencontros entre Taunay e o conde d'Eu nos campos paraguaios. Neste caso, a apresentação grosseira em *Diário do Exército* (TAUNAY, 1870), se comparada aos trabalhos anteriores de Taunay, pode ser resultado da insatisfação gerada pela convivência pouco amistosa entre ele e o seu comandante. Adiante, quando analisamos o conteúdo de *Memórias* (TAUNAY, 1948a), retomamos essas questões.

Taunay sabe que o *Diário do Exército* não correspondia à expectativa de quem o encomendou e ordenou sua publicação. Talvez, por isso, no prefácio, esclareça o motivo daquela publicação intempestiva:

> Publicando-se o Diário do Exército, não há outro fim mais do que fornecer dados para uma futura história da memorável campanha do Paraguai, dados que nunca chegarão a ser completos a ponto de poder-se deles depreender a razão dos fatos surgindo; um juízo exato e completo.
> Falta ainda a indagação do filosofo, o esmerilhar do pensador que vai buscar nas localidades, no cotejar de todas as ordens, na meditação

> e concatenação dos acontecimentos o julgamento da imparcialidade e o apresenta ornado de estilo que lhe dá vida para sempre luminosa.
> Tal estudo ninguém, pois, procurará encontrar neste mirrado trabalho, feito às pressas, impresso do mesmo modo, e puramente oficial, caráter que impossibilita os desenvolvimentos tão necessários à apreciação dos sucessos da guerra. (TAUNAY, 1870, p. 2).

A longa lista de “faltas” do texto, segundo o prefaciador e autor, indica que foi publicada a relação crua dos acontecimentos, à maneira como foram coletados, sem o trabalho de acabamento e a revisão textual comum aos demais textos das campanhas de Taunay. Faltam, sobretudo, o autor reconhece, “imparcialidade” e “estilo”. O que se oferece é um texto “puramente oficial”. Uma profunda diferença em comparação com as suas outras narrativas da guerra, em que o autor buscava ir além dos limites impostos pelos procedimentos estritamente oficiais.

O *Diário do Exército* (TAUNAY, 1870) oferece um contraponto interessante com *A retirada da Laguna* (TAUNAY, 1871). Nessa comparação, os resultados são simplesmente invertidos: a campanha vitoriosa é subestimada e, no sentido contrário, a campanha derrotada é superestimada. São operações textuais do autor dos dois relatos. Novamente uma contradição das narrativas da guerra contra o Paraguai. A vitória definitiva narrada burocraticamente e a retirada trágica de maneira grandiloquente.

Acrescenta-se que, nessa edição de *Diário de Exército* (TAUNAY, 1870), ocorre o que podemos denominar de apagamento da autoria com a supressão da informação desta no corpo do texto. Os fatos são narrados sob o protagonismo do conde d’Eu e sua história de comando. O nome de Taunay, autor efetivo, está escondido e restrito ao prefácio. Essa edição, com os seus destaques e omissões, levaria um leitor menos atento e não familiarizado com esta bibliografia a atribuir a obra a outrem. Talvez ao próprio conde d’Eu.

Resumidamente, o *Diário do Exército* (TAUNAY, 1870) foi uma publicação burocrática, resultado de ordens recebidas do comando. Logo, Taunay é o escriba do príncipe, escreve o que o príncipe quer e precisa ler. Assim, Taunay contribui com o esforço de construção do repertório de imagens do conde d’Eu como o comandante vencedor da guerra. Esta operação é realizada pelo príncipe que, equivocadamente, ainda acalentava a esperança de ocupar o trono: como imperador ou príncipe-consorte. E, para tanto, eram necessários documentos e imagens que

atestassem a participação e o protagonismo do príncipe-conde no campo de batalha por causas brasileiras. Com objetivo tão claro, não importava se as tropas inimigas fossem compostas por mulheres e, principalmente, crianças.

3.3 SYLVIO DINARTE E A FICÇÃO DE COR LOCAL

O final da guerra contra o Paraguai foi o ponto alto e o começo do declínio do projeto de país concebido desde a Independência, pela elite comercial e financeira da corte. Este que já sofrera um hiato pela vacância do trono português e a abdicação do primeiro Pedro, foi retomado, implementado e desenvolvido com a maioridade de Pedro II, no início da década de 1840. A custosa vitória militar no Prata converteu-se rapidamente em derrota política para a monarquia brasileira. O excessivo empenho da coroa para uma vitória total transformou-se na ação que catalisou a reação contra sua própria continuidade. Se, por um lado, a guerra ofereceu o maior evento de coesão nacional daquele período, por outro, semeou as dúvidas sobre qual seria o modelo de país que deveria ser construído depois daquela catástrofe.

> O Brasil havia gastado mais de 600 mil contos de réis, agravado uma situação de dependência financeira em relação à Inglaterra, perdido muitos soldados em combate e posto um ponto final na representação de um Império pacífico. Contudo, as repercussões da guerra são paradoxais e incontroláveis. Talvez pela primeira vez um sentido positivo de pátria tenha começado a se desenvolver, em especial no início da guerra, com os batalhões de voluntários e as primeiras vitórias. A bandeira começou a ser hasteada de modo sistemático, o imperador virou o líder da nação empenhado em conseguir apoio dos dois partidos, e surgiram os heróis nacionais: Caxias, Osório, Barroso. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 298-299).

Este breve alento e a mobilização social proporcionados pelo esforço de guerra são, tão logo cessam os combates, substituídos pela crispação e pelos confrontos políticos ainda mais polarizados que no período anterior. Um “bando de ideias novas”, segundo Sylvio Romero (1926 apud BOSI, 2012, p. 257), passa a circular com novas e mais matérias para as contendas e os debates:

> A Guerra do Paraguai estava a mostrar a todas as vistas os imensos defeitos de nossa organização militar e o acanhado de nossos

> progressos sociais, desvendando repugnantemente a chaga da escravidão; e então a questão dos cativos se agita e logo após é seguida pela questão religiosa; tudo se põe em discussão: o aparelho sofistico das eleições, o sistema de arrocho das instituições policiais e da magistratura e inúmeros problemas econômicos [...] um bando de ideias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos. (1926 apud BOSI, 2012, p. 257).

Romero cita como parte desse “bando de ideias novas” o “positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo na poesia e no romance, folclore, novos processos de crítica e de história literária, transformação do direito e da política, tudo então se agitou” (1926 apud BOSI, 2012, p. 257). O fim da guerra também marca diversas mudanças na percepção que os brasileiros tinham no tocante ao seu próprio país. A organização política do império, que mais afastava que unia as diversas províncias, encontrou na guerra uma oportunidade de reunir habitantes de todas as regiões. Com tal intento, a guerra, enquanto fenômeno de mobilização nacional, contribuiu para a mudança da representação que o país tinha de si mesmo, que era muito maior e mais complexo do que a corte, até então, concebia.

> Ele [o país], que até então vivia segregado nas suas províncias, ignorando-se mutuamente, encontra-se agora fora das estreitas preocupações bairristas do campanário, num campo propício para estreitar a confraternidade de um povo, o campo de batalha. De província em província trocam-se ideias e sentimentos; prolongam-se após a guerra as relações de acampamento. Houve enfim uma vasta comunicação interprovincial do Norte para o Sul, um intercâmbio nacional de emoções, cujos efeitos se fariam forçosamente sentir na mentalidade nacional. A mocidade das escolas, cujos catedráticos se faziam soldados e marchavam para a guerra, alvoroçou-se com o entusiasmo próprio da idade. Os que não deixavam o livro pela espada, bombardeavam o inimigo longínquo com estrofes inflamadas e discursos tonitruantes, excitando o férvido entusiasmo das massas. (VERÍSSIMO, 1998, p. 304-305).

José Veríssimo constata o movimento de mudanças que o país experimentava no pós-guerra. As tropas que voltavam encontravam a mesma situação de injustiça e humilhação da maior parcela da população de quando partiram. “Terminada a guerra, pouco espaço sobraria para os veteranos e, como a maioria dos ex-soldados, também os negros, e sobretudo eles, permaneceriam marginalizados. A liberdade era troféu difícil de ganhar; quase impossível de manter.” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 299). Apesar das novidades e da paz,

as chagas da escravidão ainda persistiam como marca do país. O próprio sistema escravagista teve de ceder para se preservar: “a verdade e que a lei de 1871 também serviu para arrefecer o ambiente [...] Fazer pouco para evitar o pior era o lema dessa elite de perfil conservador. Mas o tema entraria na agenda para não mais sair” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 300).

Politicamente, a nova mentalidade brasileira do pós-guerra pôde ser observada nos movimentos que surgiram desde as províncias contestando as principais instituições do governo central:

> [...] as campanhas em prol da República e da abolição da escravidão voltaram a se agitar. No início da década de 1870 foram criados o Partido Republicano, a Sociedade de Libertação no Rio de Janeiro e a Sociedade Emancipadora do Elemento Servil (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 299).

Essa nova mentalidade, ainda que conservadora e cautelosa, imaginava um país diferente e transformou a grande vitória da monarquia no início de sua derrocada.

Se no campo social e no político as contradições desse período estavam explícitas, no campo cultural e literário, encontravam-se mais acomodadas. Todavia uma nova maneira de pensar o país e seus habitantes anunciava-se entre produtores/escritores e consumidores/leitores:

> O amor, a morte, o desgosto da vida, os queixumes melancólicos, remanescentes do romantismo, cederam lugar a novos motivos de inspiração [...] debuxou-se então a reação anti-romântica. Iniciava-se, porém, sem alvoroto, nem decisão como que a medo (VERÍSSIMO, 1998, 305).

Assim, no decênio de 1870, começaram a circular produções que se afastavam dos mitos idealizantes do romantismo. “Há um esforço, por parte do escritor anti-romântico, de acercar-se impessoalmente dos objetos e das pessoas. E uma sede de objetividade que responde aos métodos científicos cada vez mais exatos nas últimas décadas do século” (BOSI, 1994, p. 167).

Foi nesta quadra de conflagração política, neste debate acalorado sobre os destinos do país e na busca emergente por novas formas de representação literária, que o jovem Alfredo d’Escragnolle Taunay apresentou-se também como um dos

produtores de ficção nacional. E, em seu intento, precisava demonstrar, primeiro, ser um agente válido e, depois, produzir o conteúdo adequado para reivindicar essa posição. Ou, em outros termos, teria de conquistar a sua legitimidade.

O início da produção ficcional de Taunay coincide com as etapas finais do Romantismo, quando existia uma autonomia relativa de nosso campo literário. Esta propiciada pelo compartilhamento das disposições elementares para a produção das obras que naquele período poderiam ser consideradas como integrantes de nossa literatura nacional: uma língua específica; um conjunto de mitos, gêneros e procedimentos autorizados como tal; um cânone de autores já reconhecidos como brasileiros, uma rede de instituições literárias capaz de regular a circulação dessas obras e o respectivo público leitor que as consumisse. As gerações anteriores – desde o grupo da revista *Nitheroy*[44], seguido por Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar – lançaram e consolidaram as bases de que Taunay se converteria em um dos virtuais herdeiros e continuador, a seu modo. Taunay foi educado e formado pela elite intelectual do Romantismo, conhecia intimamente a produção literária do período. A maioria dos autores em quem poderia procurar modelos ou foram seus professores ou eram do círculo de relações de sua família.

Uma questão encontrava-se estabelecida e era compartilhada, ou seja, a literatura a ser produzida deveria seguir as indicações anteriores e expressar claramente o conteúdo de “cor local”. Contrariar essa prescrição poderia significar a desconsideração da obra ou sua classificação como “estrangeira”. A respeito disso, Machado de Assis, em 1873, no preâmbulo do célebre artigo[45] “Notícia atual da literatura brasileira: Instinto de nacionalidade” (ASSIS, 2011) afirmava: “Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país” (ASSIS, 2011, p. 13).

Esse “instinto de nacionalidade” foi o princípio de atuação para os nossos primeiros românticos que, nas três décadas anteriores à constatação de partida do artigo de Assis, traçaram um programa de independência literária de Portugal, exploraram e catalogaram os temas, criaram os meios e os produtos para a

---

[44] *Nitheroy, Revista Brasiliense* – Revista publicada em Paris, em 1836, por um grupo de jovens intelectuais brasileiros, entre eles: Domingos José Gonçalves de Magalhães, Francisco de Sales Torres Homem e Manuel de Araújo Porto Alegre. O lema da publicação era “tudo pelo Brasil e para o Brasil”, *Nittheroy* teve apenas dois números.

[45] O artigo saiu originalmente no Jornal *O Novo Mundo*, publicação da comunidade de língua portuguesa, de New York, EUA, de 24 de março de 1873.

historiografia e literatura nacionais. Ainda, elevaram a figura do índio a mito-símbolo do país e selecionaram ou produziram as obras que representariam os primeiros momentos do projeto de construção de uma civilização brasileira. Enfim, dotaram o emergente sistema literário brasileiro de um cânone mínimo de obras, autores, temas e gêneros que, se replicados, tivessem condições de emular a produção de novas obras.

Machado de Assis (2011) ressalta que, conquanto o destaque alcançado pela temática indianista, ela não seria suficiente para representar o conjunto de possibilidades da emergente literatura. Acrescenta que a matéria necessária para a sua produção poderia proceder de diversas outras fontes.

> Compreendendo que não está na vida indígena todo o patrimônio da literatura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro quanto universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo. Não menos que eles, os convida a natureza americana, cuja magnificência e esplendor naturalmente desafiam a poetas e prosadores. O romance, sobretudo, apoderou-se de todos estes elementos de invenção, a que devemos, entre outros os livros dos srs. Bernardo Guimarães, que brilhante e ingenuamente nos pinta os costumes da região em que nasceu, J. de Alencar, Macedo, Sílvio Dinarte (Escragnolle Taunay), Franklin Távora, e alguns mais. (ASSIS, 2011, p. 16).

O articulista realça que os costumes na corte, a organização social e a natureza americana ofereceriam o repertório de temas necessários para diminuir a influência exagerada dos assuntos indianistas na literatura nacional. E Machado de Assis (2011) acrescenta os nomes dos principais romancistas do período, entre eles, menciona o de Taunay. Essa inclusão é resultado dos primeiros esforços do autor de *Inocência* (TAUNAY, 1872) para figurar entre os produtores literários nacionais e para ser considerado por seus pares como legítimo para tal.

Machado de Assis (2011) conclui: “o romance, forma extremamente apreciada e já cultivada com alguma extensão, é um dos títulos da presente geração literária” (ASSIS, 2011, p. 20-21). Qual é precisamente a “presente geração literária” de que nos fala Machado de Assis? Podemos supor que é a geração literária criada e educada no espírito romântico pós-independência, escolarizada já sob a gestão de Pedro II e com os principais marcos da produção literária nacional já definidos. É, justamente, a geração literária de que Taunay faz e gostaria de fazer parte.

Analisemos a produção ficcional de Taunay entre 1871 e 1874, justamente o período de seus esforços para a afirmação e a reivindicação de reconhecimento literário. Os três romances e o livro de histórias curtas, lançados nesse período, são exemplos da produção esperada por Machado de Assis (2011) para a literatura nacional. Os títulos publicados por Taunay incorporam novos temas e cenários ao romance nacional, mas mantêm uma linha de contato e referências explícitas com a produção anterior. Por conseguinte, não são um rompimento, mas uma acomodação da estética romântica ao "bando de ideias novas" que surgiram no pós-guerra (ROMERO, 1926 apud BOSI, 2012, p. 257).

3.3.1 Os romances

O início da produção ficcional de Taunay, bem como sua tentativa de incluir-se entre os produtores de ficção nacional, ocorre com a publicação, em sequência, de três romances: *A mocidade de Trajano* (1871), *Lágrimas do coração: manuscrito de uma mulher* (1872) e *Inocência* (1872), todos sob o pseudônimo de Sylvio Dinarte.[46] A repercussão do último ofuscou a leitura dos anteriores, mas aqueles ainda são muito importantes para a compreensão das posições de partida do autor e dos desdobramentos que resultaram na produção do romance campestre. A esse ciclo de romances há que acrescentar o volume *Histórias brasileiras* (1874), coletânea de histórias curtas que completa o primeiro momento do projeto de legitimação literária implementado por Taunay, entre 1871 e 1874. Vejamos um pouco mais desses títulos e sua importância no processo de reconhecimento de Taunay como um dos autores da nossa ficção.

A mocidade de Trajano (1871)

[46] Sylvio Dinarte foi apenas um dos pseudônimos utilizados por Taunay. Adotado para a maior parte da obra de ficção, com exceção de *O encilhamento,* de 1894, assinado por Heitor Malheiros, e *Por um triz, Coronel!*, de 1880, como Eugenio Melo. Dinarte, também, recebe o crédito para *Ceus e terras do Brasil,* de 1882. Além desses, também, utilizou em outras publicações: Jorge Palmer, Flávio Elisio, "T". Na imprensa, adotou: A Sentinela, Tory, A velha Syracusa, Carmontaigne, André Vidal, Mucio Scaevola, entre outros (MARETTI, 2006). Em "Ao entrar no parlamento", Taunay relembra outros pseudônimos: "Esforçar-me-ia na imprensa, em que prestara já ao gabinete bem bons serviços, tinha disto convicção, batalhando denodadamente na questão do ventre livre, sob o pseudônimo de muitos romanos, *Horácio Cocles, Manlio Torquato, Caio Graccho* e outros, ou então *Visurus, Cormontaigne, Vidal de Negreiros* e, em 1870, *Hudibras*" (TAUNAY, 2004, p. 525, grifo do autor).

A intensa produção no biênio 1871/1872, três romances em sequência, sugere que Taunay tinha uma estratégia definida para a sua produção literária. Mesmo que não tenha tido consciência do projeto que desenvolvia, Taunay demonstra dominar as regras de acesso ao circuito de autores do período. Seu conhecimento se evidencia com a dedicatória do seu primeiro romance, quando procura ser apresentado por alguém que já dominava os meios e a cena literária da corte.

A mocidade de Trajano (TAUNAY, 1871) será dedicada, também, apadrinhada, a uma figura de primeira grandeza entre os iniciados, seu professor no Colégio Pedro II, Joaquim Manuel de Macedo. “Ao conspícuo literato, ao eminente orador e ao homem de bem” (TAUNAY, 1871, p. 3), dizia a dedicatória de Taunay ao seu antigo professor, estampada no preâmbulo do primeiro volume da obra. Macedo, por sua vez, agradeceu a homenagem e respondeu com uma pequena carta. Esta foi reproduzida e anexada ao final do segundo volume do romance. Encerrava-se assim: “Por mim digo apenas, mas leal e cordialmente a Sylvio Dinarte que vejo, abraço e aplaudo sempre com ufania aqueles que, tendo sido há alguns anos meus discípulos, podem pelo cultivo aplicado das letras e das ciências ser hoje meus mestres” (MACEDO, 1871, p. 250).

Taunay foi um admirador de Macedo. Em *Memórias* (TAUNAY, 1948a), relembra o tratamento descortês que o autor de *A moreninha* recebeu em alguns círculos e contrasta ao de quando Macedo ocupava posição privilegiada nas letras nacionais:

> Pobre Macedo! Vi-o, depois, tão ludibriado pelos novos que iam chegando, depreciado em todos os seus livros, repelido pelos editores [...] o ano de 1858 o ponto culminante da carreira literária de Joaquim Manuel de Macedo, o qual superior aos outros romancistas de então, Joaquim Norberto, Teixeira de Souza, Constantino Gomes, declinou rapidamente nos conceitos das boas rodas. (TAUNAY, 2004, p. 82).

Em *A mocidade de Trajano* (TAUNAY, 1871), a menção a Macedo vai além da dedicatória. Em uma das cenas do romance, o motivo que leva à realização de um encontro entre Trajano e a sua vizinha Amélia será um livro de Macedo. Silveiras, o pai da moça, transformará o autor e o livro em objetos da conversa que travará com Trajano:

> Ao ver entrar o jovem, perguntou com intenção:
> — Então o que o traz por aqui, Sr. Trajano?
> — Vim entregar à Sra. D. Amélia um livro que lhe prometi anteontem.
> — Um livro? E de que trata ele?
> — É um romance muito bonito do Macedinho, um de nossos mais populares e justamente estimados literatos.
> — Literato brasileiro?
> — Sim; senhor, e bom patriota, que ama com entusiasmo o Brasil. O autor festejado por excelência que...
> Silveiras interrompeu-o novamente.
> — Será esse Macedo parente ou o próprio que tem casa de consignação de café, rua dos Beneditinos n.º 110, no Rio de Janeiro?
> Trajano corou de indignado:
> — Não, Sr. Silveiras, não decerto. O Macedinho é homem que vive da inteligência e só cura de ilustrar o Brasil. Vive disso.
> — Deve estar bem- magro, o coitado, observou
> Silveiras. Mas que livro é esse?
> — É o *Moço Louro.*
> Silveiras franziu os sobrolhos.
> — Hum... hum o título não me agrada: eu [...] (TAUNAY, 1871, p. 102-103).

As referências a Macedo, em princípio, uma necessidade protocolar para um autor iniciante como Taunay, vão além da formalidade. Inserem no seu romance de estreia uma especulação e algumas ironias sobre a situação do campo literário brasileiro do período. Maria Lídia Lichtscheidl Maretti (2006) comenta e amplia a cadeia de significados proposta pela cena:

> A confusão que se estabelece em torno do nome de Macedo – romancista ou negociante de café? –, além do caráter cômico proveniente da incisiva precisão de endereço e da magreza do "coitado", dá a medida da veiculação de duas vozes, concorrentes no mesmo espaço. Entre elas surge a questão sobre se a literatura deve ou não ser considerada como mercadoria que confira rendimentos ao seu produtor. A indignação de Trajano parece orientar-se heroica e ingenuamente para a segunda alternativa. Ao contrário, a reação condoída de Silveiras, proprietário de fazenda produtora de café, dá conta da pragmaticidade da primeira. O café, mercadoria amplamente rentável e inserida no circuito capitalista internacional, passa a concorrer com o texto literário na mesma condição de mercadoria do mundo moderno. (MARETTI, 2006, p. 128).

A mocidade de Trajano (TAUNAY, 1871) é um *bildungsroman*. O romance da formação de Trajano Casimiro Sobral, herdeiro de um rico proprietário rural e órfão de mãe, que precisa ser educado para assumir as funções de comando reservadas

à sua classe. O texto narra a infância, a juventude e o período de estudos em São Paulo. A fase de educação é conclusa com um “Grand Tour”, uma grande viagem de Trajano para conhecimento e contemplação das principais cidades da Europa e da Ásia. A maior parte da ação está concentrada em uma fazenda cafeeira do interior de São Paulo, região de Campinas, entre 1852 e 1869, e prevalece a perspectiva de Trajano.

Na vizinhança da fazenda da Mata-Grande, propriedade do pai e herança de Trajano, circulam os tipos comuns que viviam no interior do Brasil e aos quais o jovem romancista conhecia por suas andanças. A propriedade está arranjada como um microcosmo do país, ao menos, a parte economicamente ativa deste, em que se reproduzem as contradições enfrentadas pela sociedade brasileira do Segundo Reinado: a chaga da escravidão, as dificuldades de colonização e ocupação dos amplos territórios, as negociatas políticas, o poder discricionário de líderes religiosos e o nativismo sectário. Trajano, o herdeiro idealista, assume como seus todos esses problemas e propõe-se a solucioná-los, ao menos, romanticamente, entre as fronteiras das terras de sua família. Desperta atenção a coincidência entre o programa de mudanças proposto por Trajano e as medidas implementadas por Taunay em sua carreira política. São absolutamente coincidentes. Nesse sentido, o romance antecipa algumas das bandeiras políticas que seriam desenvolvidas pelo deputado, presidente de províncias e senador. São propostas “quixotescas”, como se referia a algumas de suas ideias mais avançadas e que estão expressas em *Questões politicas e sociaes* (TAUNAY, 1877), como supramencionado.

O jovem Trajano está tomado pela necessidade e vontade de mudar a fazenda da Mata-Grande, mas vê-se ocupado com os muitos empecilhos que encontra e com os adversários de suas ideias renovadoras. Ele propõe um conjunto irrealizável de planos com a intenção mudar a lógica de um sistema de produção arraigada naquele ambiente e, por extensão, no país. Ali se desenvolve a cultura cafeeira-escravista em latifúndios de muito baixa produtividade, o sistema de relações ainda é semifeudal/escravista, política e justiça são questões submetidas antes aos proprietários do que aos cidadãos. Diante de tantas questões por resolver, justifica-se que o texto do romance esteja concentrado nas teses modernizadoras de Trajano em detrimento da realização de seus desejos amorosos. Este destaque mundano ofusca toda a relação entre Trajano e Amélia. Falta tempo ao herói para o amor, pois está envolvido na solução dos grandes problemas do seu mundo. Assim,

o protagonista e a mocinha têm uma relação marcada pela distância e pelo desencontro.

O relacionamento não era aprovado pelos pais de ambos os jovens, as primeiras tentativas de aproximação de Trajano são frustradas pela traição dos mensageiros e agressão que sofre do Silveiras e seus capangas. Sem outra alternativa, viaja e busca outros ares. A fuga e a falta de reação de Trajano fazem com que Amélia se case com outro. Na impossibilidade da realização amorosa, a narrativa ocupa-se das questões sociais, da política, da escravidão, da religião e da guerra. Nessa perspectiva, *A mocidade de Trajano* (TAUNAY, 1871) poderia ser lido como um romance de teses, de ideias. A religião, a política e a escravidão ocupam o primeiro plano, com o diagnóstico dos problemas e a proposição de soluções. Assuntos áridos, mas que despertavam o interesse do jovem Taunay por concentrar os grandes temas que precisavam ser enfrentados para o pleno desenvolvimento de seu país.

Os proprietários rurais, que também são os líderes políticos, são senhores absolutos de suas terras e transformam as eleições em um mero simulacro de escolha. Sobral, o pai de Trajano, resume o quadro político da região onde está a fazenda da Mata-Grande, por ocasião da realização, na sua fazenda, de uma reunião de planejamento de atuação entre os líderes dos dois partidos. Os dois lados, conservadores e liberais, são assim apresentados ao filho:

> Os dois partidos estão na altura um do outro: de ambos os lados ninguém sabe o que quer, nem o que significam suas cores, e se algum tipo mais saliente há, é o animalejo do Silveiras que professa com conservador, porque supõe que o partido trabalha para a reintegração dos portugueses ou pelo menos pelo restabelecimento das antigas usanças, nobrezas, etc. Os outros conservadores não creem nisso, riem-se do Silveiras, mas têm lá ideias no mesmo nível. Entretanto se há entes que se pareçam com eles na tacanhice de vistas, na violência das reações, no pouco senso e nas frioleiras, são os liberais [...]. Todos eles veem, continuou com volubilidade, na ascensão de seus partidos, não os benefícios que ao país traga a pratica das ideias que julgam sustentar, mas só e simplesmente postos da guarda nacional, tabelionatos ou então condecorações e outras baboseiras, quando não sejam as ocasiões de abusar e de vingar-se de seus desafetos. (TAUNAY, 1871, p. 60).

O resumo do quadro político evidencia que ambos os lados não são tão diferentes; nem que a política do interior fosse muito diversa da que a que era

praticada na corte. O ponto de vista cáustico da descrição dos grupos liberal e republicano encerra-se com a combinação entre estes dos resultados que seriam apurados nas eleições que ainda estavam por acontecer.

Enquanto alguns romances daquele período silenciavam-se diante da escravidão, em *A mocidade de Trajano* (TAUNAY, 1871), isso não acontece. A escravidão ocupa o primeiro plano e é tratada simbolicamente como um mal inserido naquela organização social e que pode, por sua condição daninha e amoral, comprometê-la e degradá-la por completo. A solução e o enquadramento encontrados por Taunay estão próximos ao que José de Alencar já havia sugerido na comédia *O demônio familiar*:

> Os antigos acreditavam que toda a casa era habitada por um demônio familiar, do qual dependia o sossego e a tranquilidade das pessoas que nela viviam. Nós, os brasileiros, realizamos infelizmente esta crença; temos no nosso lar doméstico esse demônio familiar" (ALENCAR, 2003, p. 223).

Taunay, entretanto, consegue ser mais amplo de que Alencar relativamente aos escravos. Em *A mocidade de Trajano*, nas cartas trocadas com o pai, o jovem insiste na proposta da necessidade imediata da extinção do trabalho servil.

> Acredito que o Brasil confia por demais nos seus escravos; que os fazendeiros formão uma aristocracia obcecada por princípios garantidos pela nossa lei social, mas que são moralmente falsos e que o governo vai adiando indefinidamente soluções que mais tarde ou mais cedo hão de ser exigidas pelo clamor universal. O tráfico da escravatura só foi extinto depois de violências repetidas da Inglaterra contra a nossa dignidade. Queira Deus que na magna questão da emancipação, fique a iniciativa da ideia à prudência e boa vontade do Brasil. (TAUNAY, 1871, p. 13).

Taunay, também, demonstra começar a compreender uma das principais imposições às obras de ficção que almejavam algum reconhecimento. O romance brasileiro deveria representar a “cor local”. A questão que Taunay ainda procura resolver é como realizar essa recomendação sem ser artificial ou ter de utilizar um tom forçado. Como inserir a “cor local” em uma obra de ficção? Ou, uma questão um pouco mais complexa, o que é exatamente essa “cor local”? Na dúvida, utilizou algo típico, expressou sua necessidade e contou com o beneplácito do leitor. É o que faz

Taunay. Apelou aos mosquitos borrachudos para apresentar esse conteúdo. E justifica-se:

> Os borrachudos porém alvorotavam-se sedentos: tornavam o lugar quase insustentável e punham à prova a constância de um peito amoroso. Pertinazes pousavam nas mãos, na cara do mísero apaixonado e sugavam-lhe quanto sangue podiam, deixando em cada picada um sinalzinho vermelho.
> Insistimos, ou melhor, introduzimos na narração estes incômodos insetos, unicamente em homenagem à verdade e sobretudo à cor local. O córrego era infestado de borrachudos, e não convém dar de mão a esse fato zoológico para mais sublimar os sofrimentos de Trajano. (TAUNAY, 1871, p. 108, grifo nosso).

O sofrimento amoroso encontra paralelo na representação nas picadas dos insetos, brasileiros e locais, aqui inseridos pelas necessidades temáticas e formais que Taunay se esforçava para cumprir. *A mocidade de Trajano* (TAUNAY, 1871) revela Taunay buscando técnicas para o registro do local. Ainda titubeia e força essa construção. Contudo os textos seguintes mostrarão que a direção que seguia era produtiva.

A mocidade de Trajano (TAUNAY, 1871), também, foi lembrada por seu posicionamento anticlerical, conforme adiantamos, no item 2.1, ao tratar dos posicionamentos de alguns grupos religiosos no tocante à atuação de Taunay e a repercussão no processo de reedição das obras deste autor.

As críticas mordazes e ácidas aos religiosos e suas missões pelo interior do país levaram o livro à censura da não reedição com as demais obras de Taunay. José Veríssimo registra o estranhamento quanto a diversidade e potência dos adversários eleitos por Taunay para a composição de seu romance: “havia manifestações de livre-pensamento e sátira quer aos nossos costumes políticos, quer a práticas devotas, desusadas na nossa ficção” (VERISSIMO, 1998, p. 307). Veríssimo indica que o tom escolhido foi o da polêmica. As representações que Taunay realiza da Igreja, dos partidos políticos e da escravidão não eram comuns naquele período.

Todas as dificuldades e aprendizados com *A mocidade de Trajano* (TAUNAY, 1871) seriam importantes para a sequência do projeto de conquista da legitimidade e do reconhecimento ambicionados por Taunay. Logo, no ano seguinte, voltaria às prateleiras dos editores com outro volume de ficção.

Lágrimas do coração: manuscrito de uma mulher (1872)

O segundo romance publicado por Taunay foi *Lágrimas do coração: manuscrito de uma mulher*[47] (TAUNAY, 1872), em 1872. Um perfil de mulher, em primeira pessoa, conta a formação e a busca frenética pelo "bom casamento" de Carolina Telles, uma jovem aflita diante da impossibilidade de conciliar os sentimentos românticos e a razão pecuniária. O autor, aparentemente, parte do esforço e da necessidade da construção de uma narrativa ficcional diferente da primeira. Todos os sinais são invertidos com relação a *A mocidade de Trajano* (TAUNAY, 1871). Era um rapaz, agora, é uma moça; uma personalidade forte, agora, um espírito inseguro e volúvel; era o campo, agora, é a corte; as grandes questões da nacionalidade, agora, o *trottoir* dos bailes do Rio de Janeiro.

Carolina, a mulher que escreve sua história, conta sobre as expectativas que acalentava para a sua vida e para o casamento. Entretanto, desde o preâmbulo, é anunciada a frustração desses desejos:

> Fui moça: ainda hoje o sou. Amaram-me com frenesi, mas eu guardei todo o poder de meu afeto para um homem a quem não pude ou talvez não soube inspirar a paixão que me abrasava.
> Por isso chamo agora de esposo a outrem que não a ele; por isso a outrem que não a ele entreguei o meu corpo; a outrem que não a ele recusei a posse de minha alma, pecando a todo o instante contra a vontade própria, contra os impulsos de minha consciência, a generosidade de minha índole, e os preceitos de minha crença!
> A história é curta; sabida, já o disse e muito. Recapitular porém as mil peripécias de uma paixão; estudá-la em seus múltiplos aspectos, isso é longo, isso é doloroso, sobretudo quando a mão que vai tocar a chaga viva é carne da própria carne dorida. (TAUNAY, 1872, p. 12).

Em *Lágrimas do coração: manuscrito de uma mulher* (TAUNAY, 1872) predomina o discurso em primeira pessoa, com diversos trechos de diálogo interior e uma tentativa de representar o quadro psicológico da personagem. É Carolina Telles quem conta sua história, desde a infância, passando pelos dias do colégio, bailes e vida social da corte até o casamento. O afastamento e a dispersão de seus pais – a

[47] Há uma imprecisão nos registros do ano de publicação e do título dessa obra (CANDIDO, 2000; BOSI, 1994; MARETTI, 2006). Os anúncios e as resenhas nos jornais do período atestam que o título era, desde a primeira publicação, *Lágrimas do coração: manuscrito de uma mulher*, em 1872, portanto, anterior à *Inocência* e posterior a *A mocidade de Trajano*.

mãe hipocondríaca e o pai jogador compulsivo – fazem com que as decisões sobre o seu noivado e casamento sejam exclusivamente de seu alvitre. Porém Carolina tem dúvidas quanto à melhor escolha. Amilar, Loureiro ou Jurema? Amilar, um frequentador assíduo dos bailes cariocas e com algum dinheiro; Loureiro, filho de fazendeiro e rico, avesso a bailes e eventos sociais; Jurema, um intelectual, artista, bom no piano e nos assuntos literários, mas sem posses. As opções são muitas e bem diferentes. A paixão de Carolina recai sobre Jurema, mas esse não reage diante de um rival poderoso e rico, Loureiro. Entre unir-se ao grande proprietário tedioso ou ao pobre interessante, Carolina garante sua fortuna e casa-se com o mais rico dos pretendentes. Conclui que o seu amor por Jurema não combina com a estabilidade financeira e com a posição social que almeja. Por sua vez, o próprio Jurema renuncia a disputar a atenção da moça, pois conhecia todos os seus desejos de riqueza e considera-se incapaz de realizá-los.

Amilar, o primeiro dos pretendentes de Carolina, é o herdeiro de família tradicional e rica, pedante e galanteador, cai em desgraça quando se solidariza e participa de uma rodada de apostas com o pai da moça. E este, depois de perder muito dinheiro, coloca o casamento da filha como parte de um acordo para obter mais dinheiro de Amilar. Loureiro, o que ganha a disputa, está ligado aos mesmos setores que Amilar. Loureiro só é diferente por sua origem campesina e distante, proprietário de terras no sertão, afastado da corte. Jurema é um tipo instruído que sabe dissertar sobre música e literatura. É paulista e atua na política, tem o poder da palavra e encanta com suas narrativas. É possível identificar, na caracterização dos três pretendentes de Carolina Telles, a relação de cada um deles com uma ordem de ideias e um grupo social. Amilar é a representação da tradição carioca da corte; Loureiro, a dos proprietários rurais, ricos e influentes. Jurema é uma terceira opção. Não tem posses, não tem vínculos com a corte, todavia é o melhor preparado intelectualmente. Taunay poderia indicar o surgimento de um tipo emancipacionista-republicano, político que atua e milita na imprensa e nos movimentos emergentes. Também coloca sob avaliação a representação do intelectual e o valor da literatura em perspectiva parecida com que havia realizado em *A mocidade de Trajano* (TAUNAY, 1871), na cena sobre o livro de Macedo, como aqui indicado em precedência.

É Amilar quem apresenta Octavio Jurema à Carolina. Ela comenta, então, a singularidade do nome e estabelece um diálogo no qual Amilar comenta que

convidara Jurema para executar algumas peças ao piano durante um encontro social, a *soirée* na casa de Carolina:

> — Então muito há de apreciar essa pessoa a quem eu, por convenção, chamarei amigo meu. . . Tem muita execução e sobretudo gosto.
> — É professor?
> — Não, Sra. É advogado;
> — Mais digno de elogios se torna ele.
> — De certo.
> — Como se chama?
> — Octavio Jurema.
> — Jurema? Que nome esquisito. É estrangeiro?
> — Não sei... Creio que filho de São Paulo, de uma família Jurema...
> — Talvez seja um nome indígena... Não é feio...
> — Disseram que é moço de habilidade e que tem um bonito futuro. Isso porém pouco nos importa. O que queremos tão somente é ouvi-lo...
> — Nunca me falaram nesse nome... Ele frequenta a sociedade?
> — Estou que pouco... Anda mais metido no giro da política. (TAUNAY. 1872, p. 122-123).

Sua nomeação é uma citação à obra de José de Alencar. Em *Iracema*, obra de 1865, a jurema estava relacionada ao sigilo ritual que a indígena revela ao estrangeiro. O “segredo da jurema”, que entorpece e provoca alucinações. Octavio Jurema, também, tem a sua forma de feitiço e veneno. Quando executa as suas composições musicais, uma dessas agrada muito à Carolina, que decide batizá-la de “Veneno” (TAUNAY, 1872, p. 135), *O veneno de Jurema*. O nome desse personagem também revela um procedimento muito comum a algumas famílias brasileiras daquele período. A adoção de nomes e sobrenomes de origem indígena. Taunay já havia comentado este assunto em *A mocidade de Trajano* (TAUNAY, 1871). Contudo, ali, a citação é irônica e faz referências aos grupos radicais e nativistas sectários de estudantes paulistas. Acontece quando Trajano, retornando da Europa rumo à fazenda da família, é abordado por um desconhecido que busca desesperadamente pelo filho. O pai conta a renomeação do filho:

> Pois como eu lhe ia dizendo, meu filho chamava-se Manoel Ventura Belleza, tirando Ventura da mãe e Belleza de mim. Agora mudou de nome, não sei para que, nem porque, e assina-se Manoel Brasilio Nacional Pirapitanga, quando minha mulher nada tem de nacional, por ser portuguesa, nem eu de Pirapitanga. Mas isto ainda não importa. (TAUNAY, 1871, p. 47).

A diferença entre os dois casos é que a nomeação de Jurema não é questionada nem contada sob a clave irônica do caso de Pirapitanga. Octavio Jurema é personalidade de destaque, domina o salão, toca o piano, comenta a literatura contemporânea e não é um radical nativista. A distinção no registro das duas nomeações pode estar condicionada às opções contrárias relativamente ao primeiro romance desenvolvidas em *Lágrimas do coração: manuscrito de uma mulher* (TAUNAY, 1872).

Inocência (1872)

Apresentado pelo autor como "uma narrativa campestre e despretensiosa, de um livro singelo e sem futuro" (TAUNAY, 2011, p, 16), *Inocência* (TAUNAY, 1872) é o terceiro romance de Taunay, sai em 1872, e desde o lançamento mereceu a dedicada atenção dos seus contemporâneos. Tratamento de destaque que ampliou significativamente nas gerações seguintes. Inumeráveis são as edições em língua portuguesa. *Inocência* (TAUNAY, 1872) foi publicada em vários outros idiomas: francês, inglês, alemão, italiano, espanhol, croata, sueco, dinamarquês, polaco, flamengo, japonês (CANIATO, 2004), e sua história foi adaptada[48] para o teatro e cinema. *Inocência* (TAUNAY, 1872) é uma das raras obras literárias brasileiras do século XIX que ainda mantém a frescura e energia para conquistar novos leitores e admiradores.

Há em *Inocência* (TAUNAY, 1872) algo novo para a literatura brasileira do Romantismo. Esta novidade surge, principalmente, no processo de combinação do conteúdo local com o universal. Em meio às discussões centradas nas opções de como produzir a literatura de "cor local" parte dos produtores do período desconsiderou todo o restante, transformando em absoluta a prescrição sobre a utilização literária dos temas locais. Os autores, para encontrar a almejada "cor local", insistiam na utilização de termos indígenas ou situações forçadas, como a cena artificial dos borrachudos de *A mocidade de Trajano* (TAUNAY, 1872). Contrastando com aquele tratamento, em *Inocência* (TAUNAY, 1872), Taunay incorpora ao retrato do sertão bruto uma trágica história de amor que poderia

[48] *Inocência* (TAUNAY, 1872) recebeu diversas adaptações para o cinema, as de maior destaque são: a) em 1915, dirigida por Vittorio Capellaro; b) em 1949, dirigida por Luiz de Barros e Fernando de Barros; c) em 1983, dirigida por Walter Lima Júnior.

acontecer em qualquer outro cenário. Situa, em Santana do Paranaíba, um par de amantes impossibilitados de realizar suas aspirações e com um desenrolar trágico. O par romântico de Taunay relembra os pares clássicos da literatura europeia. Os descritos por Bernadin de Saint-Pierre, Shakespeare, Chrétien de Troyes. Paulo e Virginia, Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, respectivamente.

José Veríssimo (VERISSIMO, 1998) identificou e, assim, comenta essa novidade de conteúdo de *Inocência*:

> Tinha feitio diferente de tudo o que no gênero aqui se publicara, a *Inocência*. Romance feito de impressões diretas de paisagens, cenas, tipos e fatos gerais, apenas idealizados por uma recordação que devia de ser saudosa, havia neste, como uma representação estética verdadeira, ao mesmo tempo singela e forte, do sertão e da vida sertaneja no Brasil central, um sincero sentimento, uma simpatia geral, sem excesso de sensibilidade, do seu objeto. Não obstante desfalecimentos de estilo, havia mais nele o mérito da novidade. (VERISSIMO, 1998, p. 307).

Esse “feitio diferente” está na proposição de um tratamento para o regional, o local, que o identifique diretamente com o universal. Dessa forma, enfrenta diretamente a discussão sobre quais deveriam ser as características desta emergente literatura. Quais obras e quais temas deveriam ser priorizados. Taunay propõe uma nova abordagem para a questão da representação da “cor local” e sua caracterização. Em outros termos, o local permanece e eterniza-se quando consegue expressar sentimentos e sensações que também são universais. Em *Inocência* (TAUNAY, 1872), o local e o universal estão dialeticamente relacionados: o ambiente sertanejo e o amor irrealizado entre dois jovens.

Em um ensaio sobre a obra de Taunay, Jorge Luiz Lafetá (2004) pergunta: “De onde nasce o charme do romance *Inocência*, que ao longo de um século vem encantando os leitores mais diversos?” (LAFETÁ, 2004, p. 278). Lafetá (2004) sugere que, ao tratar de assuntos relacionados ao “primeiro amor”, a obra produza uma identificação com os seus leitores e os faça recordar e reviver aquelas sensações de juventude. Acrescente-se a interposição das figuras de autoridade, de instituições, de preconceitos que, em determinadas circunstâncias, podem impedir a realização daqueles primeiros impulsos amorosos. Algo que também poderia aumentar a identificação do romance campestre com os leitores contemporâneos. E,

nessa perspectiva, a obra continua viva porque trata de assuntos ainda relevantes e significativos para boa parte de seus novos leitores.

3.3.2 Os contos de *Histórias brasileiras* (1874)

Além dos três romances, que circularam entre 1871 e 1872, o primeiro momento ficcional de Taunay, também, conta com a publicação de *Histórias brasileiras* (TAUNAY, 1874), em 1874, volume que reúne quatro narrativas e um texto dramático.[49] “Ierecê a guaná”, “Camiran a quiniquinau”, “O vigário das Dores” e “Juca o tropeiro” são quatro narrativas que poderiam ser classificadas, na atualidade, como contos. Conquanto considerássemos a longa extensão de todas elas, poderíamos acrescentar a opção novela, também, como categoria possível de ser avaliada. Principalmente, quando se observa que, em todas essas histórias, há mais de um núcleo narrativo, vão além de um ponto único de concentração e cobrem um largo período temporal. Entretanto, se o uso desta nomenclatura não era corrente entre Taunay e seus contemporâneos, tampouco é unânime na atualidade. São narrativas curtas, mas com desenvolvimento profundo. Não resumem acontecimentos, mas descrevem longos processos.

Essas narrativas concentram o seu enredo nos personagens indicados nos respectivos títulos, ou seja, as índias Ierecê e Camiran, o padre Monte e o tropeiro Juca. Em comum, todos eles vivem e estão no sertão quando suas existências são transformadas. As índias com suas tribos em Mato Grosso, o padre em Rio Verde, Goiás, e Juca em Uberaba, Minas Gerais. São perfis de sertanejos que complementam e representam o mosaico humano que Taunay conheceu na expedição de 1865-1867. Taunay demonstra dominar plenamente o gênero curto e ser um dos melhores autores que a ele se dedicou durante o século XIX, em nossa literatura. Escreveu, ainda, dois outros livros de contos *Histórias militares*, publicado em 1878, e *Ao entardecer*, volume póstumo, publicado em 1900.

No caso de *Histórias Brasileiras*, há quem o considere como o melhor livro ficcional de Taunay (MATE, 1950; MUSSA, 2014). Como supramencionado, o professor Hubert Mate considerava os contos sertanejos de Taunay como os

[49] O texto dramático é “Da mão à boca se perde a sopa”, provérbio em um ato. O título e a indicação de subgênero são do autor.

melhores do gênero produzidos no Brasil, durante aquele período. E de igual modo é a opinião, entre outros, de Alberto Mussa:

> Embora nem sempre muito apreciada, *Inocência* é pelo menos lida, ainda que obrigatoriamente, nas escolas. Uma pena, porque ao menos outro livro mereceria a mesma honra: *Histórias brasileiras* (que me parece a obra-prima do Taunay ficcionista), reunião de contos onde predomina o tema indígena, cujo tratamento inovador, à época, inverte o de Alencar e o de Gonçalves Dias. (MUSSA, 2014, p. única).

O comentário de Alberto Mussa (2004) relacionando o volume à temática indianista se refere ao conteúdo dos dois primeiros contos: "Ierecê a guaná" e "Camiran a quiniquinau". O primeiro, um idílio amoroso entre um branco e uma índia guaná; o outro, uma elegia a Camiran, uma mãe que reage à perda do filho preferido nos combates contra tropas paraguaias. As duas histórias de Taunay com personagens indígenas, como aprofundamos na próxima secção, não são propriamente indianistas tal qual as representações de Gonçalves Dias ou de José de Alencar. Os índios de Dias e Alencar são figuras idealizadas, construídas sobre uma projeção e sem existência real possível; e eles podem ser colocados em contraposição direta aos índios de Taunay, que são reais e obtidos pela observação de modelos com os quais o autor conviveu por algum tempo na expedição a Mato Grosso. Sobre "Ierecê a guaná", Lúcia Sá (2000) comenta:

> A leitura de "Ierecê a Guaná" traz à mente outras tristes índias que, como ela, também morreram de amor: Atala, Lindoya, e, claro, Iracema, a virgem dos lábios de mel. Publicado em 1874, o conto do Visconde de Taunay dialoga claramente com a lenda de Alencar, que lhe antecede em nove anos. A começar pelo nome da heroína, que soa suspeitosamente como a da jovem tabajara. Ademais, ambas as jovens descendem de feiticeiros, vale dizer de homens poderosos ou nobres, e são, como seria de esperar, extraordinariamente belas. Por fim, as duas entregam-se ao amor com uma intensidade que por ser, em cada um dos casos, fatal. (SÁ, 2000, p. 133).

Haroldo de Campos, dedicado leitor de Alencar, também, comparou as duas obras e admite o diálogo temático, mas insiste que " 'Ierecê a Guaná' não resiste à comparação com *Iracema*, 'lenda do Ceará', em termos de realização estética" (CAMPOS, 2000, p. 156), e complementa:

> Em Ierecê – nos antípodas de *Iracema* – o tom é quase sempre "diário de viagem", um relato documental, com passagens lírico-paisagísticas (não dominante). Por fluente que seja, e capaz de despertar legítima curiosidade no leitor, não ultrapassa, senão de raro em raro, esse diapasão viageiro-documental. O oficial engenheiro, de pendor turístico, Alberto Monteiro (até certo ponto uma "persona" do jovem Taunay: ALbERtO / ALfREdO), em missão no interior do pais, propõe-se aproveitar o tempo que lhe sobra para conviver com "os amáveis aborígenes mato-grossenses" e, assim pilhar "la nature chez ele". (CAMPOS, 2000, p. 156).

Em "Ierecê a guaná", a narrativa reproduz somente a estrutura de *Iracema* (ALENCAR, 2016). O branco conhece a bela índia, vivem juntos algum tempo; depois, ele se vai, volta à civilização, e ela perde a vida em situação de sofrimento e abandono. Porém a citação a Alencar se restringe a esse aspecto, pois, quando se analisa o conteúdo e o comportamento dos índios que Taunay coloca em ação, percebemos que estes são efetivamente de uma matéria muito diferente dos que foram descritos tanto na obra de Alencar quanto de Dias.

Ampliamos essa questão na próxima secção, mas já podemos adiantar que não existe outro tipo de indianismo em Taunay. A obra de Taunay não é indianista. O indianismo nos moldes desenvolvidos e praticados por Gonçalves Dias e José de Alencar depende do mito e da idealização, não falam de indivíduos reais. Dias não se refere a algum índio particular em seus poemas; e Alencar não reivindica para suas fábulas nem o selvagem registrado pelos cronistas nem os que ele conheceu diretamente em seu tempo. Alencar, inclusive, confessa que não desejava registrar os tipos brutos dos primeiros contatos com o europeu e muito menos os totalmente dominados que perambulavam pelo sertão (ALENCAR, 1995). Sob tal ótica, quando comparamos a produção de Gonçalves Dias e de José de Alencar com a obra de Taunay, constatamos que a representação dos índios por este é muito mais antropológica do que indianista como naqueles. Taunay constrói personagens sob as indicações do que observou e anotou, destacadas diretamente do meio em que viviam.

Outra indicação dessa percepção do indígena está em "Camiran a quiniquinau", que é a narrativa da velha índia que perde o filho: "Camiran era uma infeliz velha quiniquinau, que passava os dias a prantear a morte de um filho único, baleado em ação de guerra pelos paraguaios" (TAUNAY, 1874, p. 119). Taunay reconta toda a história da ofensiva paraguaia sobre o território mato-grossense com

o objetivo de situar e contextualizar os eventos que propiciaram aos sofrimentos de Camiran:

> A coluna devastadora vinha dirigida pelo coronel Resquin que, em nome da república do Paraguai, levara inopinadamente a guerra ao seio do Brasil. O ataque havia sido tão pouco esperado que os batalhões paraguaios, sem oposição alguma à sua marcha de conquista, foram tangendo adiante de si toda a população tomada de surpresa e possuída de imenso pavor. (TAUNAY, 1874, p. 120).

Assim incorpora à narrativa o avanço das tropas paraguaias sobre o forte Coimbra, a colônia de Dourados, a vila de Nioac e o distrito de Miranda. Depois de registrar a breve resistência dos militares brasileiros, o texto dedica-se à narrativa da participação indígena na guerra. Desse modo, conhecemos Pacalalá, o filho pranteado de Camiran:

> Tinha ele pouco mais de 20 anos; mas era um soberbo índio, cor de cobre vermelho, com feições angulosas, maçãs do rosto salientes, dentes acerados, olhos pequenos e inteligentes, queixo acentuado e denunciando energia. Com tão pouca idade soubera conciliar o respeito dos seus e a amizade dos brancos. Era ele quem tomava a peito as queixas da sua gente nas relações com os moradores de Miranda, quem ia denunciar a frei Marianno as irregularidades dos contratos ou os desmandos que se davam na sua aldeia. Pedia providências n'um e n'outro sentido; indicava-as acertadas, e conseguia de vez em quando algum resultado, conforme os interesses dos seus e como era de justiça. Soubera até em várias ocasiões franzir o sobrolho às autoridades da povoação, dispostas sempre a abusar, e, apoiado na boa vontade do frade capuchinho e no seu espírito de retidão, obteve que cessassem para os habitantes de seu aldeamento diversas medidas vexatórias a que estavam sujeitos os índios. (TAUNAY, 1874, p. 134-135).

Pacalalá lidera um grupo de indígenas que toma o partido brasileiro e luta contra o avanço dos paraguaios, entretanto eram poucos e não conseguem oferecer grande resistência, todos os indígenas que resistem são dizimados. O jovem Pacalalá morre no combate do porto de Maria Domingas. Por muito tempo, o cerco do inimigo impede que os corpos dos que tombaram fossem recolhidos. Camiran, a mãe, terá de prantear o filho a distância e aguardar a retirada das forças paraguaias para que possa completar as cerimônias de seu luto. Em “Camiran a quiniquinau”, a narrativa, também, é produto do registro e da observação, apontamentos sobre a

história foram encontrados no espólio de Taunay.[50] Apesar do elogio heroico a Pacalalá, descrito como guerreiro justo e quase invencível, o conto não recria as imagens poéticas idealizadas características do nosso Romantismo. Pacalalá tal qual Ierecê e Camiram são representações de modelos observados e identificáveis.

No conto "O vigário das Dores", alteram-se o ambiente e as personagens. Não estamos mais no interior de Mato Grosso, entre exploradores e indígenas. Agora, o foco da narração recai sobre um padre do interior de Goiás e as dúvidas sobre as escolhas de sua vocação. Padre Monte, paulista de nascimento, órfão e educado por religiosos, ordena-se e ingressa na carreira religiosa por gratidão aos favores recebidos da ordem religiosa que o acolheu. Quando começa a exercer o sacerdócio, sente falta de uma fé mais fervorosa, duvida de seus votos e, em algumas ocasiões, ameaça deixar-se levar pelas tentações que surgem:

> O padre Monte sabia, e tinha consciência, de que praticava o bem com satisfação e alegria; conhecia a nobreza natural de seus sentimentos; repelia o mal, como o herminho foge do lodo, mas não sentia em si essa unção, esse fogo sagrado, essa crença imensa que ele supunha necessária para bem cumprir com a missão que as circunstâncias, mais do que a vontade, lhe haviam imposto. Quantas vezes, ao celebrar o santo sacrifício da missa, não era obrigado a fazer um esforço sobre si para chamar a atenção que lhe ia fugindo e retê-la sobre os versículos que os lábios iam maquinalmente recitando? Quantas vezes não sentiu ele frouxos os braços, quando erguia a hóstia divina ou o cálix que ia receber o corpo e sangue do Senhor! De certo não eram eles o devido sustentáculo para tanta grandeza [...] Faltavam-lhes aquelas fibras que irradiadas do coração estremecem ao impulso gigante da fé. (TAUNAY, 1874, p. 155-156).

Em busca do fortalecimento de sua fé, o padre Monte decide embrenhar-se pelo sertão e afastar-se de São Paulo, ir para uma região pouco habitada e que oferecesse menos tentações. Assume a paróquia na Vila das Dores do Rio Verde, no interior da província de Goiás. Ali, em meio à natureza e tranquilidade, busca encontrar a força espiritual para o exercício das funções a que se ofereceu. Todavia,

---

[50] Hubert E. Mate estabeleceu a relação entre as anotações reaproveitadas e publicadas pelos herdeiros sob o título de *Entre nossos índios* e os contos indígenas de *Histórias brasileiras*: "Grande parte do que Garcia Mérou chama 'exoticismo', em 'Ierecé a Guaná' e 'Camiran a Kinikináo' é baseado em observações feitas pelo Visconde durante a expedição a Mato Grosso. Acham-se certas notas feitas por ele durante aquela saída abortiva, cujo ponto climático foi a retirada da Laguna, em *Entre os nossos índios,* publicado em 1931 por Affonso d'E. Taunay. Este declara, no prefácio, que achou em grande desordem as notas de seu pai, mas que, a respeito das de que se trata: 'Seu autor as destinava, quer me parecer, a um estudo sobre os índios que em Mato Grosso frequentara ou a alguns capítulos de sua obra inacabada *A cidade de Mato Grosso*'. É meu parecer, que Taunay já tinha empregado estas notas em *Histórias brasileiras* e em *Scenas de viagem*" (MATE, 1950, p. 156).

o conforto espiritual esperado não é prontamente alcançado. Na Figura 6, na continuidade, temos um desenho de Taunay sobre a capela da Vila das Dores do Rio Verde, em Goiás.

Figura 6 – Desenho da capela consagrada à Nossa Senhora das Dores do Rio Verde, Goiás.

Fonte: Taunay (1867, lâmina 06)

Uma esperança de alívio para os sofrimentos de padre Monte surge de uma encomenda extraviada. O padre torna-se guardião de uma remessa de livros que, sob a ameaça do ataque de cupins, tem de ser aberta e revela “dois volumes grossos: D. Quixote de La Mancha, em francês; os Três Mosqueteiros de Alexandre Dumas em português; vários folhetos, uma história das Missões na Índia e China, e Os Novíssimos do Homem de S. Francisco de Salles” (TAUNAY, 1874, p. 173). As obras de Cervantes e Dumas são lidas com avidez:

> O padre Monte nunca havia lido romances; por isso semelhante livro lhe pareceu extraordinário. Aqueles episódios múltiplos e tão variados quão curiosos, aquele estilo simples mas valente, aqueles tipos de D. Quixote e de Sancho, tão ridículos na aparência mas tão filosóficos e profundos na essência, tudo o encantava, tudo o surpreendia, o enlevava de um modo desconhecido. (TAUNAY, 1874, p. 173-174).

A leitura de *Dom Quixote* transforma o espírito do religioso. “D. Quixote consumiu muitos meses: era o companheiro inseparável durante os passeios; o consolador daquelas aflições d'outrora quando por acaso queriam voltar; o bálsamo para a tristeza e consciência da solidão.” (TAUNAY, 1874, p. 174). Depois de Cervantes, padre Monte conheceu os livros de Alexandre Dumas e deslumbrou-se com aquelas aventuras quando

> [...] veio a vez do destemido Mosqueteiro. Esse livro, o padre Monte leu n'um ápice, arrastado pela imaginação cambiante de Dumas e devorou páginas com tanta precipitação que era às vezes obrigado a tornar a lê-las para seguir o fio da embrulhada epopeia (TAUNAY, 1874, p. 174).

As leituras são interrompidas quando o padre Monte fica gravemente doente e passa por uma situação extrema, vislumbra a morte e sua ida perante o “Eterno Julgador” (TAUNAY, 1874, 175). O padre termina por recuperar-se e percebe uma transformação em sua fé e em sua disposição para a vida religiosa, sente a inspiração sacerdotal que tanto ambicionava encontrar. Decide abandonar a Vila das Dores do Rio Verde e embrenhar-se pelo sertão para catequizar os índios Canoeiros, às margens do Tocantins e seus afluentes. Renovado em sua fé e temendo pelo julgamento de suas ações, o vigário das Dores encontra uma maneira de aumentar a sua lista de boas realizações.

“Juca, o tropeiro”, a última história do volume, tem uma dupla autoria indicada explicitamente. Foi recolhida e adaptada por Taunay, talvez, em suas andanças com o exército e sertanejos. A esse respeito, há uma nota de Taunay antecedendo ao texto do conto. Eis o seu teor:

> A autoria da presente narração pertence mais a um ex-sargento de voluntários de Minas, que nos disse haver conhecido de perto o personagem que n'ella figura, do que à nossa pena. O que fizemos foi desbastar o correr da história de incidentes por demais longos, de inúmeros termos familiares, e sobretudo de locuções chulas e

> sertanejas que podiam por vezes parecer inconvenientes. Havendo contudo reconhecido a originalidade e força de colorido d'essa linguagem, e desejando conservar ainda um que da ingênua, mas pitoresca expressão do narrador, resultou uma cousa esquisita, nem como era quando contada pelo ex-sargento, nem como deveria ser, saída da mão de quem se atira a escrever para o público. Batemos de arrependido nos peitos. (TAUNAY, 1874, p. 183).

A história de Juca Ventura é a mesma de muitos outros homens comuns que são encontrados pela guerra e levados por seu desenrolar. Arregimentados à força, são treinados precariamente e enviados às frentes de batalha. Perdem a vida, os sonhos e os projetos que acalentavam em nome do dever maior que o momento lhes impõe. Juca era um típico tropeiro, pastor de gado no sertão, muito bom no que fazia:

> Deveras, camaradas, Juca Ventura, filho de Minas Gerais e tropeiro desde em menino, era um companheirão, alegre e estimado, como nenhum outro nas tropas que costumam botar cargas para Goiás e Mato Grosso e trabalhar n'aqueles sertões brutos.
> Noite e dia estava pronto para rir, folgar e sustentar uma boa prosa, no que não havia quem lhe pusesse o pé adiante.
> Ninguém sabia como ele cantar chulas, armar um cururu, repinicar na viola ou contar histórias, umas gaiatas que faziam estourar de riso, outras de bruxas e mandingueiros que deixavam a gente toda arrepiada e sem vontade mais de pregar olho.
> Uma só cousa o aborrecia. Era quando lhe faltava o serviço, mas isso era tão raro que bem poucos poderiam dizer tê-lo visto calado e amofinado. (TAUNAY, 1874, p. 185).

Juca tinha o seu amor e já havia combinado o casamento com Babita, uma moça bonita e apaixonada por seu pretendente. Juca estava feliz com o seu destino: “Era noivo da rapariga mais bonita de Uberaba!” (TAUNAY, 1874, p. 201). Todavia a guerra contra o Paraguai exigia mais e mais combatentes. Juca Ventura foi, então, recrutado e incorporado ao batalhão de “voluntários” de sua região. Depois de jurar à bandeira e à Constituição, recusa a fuga oferecida pelos companheiros. “Ah! se eu, não tivesse jurado!” (TAUNAY, 1874, p. 215), resigna-se com a situação e é enviado, primeiro, a Mato Grosso, depois, ao sul, para os combates em Humaitá e nos avanços daquela frente.

Por conseguinte, os planos do casamento foram adiados pela guerra, e, por sua vez, Babita passou a esperar o retorno e as notícias de Juca. Estas tardaram e, quando chegaram, estavam erradas. Depois de anos de espera como noiva, Babita

foi informada que Juca tombara nos campos do Paraguai. A notícia era falsa, ele não havia morrido. Não sabendo, contudo, o que realmente acontecia com Juca, Babita casa-se com Chico Luiz, um rico comerciante de Uberaba. Ao final da guerra, toda a cidade é surpreendida pelo retorno de Juca Ventura. Esperava-se uma vingança e um acerto de contas por parte do tropeiro, mas, ao contrário de todas as expectativas, recusa-se a provocar contenda com os responsáveis por seu desencontro com Babita. Resigna-se e volta à sua vida de solidão no sertão e à companhia fiel do seu rebanho de gado. Na Figura 7, temos um desenho de Taunay sobre a Igreja Matriz de Uberaba, na região do Triângulo Mineiro, em Minas Gerais.

Figura 7 – Desenho com a Igreja Matriz de Uberaba, Minas Gerais.

Fonte: Taunay (1867, lâmina 04)

O conto destaca-se pela ambientação sertaneja e pelo uso de uma linguagem com características marcadamente regionais, e, mesmo que o autor argumente que

escoimou o texto das expressões típicas, elas ainda permanecem e são responsáveis por colori-lo com os tons locais que Taunay e seus contemporâneos tanto buscaram. Registrem-se, também, as semelhanças entre a personagem de Juca Ventura com outros tipos sertanejos que Taunay descreveu em sua obra. Talvez, os principais, entre eles, tenham sido o guia Lopes, destacado em *A retirada da Laguna* (TAUNAY, 1871), e o companheiro de sertão de dois de seus contos: "Um Irmão" (TAUNAY, 1878) e "O camarada" (TAUNAY, 1882). São personagens que dominam plenamente o território bruto do sertão e, de igual modo, conservam um apurado código ético baseado nas tradições dos antepassados. São leais e justos em seus empreendimentos, por isso, o caso de Juca é exemplar, a palavra dada é compromisso assumido. Não há retorno.

Em *Memórias* (TAUNAY, 2004), Taunay registrou a satisfação que o conto causou em alguns de seus contemporâneos. Entre eles, José de Alencar: "A historieta agradou imensamente a José de Alencar, que a citava de contínuo com elogios, de que, decerto, com o gênio retraído, desconfiado e displicente, não era nada pródigo." (TAUNAY, 2004, p. 182).

"Juca, o tropeiro", por seu conteúdo trágico e guerreiro, assemelha-se em alguns pontos às histórias de um outro soldado-escritor, o norte-americano Ambrose Bierce[51], também, tenente, autor de um livro de contos que teve como primeiro título *Tales of soldiers and civilians,* depois, renomeado, pelo autor, para *In the midst of life*, e publicado no Brasil com o título de *No meio da vida* (BIERCE, 1971). Ambrose G. Bierce lutou na Guerra de Secessão Americana (1861 – 1865) e produziu uma obra literária densa e original, em que mescla mistério, suspense e a violência própria de todas as guerras. Essas histórias guerreiras, tanto as de Bierce como as de Taunay, aproximam os leitores dos verdadeiros impactos das guerras, mormente, no que concerne as consequências para os anônimos que são consumidos como "carne infinita" em todas as suas batalhas. Nesse sentido, comenta a tradutora dos contos de Bierce ao português do Brasil.

> Nestes relatos [...] nos empenhamos em espírito, em lutas sangrentas; nossa sensibilidade (como a do autor) é exposta ao fogo da metralha, à estúpida incongruência dos campos de batalhas (que se desenrolam às vezes ao sabor de dogmas e caprichos pessoais) permitindo vislumbrar outras pequeninas e mesquinhas guerras (e

[51] Ambrose G. Bierce (1842 – [1913/1914?]), não há confirmação sobre o ano da morte de Bierce. Ele desapareceu quando viajava pelo México, em busca das tropas de Pancho Villa, em 1913.

> por isso mesmo monstruosas) dentro da maior, a guerra cega e total. (FINAMOUR, 1971, p. 13).

De maneira semelhante a Bierce, Taunay conta dos homens comuns que tiveram suas vidas transformadas pelo imperativo da guerra. O cataclismo que muda os mapas, altera a vida de comunidades, destrói famílias, adia planos e cobra seu preço em baixas humanas. A guerra é distinta para os dois: Taunay a vê como uma necessidade patriótica, um instrumento de civilização. O brasileiro assume uma postura diretamente derivada de seus vínculos com a elite do poder. Bierce já a registra como uma consequência de decisões distantes, de políticos e burocratas, ele está fora do círculo das decisões e não tem compromissos para justificá-la. A guerra de Bierce não é um conflito civilizatório, mas um desentendimento entre iguais. Se a guerra é boa ou não, não importa para as personagens de Bierce, ela precisa ser travada em todas as suas dimensões, no campo e em espírito, por todos os que foram encontrados por ela.

3.4 O REGIONAL COMO ALTERNATIVA AO INDIANISMO OU “ALI COMEÇA O SERTÃO CHAMADO *BRUTO*”

A questão proposta por Lúcia Sá, em “Índia romântica. Brancos realistas” (2000), no tocante à possibilidade de um tipo de *indianismo de transição* praticado por Taunay em “Ierecê a guaná” (TAUNAY, 1874), “entre o anti-indianismo realista e o indianismo romântico exacerbado” (SÁ, 2000, p. 143), leva-nos a indagar se seria possível considerar como indianismo o tipo de registro estético praticado por Taunay em algumas de suas histórias curtas, mormente, em títulos como o mencionado por Sá (2000), “Ierecê a guaná”, de *Histórias brasileiras* (TAUNAY, 1874). Nas demais narrativas deste volume, “Camiran a quiniquinau”, “O vigário das Dores” e “Juca, o tropeiro”, prepondera outro tipo de registro. Mesmo na narrativa sobre Camiran, a índia quiniquinau que perde e pranteia o filho, prevalece o registro dos aspectos pitorescos da paisagem, das características da região e o envolvimento de seus habitantes, por conseguinte, dos índios, contextualizados com os eventos da guerra.

Haroldo de Campos (2000) argumenta que o indianismo pressupõe a existência de um código poético próprio. Uma “magia verbal”, nas palavras de Haroldo de Campos, que necessariamente não precisa encontrar correspondência

na realidade. Sob essa ótica, ainda segundo Campos (2000), a obra de Taunay oferece um *verismo etnográfico,* e não uma releitura indianista dos mitos fundacionais elaborados por José de Alencar ou Gonçalves Dias.

> Ierecê, a guaná aculturada de Taunay, que fora batizada e iniciada na religião cristã por um "virtuoso capuchinho"; que, mesmo deslembrada dos ensinamentos recebidos, não esquecia de persignar-se ao despertar e deitar-se, está mais próxima no debuxo do visconde, da Atala de Chateaubriand, índia conversa, pia, submissa à moral cristã e por esta reprimida, do que Iracema, a selvagem indomada e transgressora, que subjuga eroticamente o seu homem na sua paixão de "tigresa". (CAMPOS, 2000, p. 166).

Os índios de Taunay são tipos que já estão no convívio social e enquadrados ou pela Igreja ou pelo Estado, ou por ambas essas instituições. São índios submetidos e com correspondentes na realidade, não são produto nem derivação dos mitos indianistas, talvez, uma lembrança. Os índios estão incorporados às narrativas de Taunay porque ocupavam os cenários que este se dispôs a descrever e narrar em sua obra. O olhar de Taunay é para o sertão e para tudo o que mais nesse ambiente pode ser encontrado. O índio, o sertanejo, os animais, os insetos, os peixes, as plantas, os aspectos físicos e o todo observável serão os materiais para o inventário sertanejo de Taunay. Dessa forma, as narrativas de Taunay, mesmo nas quais os índios são protagonistas, são mais narrativas regionais que propriamente manifestações de algum tipo de indianismo.

A atenção de Taunay para o sertão já estava anunciada no seu primeiro romance. A fazenda Mata-Grande de *A mocidade de Trajano* (TAUNAY, 1871), além da sugestão do nome, situa a ficção de Taunay fora dos limites da corte e a sua busca por representar aspectos diferentes das opções até então colocadas pelos autores antecedentes. Entretanto essa afirmação está mais claramente expressa no primeiro capítulo de *Inocência*, intitulado "O sertão e o sertanejo".[52] Considerado, por alguns de seus leitores, como um dos pontos altos de nosso Romantismo (CANDIDO, 2000; LAFETÁ, 2004), é um texto de apresentação da região onde se desenrola o romance campestre de Taunay. Porém essas primeiras páginas, igualmente, podem ser lidas como um *manifesto sertanejo* para a literatura brasileira. Ao descrever a região e o perfil de seus habitantes, Taunay propõe, na

[52] Esse texto, também, foi publicado em *Ceos e terras do Brazil* (TAUNAY, 1882, p. 9-24). Ali, ocupa, de igaul modo, o primeiro capítulo, mas sem menção a qualquer publicação anterior.

prática, um novo ambiente e um novo tipo humano como fonte para a tão almejada cor local literária.

O “sertão” e o “sertanejo” – um espaço em que “por toda a parte, a calma da campina não arroteada; por toda a parte, a vegetação virgem, como quando aí surgiu pela vez primeira” (TAUNAY, 2011, p. 18) e o seu senhor:

> O legítimo sertanejo, explorador dos desertos, não tem, em geral, família. Enquanto moço, seu fim único é devassar terras, pisar campos onde ninguém antes pusera pé, vadear rios desconhecidos, despontar cabeceiras e furar matas, que descobridor algum até então haja varado” (TAUNAY, 2011, p. 24).

O texto não introduz somente o ambiente para as ações que serão narradas em *Inocência* (TAUNAY, 1871), mas também para todas as outras histórias sertanejas de Taunay publicadas em *Histórias Brasileiras* (TAUNAY, 1874), em *Narrativas militares* (1878), em *Ceós e terras do Brazil* (1882) e em *Ao entardecer* (1900). Taunay desenvolve nessas obras um inventário de heróis sertanejos. E este conjunto de histórias e heróis é suficiente para demonstrar que *Inocência* só está isolada aparentemente. A heroína de Sant’Anna do Paranaíba não é uma exceção na obra de Taunay, existem muitos outros com a mesma índole. Dentre esses outros heróis do sertão de Taunay, destacam-se Ierecê, Pacalalá, Camiran, o guia Lopes, Juca Ventura, o camarada, a Ciganinha, o padre Monte...

O movimento de Taunay em busca de novos cenários, tipos e perspectivas para a produção da ficção local estava relacionado com o esgotamento do modelo proposto e iniciado por Gonçalves de Magalhães e seus companheiros de *Nitheroy*, desenvolvido poeticamente por Dias e elevado, por José de Alencar, à categoria de mito literário nacional. Esses limites estavam vinculados, principalmente, às imposições formais que os centros divulgadores do gênero romance emanavam e as adaptações que sofriam nos sistemas periféricos que procuravam reproduzi-las. Nos romances franceses, principal referência para os autores brasileiros, circulavam tipos muito mais acabados e complexos do que os oferecidos pelas fábulas indianistas do cearense, por exemplo.

José de Alencar, desde a polêmica sobre *A confederação dos Tamoios* (1856), empreendeu a tarefa de produzir textos que deveriam contar a história de ocupação, contato e colonização dessas terras. Uma questão que se colocava para Alencar era saber como combinar as propriedades da forma romance utilizada para

o seu empreendimento e quais elementos buscaria em outros gêneros. Bernardo Ricupero, em *O Romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830 – 1870)* (RICUPERO, 2004), sintetiza o esforço de Alencar para adaptar as formas europeias ao que ele acreditava ser o conteúdo adequado para a ficção brasileira:

> O problema de Alencar encontra-se, portanto, além do gênero literário que elege; reflete a situação se um país ligado ao capitalismo, desde o início de sua história, mas de maneira peculiar, colonial ou dependente. Em sociedades desse tipo, quando as formas do centro são reproduzidas, mas sem realizar-se mediação adequada delas com a realidade, estimula-se um sentimento de mal-estar e desconforto.
> Os romances indianistas de Alencar não são, portanto, propriamente romances no sentido europeu. Ou melhor, são romances que ainda possuem características de epopeia, até porque a prosa romanesca, diferentemente daquela do escritor cearense, não apreende o extraordinário, o heróico, mas o típico e rotineiro. Na Europa não se narram grandes feitos, mas o cotidiano, o que reflete uma vida regular e ordenada, ou seja, a existência burguesa. A situação brasileira é, contudo, diferente. Na sociedade escravista e patriarcal não há grande espaço para a impessoalidade.
> Combina-se com o ambiente social, o esforço político, pós-independência, de se criar os símbolos que unificam a comunidade nacional. Tudo isso contribui para que os heróis de Alencar, por exemplo, diferentemente dos personagens dos romances europeus da época, mesmo deslocados, não se comportem como indivíduos dilacerados. Ao contrário, são homens inteiriços, que, à maneira dos heróis de epopeias, representam todo um povo. (RICUPERO, 2004, p. 165).

As histórias sertanejas de Taunay se não respondem diretamente à questão do esgotamento temático e formal indianista servem como alternativa e indicação para a continuidade da produção literária nacional. Esta sugestão não era inédita. Taunay seguia as reflexões de seu professor e apresentador ao meio literário – Joaquim Manoel de Macedo – que já havia antecipado a necessidade de voltar-se ao interior para encontrar o verdadeiro Brasil:

> O deputado liberal Joaquim Manoel de Macedo, por exemplo, num artigo intitulado “Costumes campestres do Brasil”, afirma que “uma nação não tem nada em si de mais cambiante e de menos nacional do que a sua capital”. Numa linha que antecipará os romances sertanejos de José de Alencar, Bernardo Guimarães, Afonso[53] [sic] de Taunay e o clássico de Euclides da Cunha sobre Canudos,

[53] Equívoco de Bernardo Ricupero (2004) ao confundir Alfredo com Affonso. Troca o nome do pai pelo do filho.

> sugerirá que contra o cosmopolitismo artificial da corte, deve-se ir buscar no interior o país profundo. (RICUPERO, 2004, p. 100-101).

Este processo de atualização temática na produção literária brasileira do século XIX, também, foi descrito por Lúcia Miguel Pereira, em *Prosa de ficção (de 1870 a 1920)* (PEREIRA, 1988). Essa autora destaca o início de um movimento de distanciamento para com os modelos propostos e então dominantes. Caracterizou-se pela negativa aos tipos idealizados românticos e pela busca de identificação dos homens e mulheres reais que ocupavam os vastos territórios do país. Taunay, segundo Lúcia Miguel Pereira (1988), estava na ponta de lança desta nova percepção:

> Deu-se então um fenômeno inesperado: a Corte, onde com mais rigor imperavam as convenções, perdeu a direção dos sucessos literários. O único carioca que teve parte nessa disfarçada renovação foi Taunay, e apenas com *Inocência*, inspirada por sua viagem ao planalto central. *Um casamento no arrebalde*, de Franklin Távora (1869), *O vaqueano* e *Paisagens,* de Apolinário Porto Alegre (1872 e 1875), *Inocência* (1872), *O calculista* e o *Coronel Sangrando*, de Inglês de Souza (1876 e 1877), todos, com a já notada exceção de *Inocência*, escritos e publicados na província, possuem dois traços comuns: o intuito de observar e a feição regionalista. (PEREIRA, 1988, p. 35-36).

Desde esta, que podemos denominar *virada regionalista*, seguindo as sugestões de Pereira (1988), durante a década de 1870, a produção literária brasileira ampliou e diversificou o tratamento dos temas então propostos. As diversas regiões do país foram contadas, narradas e descritas em uma profusão de obras, formando e completando um mosaico literário regional do Brasil. O brasileiro, o sertanejo, o gaúcho, o nortista, o matuto do centro/sudeste, o nordestino, o cearense.

4 *MEMÓRIAS* E A REIVINDICAÇÃO DE TAUNAY AO LEITOR DO FUTURO

> Que me importava, porém, dinheiro? O meu objetivo era a glória, glória em todos os sentidos, militar, literária! [...] Pensava, então, poder subir, subir muito alto, tornando-me conhecido em todo o Brasil. (TAUNAY, *Memórias*).

Os últimos textos inéditos de Taunay foram publicados sob o título de *Memórias* (1948a; 1948b; 1960; 2004). Esse volume foi editado quatro vezes: primeiro, em 1948, edição sob a responsabilidade dos herdeiros e coordenação de Affonso d'Escragnolle Taunay, em duas edições. Uma é da editora Melhoramentos (TAUNAY, 1948a) e outra do Instituto de Progresso Editorial (IPE) (TAUNAY, 1948b). Depois, em 1960, volta a circular em uma coedição entre a Biblioteca do Exército e a editora Melhoramentos (TAUNAY, 1960). Por último, recentemente, temos a edição preparada por Sergio Medeiros, para a editora Iluminuras, de 2004 (TAUNAY, 2004). É possível a existência de outras publicações em edições de coleções específicas e de circulação restrita, provavelmente, em conjunto com as obras completas de Taunay. Contudo as edições com circulação regular foram essas especificadas.

Há, desde a primeira publicação da obra, em 1948, uma tentativa de apresentar este texto como um conjunto unificado e coerente das reflexões memorialísticas de Alfredo d'Escragnolle Taunay. Entretanto essas memórias são parciais, fragmentárias e não eram, propriamente, inéditas quando vieram a público. A estratégia foi, ao longo desses anos, bem-sucedida. Inclusive, alguns dos seus leitores utilizam o artigo definido para se referenciar a esse texto. O que soa algo como: AS *Memórias* de Taunay ou AS *suas Memórias*. Sergio Medeiros insiste neste tratamento: "aclimataram-se maravilhosamente às *Memórias*" (MEDEIROS, 2004, p. 13) e "revela nas *Memórias*" (MEDEIROS, 2004, p. 13) ou "declara nas *Memórias*" (MEDEIROS, 2004, p. 15). Maria Lídia Lichtscheidl Maretti, também, faz referências a esses textos como algo definido. Vejamos: "a primeira edição das *Memórias*" (MARETTI, 2006, p. 20) e "muitos trechos das *Memórias"* (MARETTI, 2006, p. 45) ou "Taunay escreve em suas *Memórias*". Os dois principais leitores de *Memórias* (TAUNAY, 1948a) da atualidade, Medeiros e Maretti, em seus posicionamentos, atribuem aos textos memorialísticos a unidade e coerência que o primeiro editor desejou.

Com o objetivo de indicar a atuação dos herdeiros e editores pela unidade e coerência, exploremos as circunstâncias de produção e circulação de *Memórias* (TAUNAY,1948a): o histórico do sigilo, a reunião dos fragmentos, o estilo, o conteúdo e alguns dos possíveis significados que este conjunto de textos ainda reivindica. Apesar de todas essas questões, *Memórias* (TAUNAY,1948a) conserva toda a sua importância por sua contribuição à compreensão da obra, da atuação e da personalidade de Taunay.

4.1 AS CIRCUNSTÂNCIAS DE PRODUÇÃO E PUBLICAÇÃO DE *MEMÓRIAS*

Em dezembro de 1946, reuniram-se o acadêmico Virgílio Correia Filho, secretário-geral e representante do presidente do IHGB; o historiador Affonso d'Escragnolle Taunay e o poeta Raul de Taunay, representando os herdeiros da família Taunay, com o objetivo de abrir e dar publicidade ao invólucro contendo os cadernos manuscritos que continham os textos memorialísticos de Alfredo d'Escragnolle Taunay, guardado na Arca do Sigilo daquele instituto, desde 1892, com a prescrição de abertura somente 50 anos depois da data de depósito. Assim estava determinado na declaração formal anexada aos originais:

> Estas *Memórias* só podem, só devem ser entregues à publicidade depois de 22 de fevereiro de 1943, isto é, completos cem anos da época do meu nascimento, ou cinquenta anos de 1893, data em que as hei de depor em lugar seguro. (a) Visconde de Taunay. Petrópolis, 26 de junho de 1892. (TAUNAY, 1892¨ apud TAUNAY, Affonso, 2004, p. 23).

Presumia-se que devida cautela era necessária em razão do impacto das revelações sobre o caráter e o comportamento de algumas personalidades com quem se relacionou. Igualmente, havia a suposição de que esses cadernos trariam a autobiografia de Taunay, bem como suas últimas reflexões e revelações que, de alguma maneira, poderiam alterar o registro histórico de certos eventos em que tomou parte (TAUNAY, Affonso, 2004).

Os cadernos memorialísticos foram publicados dois anos mais tarde, em 1948, sob o título de *Memórias* (TAUNAY, 1948a), organizados, revistos e complementados pelo filho Affonso d'Escragnolle Taunay. A publicação revelaria que os manuscritos guardados no IHGB continham, de maneira organizada e

concatenada, somente uma parte da biografia de Taunay, compreendida entre o ano de 1843 e o mês de dezembro de 1869. Basicamente: a infância, a formação e a participação nos últimos episódios da guerra contra o Paraguai.[54] As considerações sobre outros períodos de sua vida estão inseridas de maneira incidental e transversal à narrativa dos fatos anteriores e suas relações. Apesar de inconclusas e das grandes lacunas do período entre 1870 e 1889 – justamente o período em que Taunay esteve mais comprometido com a atuação política e literária – trazem uma avaliação criteriosa de alguns de seus contemporâneos, considerações sobre aspectos de sua obra, constatações pessoais sobre a recepção desta e as expectativas que tinha em relação aos seus leitores do futuro.

Taunay, informa o filho Affonso[55] (TAUNAY, Affonso., 2004), dedicou os últimos anos de sua atividade produtiva à preparação desses cadernos com reflexões de tom memorialístico. O trabalho começou em 1890[56], logo após o afastamento das funções públicas que exercia:

> Assim se dispôs a esta tarefa, rapidamente enchendo laudas e laudas, à medida daquilo que a invulgar memória lhe vinha evocando e a extraordinária facilidade da composição permitia redigir, com a rapidez fora do comum da agílima pena.
> A estas páginas intitulou *Trechos da minha vida*. Encetou-as em setembro de 1890. Avolumaram-se muito. Relatou longamente mil e um incidentes de infância e da adolescência, embevecido com a evocação e reconstituição de cenas caras à vivacíssima retentiva. Discorreu largamente sobre os antecedentes da família e episódios caseiros, redigiu apreciações sobre parentes, amigos, companheiros e fâmulos e dentro em breve acumulara numerosas laudas.
> Foi então que entendeu dever restringir o assunto, passando a encurtar o que escrevera, dando-lhe mais sintético feitio.
> E assim dos *Trechos de minha vida*, condensados, passou a estas *Memórias* que agora se imprimem.

---

[54] A narrativa de Taunay, em *Memórias* (TAUNAY, 1948; 2004), é interrompida com os apontamentos relativos a 12 de dezembro de 1869, quando as forças brasileiras ocuparam a cidade de Curuguati, no interior do Paraguai. Uma nota do organizador demarca a finalização: "Aqui finda o manuscrito coordenado das *Memórias do Visconde de Taunay*. As páginas que se seguem, relativas ao término da Guerra do Paraguai e regresso do A. [utor] ao Rio de Janeiro, são a reprodução de notas avulsas, destinadas a serem desenvolvidas pelo memorialista para a continuação do seu texto. (Affonso de E. Taunay, filho do escritor)" (TAUNAY, 2004, p. 506).

[55] O filho Affonso d'Escragnolle Taunay (1876 – 1958) tinha, no início do projeto de *Memórias*, 15 anos.

[56] Na primeira página de Memórias, Taunay marca o dia em que iniciou o trabalho: "Impossível fora gozar e merecer mais dedicação e amor filial do que experimentei em toda a minha existência cabendo-me a excepcional felicidade de conservar a minha estremecida e santa mãe até hoje em que começo a escrever estes apontamentos autobiográficos (6 de novembro de 1890) e meu pai até abril de 1881, tendo eu, portanto, naquela ocasião, 38 anos feitos" (TAUNAY, 2004, p. 29, grifo nosso).

> Resumindo o que fizera, preparou vários cadernos de texto, deles entendendo comunicar excertos à Imprensa. Era-lhe o intento marcar longo lapso para a entrega destes manuscritos ao público (TAUNAY, Affonso., 2004, p. 23).

Em 1892, a primeira parte já havia sido concluída, também, informa Affonso de Taunay (TAUNAY, Affonso., 2004), e os primeiros quatro primeiros tomos do manuscrito "magnificamente encadernados" (TAUNAY, Affonso., 2004) foram recolhidos à Arca do Sigilo do IHGB, de igual modo, era confirmada por essa instituição a concordância com as disposições para a guarda e conservação desses manuscritos solicitadas pelo autor. Por iniciativa de Taunay, ainda em 1892, alguns trechos são publicados em jornais[57] do Rio de Janeiro, Petrópolis e do Rio Grande do Sul, a título de antecipação, modelo e publicidade da guarda e futura publicação de suas memórias.

Após o primeiro depósito na arca do IHGB, o trabalho de escrita e acabamento do texto desenvolveu-se até dezembro de 1893. Taunay foi impedido de continuar regularmente com o projeto, suas condições de saúde[58] fizeram com que o trabalho fosse esporádico e com grandes interrupções: "em fins de 1893, sobreveio-lhe longa e gravíssima crise diabética, que quase o prostrou, obrigando-o a interromper o trabalho [...] levando a narrativa a meados de dezembro de 1869" (TAUNAY, Affonso, 2004, p. 24). No momento da interrupção, segundo os apontamentos de Taunay e do filho, muito material ficou incompleto e por rever.

A partir dessas informações é possível afirmar que os textos insertos em *Memórias* são parciais e o conjunto ficou inconcluso. As reflexões sob o crivo memorialístico estão relacionadas somente à primeira metade da vida do autor. Ao curador e gestor do espólio de Taunay, o filho Affonso, coube o trabalho de preparar os manuscritos e ultimar a publicação do texto contido nos cadernos. Nessa tarefa, Affonso Taunay excedeu aos limites que havia proposto para a curadoria e para a edição da obra paterna:

---

[57] Os Jornais foram: *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Comércio*, da cidade do Rio de Janeiro, e *Gazeta de Petrópolis* e *Tribuna de Petrópolis*, da cidade serrana (TAUNAY, 2004, p. 24).

[58] No texto de introdução à obra *Memórias*, Affonso Taunay, resume o estado de saúde do pai, "após relativo restabelecimento ...] vieram as preocupações de ordem material enxertar-se ao agravamento do estado de saúde, com a progressão do desgaste do organismo, provocado pela glicosúria, cada vez mais acentuada, e descambando para aguda nefrite. Perturbações visuais e, por último, cataratas diabéticas incipientes vieram restringir notavelmente a atividade do escritor, que, durante tantos anos, jamais desamparara a pena, um único dia que fosse" (TAUNAY, Affonso, 2004, p. 25).

> Muito pouco houve a fazer para tornar mais escorreita as páginas que agora se imprimem, escoimando-as apenas de uns tantos possessivos e outros tantos artigos indefinidos, destes que, insensível e invariavelmente, surgem na prosa portuguesa, escrita ao correr da pena.
> Além das muitas centenas de páginas, dos diversos volumes, redigidos com larga e excelente letra, deixou o Visconde de Taunay assaz extensos esparsos complementares das *Memórias* e não coordenados. Alguns inéditos e outros já divulgados pela imprensa em diversas ocasiões, quer por ele, quer em alguns volumes de sua póstuma.
> Destes esparsos vários foram agora aproveitados, como, por exemplo, um como que esquema historiando o final da Campanha da Cordilheira e o regresso do autor ao Rio de Janeiro, a 29 de abril de 1870. (TAUNAY, Affonso, 2004, p. 25, grifo nosso).

Ao contrariar o anunciado, o editor fez muito mais que escoimar apenas *possessivos* e *indefinidos* que sobravam dos trechos esparsos. O seu trabalho foi de acrescentar outros materiais do espólio aos cadernos iniciais dos manuscritos. Affonso Taunay, ao que parece, transformou o trabalho de edição em um processo para homogeneizar e dar coerência às memórias inacabadas do pai, das quais era guardião e herdeiro. Nessa tarefa, o editor censurou, corrigiu, complementou e combinou diversos textos para cumprir, a seu modo, a incumbência paterna. A Arca do Sigilo do IHGB recebeu somente um depósito de originais – os quatro cadernos de manuscritos – todas as demais peças do material memorialístico produzido por Taunay ficaram sob a guarda de seus herdeiros. Estes, entre a morte de Taunay e 1948, extraíram o máximo de títulos publicáveis, ordenando-os e nomeando-os segundo suas próprias conveniências. A longa lista de títulos publicada por Taunay durante a sua vida foi mais que duplicada com o trabalho dos seus herdeiros/editores. Em muitos casos, o mesmo conteúdo foi publicado sob títulos diferentes e outros volumes desmembrados para a produção de outros “novos” títulos.

O texto consolidado de *Memórias* (TAUNAY, 1948a) traz, além dos quatro cadernos memorialísticos de Taunay, que ficaram sob a guarda do IHGB, alguns anexos explicitamente indicados na edição, relacionados diretamente com a atuação política de Taunay e amplamente conhecidos[59], que ocupam a toda a “Quinta parte”

[59] Os textos da “Quinta parte”, publicados sob a rubrica de *Notas esparsas*, explicitamente indicados, são: a) “Ao entrar para o parlamento”; “Disputando eleições”; “A minha escolha senatorial”. Nas edições de 1948 (TAUNAY, 1948a; TAUNAY, 1948b) há uma “sexta parte”, o “Esboço biográfico do Visconde de Taunay”, de José Antônio de Azevedo Castro, que foi suprimida na edição de 2004

da obra. Além desses, há a inserção de alguns outros textos que não foram devidamente indicados nem estiveram sob o sigilo solicitado pelo memorialista. Affonso Taunay explica as juntadas: “Estes originais [os cadernos], e mais os que ainda não haviam sido copiados e alguns esparsos forneceram os elementos para a confecção da edição confiada ao Instituto de Progresso Editorial.”[60] (TAUNAY, Affonso apud TAUNAY, 1948a, p. XIV). Entretanto o editor não explicita quais são esses textos *não copiados* e *esparsos* e como se deu o seu aproveitamento em *Memórias* (TAUNAY, 1948a). Outra questão que não fica clara é qual era efetivamente o conteúdo dos cadernos mantidos sob a guarda do IHGB? Também, não diz onde esses foram inseridos em *Memórias* (TAUNAY, 1948a).

Entre os textos incorporados ao conteúdo de *Memórias* (TAUNAY, 1948a), sem referência à publicidade anterior, cita-se o ensaio “Caxias” (TAUNAY, 1908; 1924), que já havia sido publicado em *Reminiscências* (TAUNAY, 1908) e, depois, em *Homens e coisas do Império* (TAUNAY, 1924), edições igualmente sob a responsabilidade de Affonso Taunay e que reuniam material que já tivera circulação na imprensa fluminense, na década de 1890. Esse ensaio foi acrescentado ao corpo do texto de *Memórias*, no capítulo LXVII, da terceira parte, entre as páginas 394 e 399, da edição de 2004.[61] Outro acréscimo é todo o capítulo LIII, igualmente, publicado anteriormente nos mesmos volumes citados, sob o título de “O velho guia”, foi inserto nas páginas 331, 332 e 333 da mesma edição de 2004. Neste caso, o editor acrescenta a seguinte informação, em nota de rodapé: “As páginas deste capítulo LIII foram encontradas em avulso no arquivo do A. Resolvemos encartá-las no texto de *Memórias.* (Affonso de E. Taunay, filho do escritor)” (TAUNAY, 2004, p. 331). Todavia nada menciona sobre as duas publicações anteriores desse mesmo texto, organizadas sob sua responsabilidade.

Há, ainda, longa inclusão de uma variante de texto anteriormente publicado. Neste caso, a primeira versão foi intitulada “Reminiscências da Campanha da Cordilheira (1869-1870)”, parte de *Recordações de guerra e viagem* (TAUNAY,

---

(TAUNAY, 2004). A essa última acrescentou-se um “Glossário” e uma “Cronologia da vida e da obra” de Taunay.

[60] Este trecho está entre os últimos dois parágrafos da introdução de *Memórias* (TAUNAY, 1948), intitulado “À guisa de introito”, que foram suprimidos na edição de 2004, sob a responsabilidade de Sergio Medeiros (TAUNAY, 2004).

[61] Edição de 2004 (TAUNAY, 2004), sob responsabilidade de Sergio Medeiros, da editora Iluminuras, de São Paulo.

1920; 2008), coletânea publicada em 1920[62], também sob a responsabilidade de Affonso Taunay. O texto reaproveitado ocupa os capítulos LXIX, LXX e LXXI, da "Terceira parte", e, praticamente, toda a "Quarta parte", com exceção dos anexos que a finalizam. Todo o material relacionado com a participação de Taunay na frente paraguaia, no último ano da guerra, publicado em precedência, foi revisto e ampliado para as *Memórias* (TAUNAY, 1948a). Essa revisão revela-nos que o conteúdo que saiu na década de 1920, por iniciativa dos herdeiros, sob a direção de Affonso Taunay, estava censurado e eufemizado pela supressão dos trechos mais ácidos.

Um dado revelador – e que contribui para o esclarecimento da questão – é a diferença das marcas de enunciação temporal entre os dois textos. Quando Taunay comenta acontecimentos de 1865 e de 1869 relacionados aos preparativos para a expedição a Mato Grosso e à Cordilheira, respectivamente. No texto da primeira publicação, de 1920, como parte de *Recordações de guerra e viagem* (TAUNAY, 1920; 2008), encontramos Taunay comentando as maravilhas de suas maletas e os apetrechos de campanha, quando marca, duplamente, o momento de produção do escrito:

> Fui comprar as minhas duas maletas de campanha no seleiro, que me vendera, quatro anos antes, as que me haviam servido para Mato Grosso e tantos boléus suportado, até serem estripadas, no caminho de Nioac, para lá do ribeirão Urumbeva. Armava-se nelas uma caminha volante, que muitos bons serviços me <u>prestaram e ainda hoje (1895), vinte seis anos depois</u>, estão em estado perfeitamente aproveitável. (TAUNAY, 2008, p. 27, grifo nosso).

Em *Memórias* (TAUNAY, 1948a), em um trecho muito semelhante ao anterior, aparece uma diferença de datas, a dupla marcação é alterada retrospectivamente e uma alteração na concordância é introduzida, revelando um fenômeno de hipercorreção por parte do editor-revisor:

> Fui comprar as minhas duas maletas de campanha no seleiro, que me vendera, quatro anos antes, as que me haviam servido para Mato Grosso e tantos boléus suportado, até serem estripadas, no caminho de Nioac, para lá do ribeirão Urumbeva. Armava-se nelas uma caminha volante, que muitos bons serviços me <u>prestou e ainda hoje,</u>

[62] Edição de 1920 (TAUNAY, 1920), sob a responsabilidade de Affonso d'Escragnolle Taunay, da editora Melhoramentos, também de São Paulo.

> 24 anos depois, estão em estado perfeitamente aproveitável. (TAUNAY, 2004, p. 417, grifo nosso).

A marca de hipercorreção, eliminação do plural do verbo *prestar*, causa mais estragos na concordância do que expresso do texto inicial e marca a intrusão de "outro" no texto para uma alteração despropositada, desnecessária. Mas qual seria o motivo da marcação retrospectiva? Por que um texto de 1895 é transformado em um de 1892/1893? Uma das possibilidades seria a necessidade editorial de atribuir a este texto o *status* de também ser integrante dos manuscritos guardados sob a tutela do IHGB e, por isso, um componente autêntico de *Memórias* (1948a). As principais diferenças entre os dois textos – *Recordações de guerra e viagem* (TAUNAY, 1920; 2008) e *Memórias* (TAUNAY, 1948a), afora as marcas temporais, estão na profundidade em que os assuntos são explorados e nos juízos sobre as personalidades da campanha emitidos por Taunay. Nessa vertente, a versão do texto publicado em *Memórias* (TAUNAY, 1948a) é superior em intensidade, extensão e profundidade.

A contradição explicitada com o cotejamento é que o texto menor está com datação posterior (1895) ao texto maior (1892/1893). O editor conhecia as duas versões anteriores do texto, mas não indica nem orienta a respeito desse detalhe. Os esclarecimentos de Affonso Taunay que "esparsos vários foram agora aproveitados" (TAUNAY, Affonso, 2004, p. 25) é exemplificado com "um como que um esquema", que se refere ao "Anexo" inserto ao final da Quarta Parte, entre as páginas 507 e 519, mas nada é explicitado sobre a longa inserção. Somente uma anotação, como já mencionado, no rodapé da página 506, informa que ali terminava o texto concatenado de *Memórias* e, a partir dali, incluíam-se os anexos e os esparsos. Entretanto a reprodução do texto citado já ocupava uma centena de páginas de *Memórias*, desde a página 395, na edição de 2004.

O certo é que esse material não estava sob a guarda do IHGB. Também, sabemos que uma versão desse texto foi publicada, em 1920, com alterações em alguns adjetivos e com ausência de trechos intercalados. A primeira apresentação deste texto é uma versão eufemizada das reminiscências de Taunay sobre os meses finais da guerra. A outra versão, que sai em 1948, trata dos mesmos eventos, na mesma ordem de apresentação, mas com um posicionamento mais crítico relativamente à guerra e aos sujeitos nela envolvidos.

As reflexões de Taunay sobre os acontecimentos relacionados à campanha de Mato Grosso, presentes na maior parte do texto de *Memórias*¸ igualmente, tiveram uma versão anterior publicada na década de 1920, sob a responsabilidade do mesmo Affonso Taunay, trata-se do volume *Dias de guerra e de sertão* (TAUNAY, 1927), que estruturalmente coincide com o texto do volume de memórias, entre as páginas 128 e 342. Neste, o assunto é completado e ampliado, mas os juízos e opiniões críticas não são suprimidos, levando-nos a supor que esta seria uma versão de trabalho de Taunay que, possivelmente, resultou na que foi depositada e mantida sob a guarda do IHGB.

O aproveitamento de outros materiais foi somente uma das estratégias de edição utilizadas por Affonso Taunay. “O filho também agiu sobre a memória do pai ao classificar, revisar, organizar, selecionar, censurar e mesmo publicar os seus registros” resume Maria Lídia Lichtscheidl Maretti (2006). Esse processamento editorial ocorreu em todo o acervo literário de Taunay: volumes foram desmembrados, outros reunidos ou publicados com títulos diferentes em um exercício para mitigar as contradições que os textos pudessem apresentar.

Os sinais explícitos desta edição ativa e seletiva estão disponíveis ao longo da edição de *Memórias* (TAUNAY, 1948a). Aparecem nas notas ao texto e vão assinadas por “Affonso de E. Taunay, filho do escritor”, em declaração de autoridade como justificativa para o exercício da tarefa. Vejamos algumas dessas intervenções.

Primeiro, a edição como complementação. O editor complementa e amplia as reflexões do memorialista que julga insuficientes sobre um ponto específico ou a necessidade de demarcá-los por imposições de seu tempo e de suas relações. Assim, o editor assume um papel ativo ao incorporar “memórias” que não são, de fato, do autor. Um desses casos ocorre quando Taunay comenta a ajuda que recebeu de Heráclito de Alencastro Pereira da Graça para a revisão linguística para a segunda edição de *Inocência*.

> Para a segunda edição, talvez a mais bela prova tipográfica que deu a Casa Leuzinger, não pouco me serviu o conhecimento da boa língua portuguesa de um homem que não fez figura correspondente aos méritos reais, o Dr. Heráclito de Alencastro Pereira da Graça, antigo presidente do Ceará e deputado pelo Maranhão. (TAUNAY, 2004, p. 227).

O editor, não satisfeito com o breve esboço do colaborador, acrescenta um comentário, em nota de rodapé, que diz muito mais sobre o contemporâneo paterno que o próprio texto do memorialista:

> 10) Notável conhecedor do vernáculo, verdadeiro filólogo, deixou-nos *Fatos da linguagem*, cabal documento da valia do saber. Nasceu em Icó (Ceará) em 1836, e faleceu no Rio de Janeiro em 1914. Eleito em 1906 titular da trigésima cadeira da Academia Brasileira. (Affonso de E. Taunay, filho do escritor) (TAUNAY, 2004, p. 227).

Essas não são memórias do pai, mas impressões do filho incorporadas às reminiscências do pai por via indireta. A complementação da citação a Heráclito Graça que Affonso Taunay realiza aqui, também, acontece com outro personagem de *Memórias* (TAUNAY, 1948a). Carlos Taunay, tio do memorialista, é apresentado em diversos aspectos de sua vida. Taunay encerra por afirmar que: “Nada mais posso dizer sobre a sua carreira como militar” (TAUNAY, 2004, p. 390). Novamente insatisfeito com o desfecho do assunto, o editor acrescenta em nota de rodapé:

> 46) continuando a servir nas operações de Guerra da Independência, foi Carlos Taunay enviado ao Piauí, onde teve o ensejo de combater com as forças de Fidié. Mais tarde viu-se incumbido de levar portugueses, prisioneiros de guerra, e exilados políticos brasileiros de São Luís a Lisboa. (Affonso de E. Taunay, filho do escritor) (TAUNAY, 2004, p. 390).

Uma vez mais o editor preenche juízos que eram próprios para emissão do memorialista. Quando o “nada mais posso dizer” deixa de ser suficiente, o editor complementa e oferece mais informações. Porém uma questão coloca-se: se tais informações não foram mencionadas pelo autor, seria apropriado completar o texto e pormenorizar assuntos, pessoas e eventos sobre os quais se omitiu ou se guardou a divulgação? O editor parece não se preocupar com os limites impostos, pelo autor, ao seu texto e insere os conceitos que considera necessários para o leitor de *Memórias* (1948a).

Há, de igual forma, casos de correção direta. Em que o memorialista apresenta sua versão de um evento e o editor o corrige sumariamente em nota de pé de página. É o que acontece quando Taunay relata sua volta à corte, em 1867, e a escolha das condecorações que receberia. Escolhe o Oficialato da Rosa e explica os seus motivos:

> Acariciava-me mais a vaidade a venera larga, toda faceira, com os bonitos emblemas e a célebre divisa *Amor e Fidelidade.*
> Como se sabe, esta ordem foi criada por D. Pedro I, num dos seus muitos ímpetos eróticos. Ao avistar a Imperatriz Amélia, que desembarcara com um lindo vestido de gaze branco, salpicado de rosas meio abertas, veio-lhe incontinenti ao espírito exagerado e cavalheiroso a ideia de construir mais essa ordem, batizando-a com as qualidades, ou uma das qualidades, de que era menos capaz: *Fidelidade*.
> Parece que a filha do Príncipe Eugenio de Beauharnais era positivamente linda, admirável na tez e alvura dos dentes; também o Imperador apaixonou-se ardentemente por ela, mal a encarou, mostrando-se nas cerimônias do casamento sôfrego por possuí-la.
> A tal ponto se achava embelezado que respondeu mal à sua querida Dometildes de todos os tempos, a Marquesa de Santos. “Onde me devo colocar na Capela Imperial?”, perguntara ela. “Coloque-se onde bem quiser”, respondeu-lhe arrebatado, “contanto que não me aborreça”. (TAUNAY, 2004, p. 383, grifo do autor).

O filho, por sua vez, invoca sua qualidade de historiador para invalidar a memória paterna, não concorda com a versão contada pelo pai e utiliza-se de outra nota de pé de página para corrigir e polemizar com o texto memorialístico. Há, também, censura direta quando menospreza as fontes que o pai utilizou para forjar suas reminiscências.

> 44) Esta informação do A [utor]. é inexata e provém de falsa tradição oral. Estava a Marquesa de Santos desde algum tempo em São Paulo e, como se sabe, não se chamava Dometildes e sim Domitila. Afastara-se do Rio de Janeiro desde que o Marquês de Barbacena partira para a Europa a fim de negociar o segundo casamento do Imperador. Vindo para São Paulo, sua cidade natal, jamais se avistara novamente com o imperial amante (Cf. Alberto Rangel. *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos*). (Affonso de E. Taunay, filho do escritor) (TAUNAY, 2004, p. 383).

A correção apresentada ao texto não altera a anedota contada pelo memorialista, somente atribui outra localização para a amante de Pedro I e corrige o seu nome, com base em um testemunho documental que aparenta ter tanto valor quanto o de Taunay. Contudo a nota do editor desautoriza explicitamente o pai. Se algumas das memórias de Taunay são baseadas em premissas falsas, de tradição oral, o que nos garante que todo o restante também não o seja.

Regularizar, completar e eufemizar foi o procedimento editorial adotado em *Memórias* (TAUNAY, 1948a) e o que preponderou na gestão do espólio literário de

Taunay. A publicação e a ordenação dessa obra, na primeira metade do século XX, conclusa com a publicação dos textos mantidos em sigilo, em 1948, constituíram-se em tarefas imprescindíveis para a manutenção da sua circulação e foram desempenhadas com disciplina e dedicação por Affonso Taunay. Tal dedicação, contudo, produziu alguns problemas. Maria Lídia Lichtscheidl Maretti (2006) comenta que a não compreensão dos limites entre ressuscitar e mutilar textos foi um desses:

> A boa intenção de quem se intitula o *ressuscitador* dos textos, ao encarar as marcas das polêmicas suscitadas como algo a ser ocultado do leitor do livro, é responsável por um processo de *higienização* que procura retirar dos textos as impurezas de seu perfil contextual, os traços de seu contexto de ocorrência. O ressuscitador, neste sentido, se transforma em mutilador. (MARETTI, 2006, p. 170-171, grifo da autora).

Esses procedimentos colocam sob outra perspectiva as obras organizadas por Affonso Taunay, principalmente, aquelas póstumas, que, em sua ampla maioria, são coletâneas de textos esparsos. A constante publicação de títulos póstumos ampliou artificialmente a obra de Taunay, atribuindo-lhe autoria de material que não foi concebido por ele.

> A maior incidência se dá entre os volumes póstumos organizados por Affonso a partir do arquivo do pai e publicados antes de 1943 e o texto das *Memórias*, que também contou com o trabalho de organização do filho, com inclusão de capítulos, anexos e notas (MARETTI, 2006, p. 168).

O caso de *Memórias*, em que não está claramente determinado, pelo organizador, quais são os textos originais e qual é a sua participação efetiva na edição da versão final, leva-nos a considerar que prevaleceu a mesma estratégia dos volumes anteriores. Emendar, reunir e desmembrar para regularizar e ter uma versão sólida de um texto que, há muito, estava prometido. Portanto, se quisermos saber, efetivamente, qual é o conteúdo dos apontamentos memorialísticas de Taunay, teremos de retornar aos originais, confrontá-los com as publicações sob a responsabilidade do filho e indicar o que foi publicado anteriormente e, desse, o que foi reaproveitado em *Memórias*. Somente assim saberemos qual era o conteúdo dos textos memorialísticos de Taunay.

4.2 LEGITIMIDADE LITERÁRIA E A REIVINDICAÇÃO AO LEITOR DO FUTURO

A questão da legitimidade literária sempre esteve presente para Taunay. Uma grande dúvida era saber se ele obteria o reconhecimento como legítimo produtor literário nacional, se seria considerado um brasileiro que produzia ficção brasileira ou seria tratado como um estrangeiro que desejava produzir literatura no Brasil. Taunay parece acreditar, inicialmente, que o seu sobrenome e a ascendência estrangeira significavam problemas para as posições que acalentava. Inclusive, confessa que, quando jovem, sugeriu ao pai o abrasileiramento do nome de família. Toné foi a forma sugerida e prontamente recusada pelo pai Félix Emilio Taunay (TAUNAY, 1948). A sugestão deu-se em um momento no qual os parâmetros de nacionalidade funcionavam como condições essenciais para classificação de obras e autores. E, em tal contexto, os nomes “estrangeiros”, o “estrangeirismo” ou “francesismo” eram considerados acusações graves e poderiam, sumariamente, excluir obras e autores da devida consideração.

O dia em que colou grau de bacharel em belas-letras, feliz e contente com a precocidade da conquista, “Bacharel em belas-letras aos 15 anos! Creio que os anais do Colégio de Pedro II não encerram muitos destes casos” (TAUNAY, 2004, p. 86), foi “data importantíssima na minha vida de adolescente. Difícil me é, até em toda a carreira, encontrar outra mais cheia de intensa alegria e legítimo orgulho” (TAUNAY, 2004, p. 86). Nesse dia, Taunay recebeu homenagens do imperador, dos professores e mudou o seu nome, suprimiu o “Maria” e o “Adriano” e propôs ao pai ir além e abrasileirar os dois nomes de família: o Escragnolle e o Taunay:

> Naquele dia, 24 de dezembro de 1858, foi que usei pela primeira vez e oficialmente o nome de Alfredo d’Escragnolle Taunay, suprimindo os dois apelidos complementares de Maria e Adriano, que davam sempre motivo a reparos.
> Para tanto pedi licença a meu pai, procurando também convencê-lo da conveniência de aportuguesarmos os nomes franceses escrevendo *Escranhóle* (com um *h* em vez do *gn* e um *l* só) e Toné (T... o, to; n... é, né).
> Aleguei a adaptação idêntica que se dera com os nomes Sodré e Luné, derivados de Saudray e Launay, este então absolutamente como o meu, apenas com a diferença da letra inicial.
> – Mas estás louco – respondia-me –, absolutamente louco! Ousar estragar um belo nome!
> Propus-lhe então escrever o nome com um *n* só ou dois *nn*, Tonay ou Tonnay, para evitar dificuldade dos dois ditongos *au* e *ay* que não têm correspondentes em português.

> Tanto mais aceitável era a transação, quanto primitivamente o nome da família se escrevia daquele modo, e disto temos prova nas duas cidades do Saintonge: Tonnay-Charente e Tonnay- Boutonne.
> – Não, não de todo – replicou-me ele –, trata de impor o teu nome ao país tal qual é!
> Ignoro se cheguei ao objetivo que me foi apontado; o que afirmo é que se tornou bem longa, penosa e difícil a iniciação do jornalismo e do público às agruras do meu nome, áspero às primeiras audições, mas depois agradável aos ouvidos que a ele se tenham habituado.
> Quando, em 1871, o Visconde do Rio Branco quis que fosse eleito deputado pela província de Goiás, naquele tempo simples burgo pobre – como aliás são todos os Estados, hoje, pretendidos autônomos –, dizia o Joaquim Serra com muita graça, na *Reforma*, o espirituosos jornal da oposição liberal: "Estão os povos de Goiás muito satisfeitos com o candidato que lhes indica o Governo; pedem tão-somente que o nome seja traduzido em português para o poderem escrever nas cédulas eleitorais". (TAUNAY, 2004, p. 92-93, grifo do autor)

O nome era e é a marca de identificação mais visível do estrangeiro. Taunay argumenta, então, quanto ao desejo de um novo nome como procedimento de incorporação definitiva na identidade brasileira que construía, mas que o pai não poderia permitir, talvez, por ainda não estar plenamente convencido dessa mudança na mentalidade familiar sobre nacionalidade e origens. Entretanto o filho já não tinha dúvidas de sua brasilidade. Taunay, para tanto, utilizou-se de artifícios para apresentar-se com um nome mais brasileiro e distanciar o nome do militar e político daquele do círculo das amenidades de cunho literário. Assim, suas primeiras obras de ficção foram assinadas como Sylvio Dinarte, conforme já mencionado.

Outros eventos também nos servem como indicações para a compreensão do tratamento recebido pelos Taunay por sua condição de estrangeiros. Destacamos os relacionados à aposentadoria do pai e os questionamentos então provocados:

> [...] dera-se em consequência da luta encabeçada, nos jornais, pelo Porto Alegre, que clamava contra o fato de ser ele estrangeiro não-naturalizado. Apesar das verdadeiras instâncias do Imperador não quis ele dar o braço a torcer, declarando que só deixaria de ser francês quando o Brasil decretasse a lei da *grande naturalização*.
> "Pois eu lá vou pedir folha corrida ao inspetor do meu quarteirão para instruir o meu humilde requerimento?" E continuava com indignação: "Demais, para quê? Para não poder alcançar o que qualquer estúpido, nascido por acaso aqui, pode ser? Não! Ao estrangeiro os brasileiros têm verdadeira aversão. E por muito tempo assim há de ser! [...]". (TAUNAY, 2004, p. 33).

Na fortuna crítica de Taunay, está registrado, com destaque, a menção à sua condição de *estrangeiro*, *europeu* e/ou *afrancesado*. Porém mesmo a obra publicada originalmente em língua francesa, *La retraite de Laguna* (TAUNAY, 1871), não deixa de ser brasileira em todos os seus detalhes. As discussões sobre o caráter (inter)nacional da literatura produzida por Taunay ainda são pontos que mobilizam os estudiosos e pesquisadores. Sylvio Romero (1888; 1905; 1906) e José Veríssimo (1998) foram alguns dos que insistiram nessa dicotomia (estrangeiro x brasileiro) e não o aceitaram como brasileiro legítimo e nato, como era. Em trabalho recente, Naíra Almeida do Nascimento (2002) registra essa percepção: "Aos inúmeros historiadores da literatura que tivemos a oportunidade de pesquisar não se deixa escapar as referências ao *francesismo* ou ao *europeísmo* que modelam o autor de *Inocência*" (NASCIMENTO, 2002, p. 102). O suposto francesismo ou europeísmo não é maior nem menor em Taunay do que entre muitos de seus contemporâneos. Todos que participavam do sistema literário brasileiro daquele momento e seguintes lidavam com motivos, temas e gêneros que provinham não de outro lugar se não da França e da Europa. As heroínas e os heróis dos romances e folhetins de grande circulação perseguiam os modelos de sucesso por lá ou eram traduções diretas de romances franceses. A língua, apesar dos esforços de todos, continuava a ser de ascendência europeia e o seu abrasileiramento continuava como uma opção política de cada produtor.

A questão do *francesismo* ou *europeísmo* de Taunay está inserida em um processo maior, de todo o sistema cultural e político brasileiro. Lúcia Miguel Pereira (1988) identifica uma "reeuropeização" do Brasil ao fim da influência da dominação política portuguesa:

> Essa "reeuropização" só fez acentuar-se durante o Segundo Reinado, D. Pedro II representando, a despeito de seu amor pelo Brasil – ou precisamente por causa dele, pelo desejo de elevar a sua terra – "uma propaganda viva das modas recentes da Europa num país que se distanciara das coisas europeias pela segregação de três séculos"[63]
>
> Não parece temerário supor que alteração dos costumes – atuando fortemente sobre a mentalidade, tanto é verdade que o hábito faz muitas vezes o monge – fosse a causa principal do bovarismo, um dos traços predominantes do Segundo Reinado. Vestindo, comendo, morando e pensando à europeia, não tardaram os brasileiros a se

[63] "Gilberto Freyre. *Sobrados e Mucambos*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1936, p. 259, 259, 260" (PEREIRA, 1988, p. 21).

> iludir sobre si mesmos, a se acreditar em tudo e por tudo um povo mediterrâneo, transplantado para a América. Um povo velho habitando pátria nova. Esse estado de espíriito talvez explique em parte a rápida assimilação pelo romantismo, que é, em última análise, o predomínio de valores subjetivos. O próprio indianismo, que parece à primeira vista um movimento antieuropeu, entra no quadro do bovarismo, pois representa uma tentativa de recriação, ou até de criação de um passado (PEREIRA, 1988, p. 21).

Hábitos, produtos e procedimentos europeus foram adaptados às necessidades dos artistas e criadores brasileiros; e o critério para a definição do nacional era mais político do que propriamente objetivo. Nessa seara *europeizante* e por seus vínculos, Taunay faz questão de, em *Memórias* (TAUNAY, 1948), reafirmar, mais de uma vez, sua nacionalidade e também a de sua obra. Além de reivindicar e expressar claramente os desejos de reconhecimento e glória, reafirma sua condição de brasileiro[64]. Taunay sabia que essas questões estavam combinadas e tinha receio de que o tratamento que recebia dos contemporâneos estivesse determinado simplesmente por sua posição de prestígio e influência junto à família imperial.

Vejamos algumas das reflexões de Taunay sobre essas questões presentes em *Memórias* (TAUNAY, 1948). Aqui, o memorialista recorda sua trajetória e conta a profecia de um amigo, ainda nos tempos da campanha em Mato Grosso. Taunay lembra o breve diálogo que teve com o então Tenente-Coronel Juvêncio:

> “Você”, disse-me, “tem jeito para a coisa, quem sabe se não chegará a ser literato bem distinto e de que se honre o Brasil?"
> Realizou-se porventura a benévola profecia? Nada me compete responder; mas tenho a consciência de que trabalhei sempre com o maior esforço e todo o desinteresse, movido só pelo estímulo do renome e da glória.
> Se mais não fiz, foi por que não pude, tendo a intuição de que, na verdade, alguma coisa me faltou, apesar de todo o meu empenho, para me tornar saliente e para sempre notável. Fiquei um passo aquém do limite em que um autor se impõe aos contemporâneos e os força à admiração e ao respeito.
> Verdade é que, vivendo num país apático e indiferente, como o Brasil, em todos os assuntos, máxime em literatura, faltaram-me o atrito, a crítica justa ou apaixonada, o interesse dos leitores e as lutas veementes, além do ganho material, que não pouco exprime e estimula, por muito que queira negar mais esta causa de incitamento. (TAUNAY, 2004, p. 234)

[64] Como prova e garantia de sua nacionalidade, Taunay reproduz, na primeira nota de rodapé de *Memórias*, o inteiro teor de seu documento de batismo. Vide em Taunay (2004, p. 29).

O discurso resignado demonstra a situação em que se encontrava Taunay depois da ascensão republicana, que era o momento de produção de *Memórias*. Por isso, evita responder diretamente à questão, mas sugere que a posição alcançada está muito aquém da acalentada pela profecia do amigo de campanha. O filho, Affonso Taunay, resume a situação do pai: “Com a queda das instituições monárquicas e a perda da extraordinária e privilegiada situação política e social, que era a dos Senadores do Império, sentiu-se o Visconde de Taunay sobremodo acabrunhado (TAUNAY, Affonso, 2004, p. 21). Isolado politicamente e sem os salões da monarquia, a composição de suas memórias tornou-se uma opção de ordenamento interior e justificativa perante os leitores do futuro.

Nesse sentido, *Memórias* (TAUNAY, 1948a) é um texto de interpelação a esse leitor do futuro. Taunay coloca-o em posição de julgador e reivindica-lhe uma tomada de posição com relação à sua principal questão. O leitor de *Memórias* (TAUNAY, 1948a) é convidado a resolver as discrepâncias entre as posições que Taunay almejava para suas obras no cânone literário brasileiro e as posições que os críticos e historiadores do seu tempo indicavam que elas deveriam ocupar. A diferença entre a posição reivindicada e a oferecida está inserida em juízos emitidos tanto por Sylvio Romero (1888; 1905; 1906) quanto por José Veríssimo (1998), duas das principais referências da crítica e da historiografia literária daquele período e contemporâneos do memorialista. Também, são retomadas, ao longo do texto de *Memórias* (TAUNAY, 1948a), como um *leitmotiv* destacado do conjunto pelas constantes interrogações hipotéticas de Taunay: *o que representam minhas obras? Qual o valor delas? Quais os valores elas terão no futuro?* Com esse intuito, o projeto de produção e todos os artifícios planejados para a publicação de suas reminiscências, concebidos entre 1890 e 1893, seriam uma reação de Taunay às críticas de seu tempo e a possibilidade de abertura de interlocução com os leitores do futuro para auferir outros juízos críticos, que, livres do ranço da convivência, das crispações e das paixões políticas daquela quadra, 50 anos avante, pudessem reavaliar e reposicionar suas obras. Quiçá com um pouco mais de generosidade.

Essa é a principal reivindicação e a constante de seu empreendimento autobiográfico. Taunay demonstra acreditar que condições históricas diferentes daquelas da última década do século XIX, em que se encontrava sitiado politicamente, destituído de seus cargos, títulos e sem o fausto econômico já tido, pudessem redimir e reabilitar sua posição. Ainda, Taunay demonstra saber que

aquela difícil situação política e econômica poderia converter-se em esquecimento literário. É deste risco que se esforça para afastar suas obras e sua atuação.

De acordo com os conselhos do amigo Juvêncio, Taunay acalentou, desde os primeiros anos de sua formação e atuação, o reconhecimento como um dos "grandes homens" das letras brasileiras. As suas iniciativas sempre foram nesta direção. Assim, insatisfeito com as avaliações críticas, no balanço que faz de sua atuação em *Memórias* (TAUNAY, 2014), conclui resignado:

> Decerto, na minha existência não fui um *rat*é, isto é, quem se supondo muito e crendo-se destinado a grande porvir, ficou em caminho e nada pôde conseguir. Mas também nunca afirmei, na carreira das armas, do professorado, das letras, da política, por atos incontestáveis e brilhantes provas, a culminância a que por vezes acreditei poder aspirar.
> Faço [...] grande cabedal da *Retirada da Laguna* e de *Inocência*, mas chegarão esses dois livros a posteridade? Serão lidos, emergirão do enorme acervo de obras, romances, tratados condenados a eterna escuridade? (TAUNAY, 2004, p. 218).

Qual seria a extensão dessa "culminância"? Possivelmente, não saberíamos dimensioná-la, mas o registro de Taunay nos garante que essa não aconteceu nos moldes e nas proporções que ele imaginou. Apesar da realização de uma parte de suas ambições iniciais e do destaque alcançado, ao final de sua vida, Taunay não dissimula sua decepção e infelicidade com o tratamento dispensado à sua produção literária e à valoração de sua extensa carreira política. Ele conhece e tem a dimensão de seus atos e suas realizações, os apequena por falsa modéstia ou receio de inconveniência, mas esperava mais dos homens de seu tempo. Principalmente, dos que atuavam no campo das letras:

> Aqui se abra margem bastante larga para que agora me ocupe com dois assuntos que me tocam de perto.
> Primeiro, o pouco apreço que tenho merecido dos meus contemporâneos literariamente falando; segundo, a desconsideração da carreira militar na época em que eu a ela pertencia. [...]
> Sempre porém me doeu a espécie de condescendência com que os homens de letras brasileiros me colocam entre os literatos de meu país. A tendência é dar-me, quando muito, a feição de amador, e certamente não é este o lugar que ocupar o autor da *Retirada da Laguna* e de *Inocência*, a querer-se nulificar todos os mais livros que tenho escrito.
> Permita a justiça da posteridade que eu consiga a posição de que me acho digno e para a qual trabalhei com todo o esforço, vencendo, não raras vezes, desalentos violentos. (TAUNAY, 2004, p. 223-224).

As reivindicações de Taunay são claras. Considera-se injustiçado pela crítica de seus contemporâneos, que, emulada por essa “condescendência”, reconhece parte de sua obra, mas não lhe confere o posto almejado entre os grandes da literatura nacional nem a existência dos outros livros que escreveu. Comentando a inclusão das forças de Mato Grosso aos anais da história, relembra-se de um episódio em que conversou com o imperador sobre suas obras e o que esperava no futuro:

> [...] a respeito daquelas forças de Mato Grosso que tanto e tão inutilmente sofreram e de cujas aventuras dramáticas e até trágicas não restaria hoje o mais leve sinal, a mais apagada lembrança, se eu as não tivesse – talvez para sempre! – livrado do esquecimento.
> Talvez para sempre, pode parecer imodéstia de minha parte; mas não sei, nutro a ambição que hão de chegar à posteridade duas obras minhas: *A retirada da Laguna* e *Inocência* [...] quem me dera a segurança de Horácio, a convicção do grande cinzelador de versos imperecíveis – *Non omnis moriar!*
> A este respeito, tomei um dia a liberdade de dizer ao Imperador [...] mostrando-lhe aqueles dois livros bem encadernados, que ia oferecer ao Comandante Constantino Bannen: “Eis as duas asas que te levarão à imortalidade”. Sorriu-me Sua Majestade e observou: “Uma é mais comprida que a outra”. “Assim não chegarei”, repliquei, “porque com essa diferença o vôo é impossível. Antes asas curtas e iguais”. (TAUNAY, 2004, p. 135).

Taunay compara suas duas obras mais conhecidas, comentadas e editadas e conclui que são muito diferentes: um romance sertanejo inspirado nos clássicos românticos do amor impossível e uma louvação patriótica de uma retirada militar. Não combinavam, mas o voo rumo à glória literária aconteceu mesmo assim. Mais que a dessemelhança, preponderou a originalidade e a força de representação das narrativas que circularam nas duas obras.

Outra indicação para estimar as reivindicações de Taunay é a comparação com o romance *Paulo e Virginia*, de Bernadin de Saint-Pierre: “Quanto ambiciono para *Inocência* o destino de *Paulo e Virginia*! É a minha aspiração póstuma” (TAUNAY, 2004, p. 218). Não era pouco, pois Paulo e Virginia são personagens símbolos do amor romântico irrealizado, interrompido pela tragédia, inspirador de outras muitas histórias, como a de *Inocência*:

> Ah! *Inocência* [...] No meu pensar bem leal, talvez ingênuo por isso mesmo, e de bastante imodéstia, este romance é a base da verdadeira 'literatura brasileira'. O estilo suficientemente cuidado e boa feição vernácula preenche bem o fim, revestindo do prestígio da frase descrições perfeitamente verdadeiras em que procurei reproduzir com exatidão, impressões recolhidas em pleno sertão. É livro honesto e sincero, e estou que as gerações futuras não hão de tê-lo em conta de somemos. (TAUNAY, 2004, p. 227, grifo nosso).

Taunay dirige-se ao futuro. Ambiciona que sua obra seja considerada "a base da literatura brasileira". A afirmação, de 1893, é uma das mais ousadas, mas serve para dimensionar o nível das ambições de Taunay. Ele sabe que esta classificação somente poderá ocorrer no futuro, pois percebe que no seu tempo todas as suas possibilidades já estão esgotadas. Assim, conclui que meio século adiante será tempo suficiente para que sua obra possa ter uma nova oportunidade, uma nova consideração, e coloca seus desejos de glória ao julgamento das gerações futuras.

Desde o século XXI, passados quase 150 anos do início de sua publicação, podemos afirmar que parte das reivindicações de reconhecimento e legitimidade de Taunay alcançou sucesso. Só não foram plenamente satisfeitas em razão de que essa obra não pode ser tratada como única. Tanto autores contemporâneos quanto anteriores e posteriores a Taunay compartem com ele essa posição. Há outras obras, também, muito importantes, que, ao lado das de Taunay, contribuem para a consolidação da atividade literária no Brasil. A partir dessa perspectiva, a obra de Taunay não pode ser "a base", mas certamente será um elemento importante em qualquer descrição do que venha a ser "a base da verdadeira 'literatura brasileira'" (TAUNAY, 2004, p. 227).

4.3 GUERRA, LITERATURA, AMORES OCULTOS: O CONTEÚDO DE *MEMÓRIAS*

Em *Memórias* (TAUNAY, 1948a), além de justificar a si e sua obra, Taunay fala-nos dos lugares que conheceu, dos homens e das mulheres com quem estabeleceu relações e dos eventos em que tomou parte. Foi com a disposição de oferecer um testemunho fiel de sua vida pública e dos aspectos que considerava relevantes de sua privacidade que Taunay preparou, durante os seus últimos anos de atividade produtiva, um conjunto de textos e uma estratégia para a sua publicação. Nem todas as recomendações de Taunay foram cumpridas. O excesso de títulos do autor com material memorialístico muito semelhante ao de *Memórias*

(TAUNAY, 1948a), que circulou durante as primeiras décadas do século XX, ofuscou o impacto dos escritos mantidos sob a guarda do IHGB. Entretanto o conteúdo profundo destas reflexões sobreviveu, mesmo com as iniciativas infelizes dos herdeiros-editores, e permanece como discurso significativo para a compreensão de um amplo período histórico, parte de suas contradições, bem como detalhes de sua produção cultural e literária.

Apesar de que boa parte do seu conteúdo já tivesse sido divulgado nas diversas publicações póstumas organizadas por Affonso d'Escragnolle Taunay, o volume *Memórias* (TAUNAY, 1948a) registra as opiniões de Taunay sobre questões importantes de sua vida, sua obra e seus contemporâneos. Algum material haveria de ser guardado até 1943, pois pesava a promessa e o compromisso público de publicação dos escritos memorialísticos de Taunay depois daquela data. O material recolhido ao IHGB foi complementado e organizado para corresponder às expectativas construídas tanto por Taunay quanto por seus herdeiros.

Maria Lídia Lichtscheidl Maretti (2006), em sua análise sobre *Recordações de guerra e de viagem* (TAUNAY, 1920, 2008), indica as supressões e censuras realizadas pelo editor em comparação ao conteúdo de *Memórias* (TAUNAY, 1948a). Em sua reflexão, Maria Lídia Lichtscheidl Maretti propõe uma tarefa para o leitor dessas duas obras póstumas de Taunay.

> Sobre as *Recordações de Guerra e de Viagem* (1920) o que há a observar a respeito do estabelecimento dos textos nelas contidos diz respeito à declaração do prefaciador de que uma das duas partes do livro "são as primeiras notas tomadas para as suas *Memórias* e nestas largamente desenvolvidas" (Affonso Taunay, 1920, p. 3), o que anuncia ao leitor das *Memórias* a possibilidade de cotejar trechos delas com aquele livro, a fim de perceber o que havia sido negado do leitor de Taunay anterior a 1943 e de tentar apurar as razões do sigilo tão longamente mantido. (MARETTI, 2006, p. 171).

Cumprido o cotejamento proposto por Maretti (2006), verifica-se que as supressões e os apagamentos realizados por Affonso Taunay estão relacionados com opinião de seu pai sobre pessoas do campo político e a avaliação dos eventos em que participou. Neste caso específico, atinentes a *Recordações de guerra e de viagem* (TAUNAY, 1920, 2008), versam sobre a guerra contra o Paraguai e seus principais agentes. O sigilo solicitado por Taunay sobre parte dos escritos justificava-se pelo conteúdo expresso sobre pessoas ainda vivas e de relacionamento

familiar[65]. O pacto de sinceridade proposto por Taunay implicava em dirigir-se diretamente ao seu interlocutor do futuro, eliminando a possibilidade de silenciar-se por receio de represálias à sua memória e aos seus herdeiros. O exercício desenvolvido, aparentemente, foi ser franco e honesto para em contrapartida receber, de igual modo, um tratamento franco e honesto de seus leitores do futuro.

O filho-editor, ao publicar os esparsos de Taunay, suprime as reminiscências que avaliava como possíveis fontes de discrepância entre os citados. A censura recai diretamente sobre os juízos proferidos sobre personalidades e eventos controversos. Os exemplos das interferências editoriais são diversos e variados, indiquemos alguns:

Há, por exemplo, uma alteração significativa sobre a avaliação da situação da guerra. Quando Taunay comenta o comportamento das forças brasileiras, após o retorno de Caxias ao Rio de Janeiro, no princípio de 1869. O texto adiantado por Affonso Taunay, em *Recordações de guerra e de viagem* (TAUNAY, 1920, 2008), relata: “em Assunção e outros pontos ocupados pelas forças brasileiras, ao longo do rio, a desorganização era grande” (TAUNAY, 2008, p. 24, grifo nosso). Em *Memórias* (TAUNAY, 1948a), o mesmo trecho surge com outra qualificação: “em Assunção e outros pontos ocupados pelas forças brasileiras, ao longo do rio, a desorganização era quase completa” (TAUNAY, 2004, p. 405, grifo nosso). A desorganização de “quase completa” é alterada para “grande”, muda pouco, mas atenua o julgamento e o posicionamento de Taunay no tocante à situação da guerra quando retorna ao *front*.

Outro caso semelhante, sobre as mesmas tropas, aparece em um trecho mais adiante. Refere o texto antecipado por Affonso Taunay: “No Exército brasileiro acampado em Assunção e suas cercanias reinava, entretanto, não pequeno cansaço” (TAUNAY, 2008, p. 24, grifo nosso). Em *Memórias* (TAUNAY, 1948a), a mesma assertiva aparece com outro conteúdo: “No Exército brasileiro acampado em Assunção e suas cercanias reinava, entretanto, não pequena desmoralização” (TAUNAY, 2004, p. 406, grifo nosso). Novamente uma alteração na qualificação das forças. A substituição de “desmoralização” por “cansaço” altera totalmente o significado e a opinião que Taunay expressa sobre a guerra e o comportamento das

[65] O conde d’Eu (Luís Filipe Maria Fernando Gastão), pessoa mais depreciativamente citada em *Memórias* (TAUNAY, 1948a), morreu em 28 de agosto de 1922.

forças brasileiras, no interregno entre a tomada de Assunção e o início da perseguição a Lopes pelo interior paraguaio.

Essas alterações também influíram nas avaliações gerais de Taunay sobre a guerra contra o Paraguai e a sua atuação nessa. Eis um trecho de *Recordações de guerra e de viagem* (TAUNAY, 1920, 2008) em que Taunay descreve a partida do estado-maior, liderado pelo Conde d'Eu, para assumir o comando das operações no Paraguai e suas impressões com as despedidas e gentilezas:

> Já lá estavam o Imperador, o Conde d'Eu e muita gente. Levou-se, pois, não pouco tempo nas despedidas, e recomendações. Que diferença da partida para a expedição de Mato Grosso! Agora para mim tudo eram esperanças, sonhos de ambição! E quão pouco se realizaram! Enfim, como sempre, cálculos humanos cheios de enganos e decepções. (TAUNAY, 2008, p. 27).

Em *Memórias* (TAUNAY, 1948a), o mesmo trecho aparece com substanciais alterações dos significados, essas provocadas por duas frases a mais. Uma sobre o comportamento do imperador e outra com a autoavaliação pessimista do ano de 1869:

> Já lá estavam o Imperador, o Conde d'Eu e muita gente. Levou-se, pois, não pouco tempo nas despedidas e recomendações, <u>dizendo, a cada instante, o Imperador: "que não tinha pressa!"</u>. Que diferença da partida para a expedição de Mato Grosso! Agora para mim tudo eram esperanças, sonhos de ambição! E quão pouco se realizaram! <u>Que ano desconsolador, tristonho, desagradável, se me preparava!</u> Enfim, como sempre, cálculos humanos cheios de enganos e decepções. (TAUNAY, 2004, p. 421, grifo nosso).

A supressão desses dois trechos apaga a opinião crítica de Taunay sobre a pompa durante a partida do novo estado-maior, liderado por Conde d'Eu, e o excesso de zelo de Pedro II para com aquela despedida. Também, omite a autoavaliação de Taunay relativa ao ano de 1869. O ano em que Conde d'Eu comandou as forças brasileiras no Paraguai e Taunay serviu como um dos conselheiros e redator do comando. Estas alterações distorcem o discurso memorialístico de Taunay sobre a guerra. A tentativa de o filho-editor evitar que as opiniões mais extremadas tivessem repercussão antes do previsto fragiliza o discurso original quando este é publicado.

Já em *Recordações de guerra e de viagem* (TAUNAY, 1920; 2008), ainda, há a supressão total de todas as alusões depreciativas de Taunay com relação ao conde d'Eu. Enquanto no texto antecipado, o conde é mencionado burocrática e respeitosamente como o comandante das forças; em *Memórias* (TAUNAY, 1948a), esse tratamento é alterado completamente, tanto em número de vezes como em aprofundamento nas críticas. O que prepondera é o tom de ressentimento e decepção com o comportamento e tratamento recebido por parte do conde D´Eu. A atenção de Taunay para com a figura do conde e a preocupação em registrar tudo o que realmente pensava sobre esta personalidade oferecem o ponto de coesão na narrativa sobre a campanha da Cordilheira presente em *Memórias* (TAUNAY, 1948a) e totalmente apagadas em *Recordações de guerra e de viagem* (TAUNAY, 1920, 2008). Conde d'Eu é um dos grandes personagens dos escritos memorialísticos de Taunay. Em alguns trechos é o antagonista, o que impede que Taunay alcance seus objetivos. Em outros é a personagem cômica, a que diverte o acampamento.

A avaliação de Taunay sobre o seu superior hierárquico fica explícita já nas primeiras referências realizadas a ele em *Memórias* (TAUNAY, 1948a):

> O conde d'Eu dispensava o maior apreço ao conto 'Capitão Caipora' e, sem dúvida, possível, aquele príncipe, <u>quaisquer que sejam os seus defeitos de que o acusem ou censurem</u>, conhecia, <u>apesar de todos os seus retraimentos</u>, tudo quanto se referia ao Exército, do modo mais completo e notável. (TAUNAY, 2004, p. 223, grifo nosso).

Taunay não cita os defeitos do príncipe, mas lembra-nos que ele também tinha qualidades. Poucas, mas tinha. O título do conto mencionado e do qual o conde gostava, "Capitão Caipora", servirá para Taunay construir uma referência depreciativa do conde. Ora chamando-o de "Caipora" ou o acusando de "caiporismo".

As considerações sobre o conde d'Eu são tão importantes para a composição de seu texto autobiográfico que, com receio de ser injusto, Taunay lista as qualidades e os defeitos do príncipe e comandante para poder avaliar com mais isenção tal personalidade. A citação é longa, mas necessária para explicitar a relação polêmica e as dúvidas de Taunay sobre a justeza da decisão de se nomear d'Eu como comandante das forças de ocupação e perseguição a Solano Lopez:

> Creio, e assim é de se imaginar, que a nomeação a comandante-em-chefe das forças em operação no Paraguai encheu de exultação e orgulho o coração do Conde d'Eu.
> Para quem fizera, no Exército espanhol, a Guerra do Marrocos como oficial subalterno, suponho que tenente, era de deslumbrar ver-se chamado de repente às funções de general, no ponto mais elevado da carreira, e acima dos nossos mais velhos capitães, aos 27 anos de idade, pois nascera a 28 de abril de 1842.
> Acredito, igualmente, que essa exultação ultrapassou os devidos limites, abrindo margem, exageradamente larga, às sugestões de inconveniente ambição, como adiante mostrarei.
> Estou, porém, chegado a um ponto bem difícil destas *Memórias*, tendo que falar de um príncipe, que reúne alevantadas qualidades de envolta com sensíveis defeitos. Da convivência que com ele tive por mais de um ano, não me ficaram certamente agradáveis recordações, mas buscarei ser quanto possível justo, pondo de lado muita coisa que as circunstancias e o verdor dos anos me levaram a dar significação e alcance que não deviam ter tido.
> Tem o Conde d'Eu, em grau apurado, qualidades, algumas muito sólidas, e defeitos.
> *Qualidades*: - Gosto pelo trabalho, amor sincero ao estudo, consciência no saber, espírito inimigo da futilidade e cheio de modéstia, muita ordem na vida econômica, aborrecimento à intriga e aos mexericos, desconfiança de si mesmo, ambição de glória, desejo de servir bem e cumprir o Dever, absoluta simplicidade nos modos e sincero aborrecimento do fausto e luxo, amigo da justiça nos conceitos, pouco propenso a ouvir e aceitar bajulações, esposo exemplar, de fidelidade intangível, escrupulosíssima, excelente pai de família, impossível melhor, exagerado até no amor aos filhos e nos cuidados de que os rodeia incessantemente, crença viva na religião, discrição no falar, nenhum arrebatamento, paciente e nobremente resignado.
> Mas, quase antinomicamente, por vezes, e numa curiosa complexidade, os seguintes:
> *Defeitos*: - Coração no comum dos casos seco, modos muito desajeitados, da maior intolerância, tratamento aos outros em extremo variável, quer como general quer como príncipe; ora demasiado familiar e de expansiva amabilidade, ora esquivo e de alto a baixo; surdez que, mais e mais, se vai agravando com os anos, e daí todos os inconvenientes de retraimento, hábitos de apertada economia, e em alguns casos até ridículos, mas singularmente irregulares nas manifestações e sem sistema seguido, ânsia de poder e de mando, mas também sem persistência, nenhuma pertinácia no querer, e muito fácil, pelo contrário, de profundos e insanáveis desânimos, caráter sobremaneira propenso à melancolia, o que lhe tira não pouco valor às qualidades de iniciativa e resolução; carolismo demais acentuado. (TAUNAY, 2004, p. 410-411, grifo do autor).

A insistência de Taunay para que prevaleça seu senso de justiça parece não surtir o efeito desejado. A separação do que valoriza e do que deprecia no avaliado transforma-se em um julgamento mais condenatório do que imbuído de crítica

elogiosa e construtiva. Há diversas contradições explícitas entre as “qualidades” e os “defeitos”. Um flagrante é a qualidade “ordem na vida econômica” que, logo depois, também, é listada como um defeito: “hábitos de apertada economia, e em alguns casos até ridículos”. A esse resumo-geral são acrescentadas algumas narrativas de eventos da guerra e atitudes de d’Eu que terminam por oferecer uma imagem mais detalhada da pessoa na opinião de Taunay. Quando comenta as qualidades de bom orador do secretário do príncipe, encontra meios de também fazer o mesmo sobre o chefe deste:

> E já que falo em dotes oratórios, salientarei quanto o Conde d’Eu os possui em grau notável. Corre-lhe fácil, fluente, elegante a palavra. Afluem-lhe as comparações felizes, idéias ainda não batidas e comuns, nada de *chapas* e lugares-comuns. E isto com abundancia, verdadeira copiosidade, durante muitas horas até! (TAUNAY, 2004, p. 415, grifo do autor).

Depois do elogio, como supradestacado, vem a crítica mordaz:

> Infelizmente o terrível sotaque estraga muita coisa bonita e digna de produzir impressão, além de não poucos cacoetes nos gestos e na atitude que afeiam distinto porte e elevada estatura, figura nada desagradável, inteligente, com feições características, cútis muito fina, grande nariz a Henrique IV. [...]
> Que mal fez ao Conde d’Eu o *rotacismo* (o exagerado apoiar nos *rr*). Bastou que indagasse de dois ou três oficiais, a fim de estudar melhor certa reclamação, se haviam assistido ao ataque de Peribebuí e logo circulou no Exército, e pelo Brasil todo, que perguntava antes de tudo: “O *senhorrr* esteve no ataque de *Perrribebuí*”, ao que acrescentavam *perrrigoso* e depois *perigosísssimo* (o que é de todo o ponto inexato). (TAUNAY, 2004, p. 415).

Taunay conta que a razão dos desentendimentos entre ele e o comandante das forças brasileiras foi a sua negativa ao pedido do conde para envio de material jornalístico para um jornal liberal do Rio de Janeiro, *A Reforma*. Taunay já havia se comprometido com outro veículo, o *Jornal do Commércio*. Sobre a origem de todas as rusgas, Taunay escreve:

> Notava que que o tratamento que me dispensava o príncipe não era o que esperava; decerto, amável e risonho, mas guardando as distâncias hierárquicas. Experimentei viva decepção. Quando pensava vir como amigo e conselheiro íntimo, achava-me simples subordinado militar. Reconcentrei-me, nada disse a ninguém e,

> embora já meio desiludido, acreditei que, para o futuro, melhor conhecidas as minhas qualidades, fosse chamado a funções mais elevadas que as de simples primeiro-tenente de artilharia.
> Em certo ponto da viagem, antes de chegarmos a Montevidéu, chamou-me o Conde d'Eu a uma conferência particular e dela proveio, quero crer, o desencontro que entre nós se produziu e foi sempre irremediavelmente se agravando.
> Disse-me, com certa cautela, que logo percebi, que uma das formas de melhor servi-lo, na melindrosa comissão que ia encetar, era tornar-me correspondente de acreditado jornal do Rio de Janeiro, enviando-lhe regularmente correspondências verdadeiras e interessantes, "com o legítimo cunho literário que o Sr. lhes saberá *imprimirr*".
> Muito contente, respondi-lhe que previra essa incumbência, honrosa, difícil, mas muito do meu sabor com o *Jornal do Comércio*.
> Ponderei-lhe que exatamente para esta não escreveria, pois era de feição toda política, órgão do Partido Liberal, quando eu, embora ainda malconhecido, me pronunciara conservador, desde os primeiros tempos da Escola Militar, votando sempre com General Polidoro nas eleições da freguesia da Lagoa. (TAUNAY, 2004, 422-423, grifo do autor).

As desavenças com o conde d'Eu alcançarão o ponto máximo quando já nos acampamentos, na frente paraguaia da Cordilheira, Taunay não é convidado a tomar parte da mesa do príncipe e do comandante. Contribuiu para o desentendimento a crença de Taunay de que o convite deveria ser natural, dada a intimidade entre os dois, e ele não veio. Mais que a falta de deferência do convite, o que acabrunhava Taunay era a sua incapacidade de resolver um problema prático e fundamental para a sua sobrevivência na frente de batalha, a sua alimentação. Taunay rememora as dificuldades que encontrou e em que isso contribuiu para prejudicar ainda mais a sua opinião sobre o seu comandante.

> Por vezes formei tenção de expor ao príncipe as aborrecidas condições em que me via, o que talvez tivesse sido melhor e mais de acordo com a absoluta sinceridade que ele sempre me exigia, mas chegando o momento de nisto falar, por ocasião das nossas conferências diárias, à noitinha, sentia-me tolhido por invencível sentimento de orgulho.
> _ Melhor é calar – dizia com os meus botões – do que fazer de intrometido e importuno.
> E quando os muitos *habitués* da mesa do Conde d'Eu estranhavam a princípio a minha ausência, tratava de desconversar. Abri-me, contudo, com o General Polidoro, que estranhou vivamente aquela falta de convite por parte do príncipe e aplaudiu muito a reserva em que me mantinha. (TAUNAY, 2004. p. 433, grifo do autor).

Após longa descrição dos desentendimentos, Taunay resume a situação com o conde d'Eu:

> Pouco importam as rusgas que com ele tive e os motivos de queixa. São incidentes que desapareceram no conjunto daquele ano memorável. Se o relembro é porque estou escrevendo as minhas impressões particulares e íntimas, a história da minha vida. (TAUNAY, 2004, p. 430).

Maria Lidia Lichtscheidl Maretti (2006) infere que, apesar da suposta reconsideração daqueles desacertos:

> [...] tais incidentes desagradáveis acabam importando sim, tanto que a eles são dedicados longos trechos do texto, num tom ressentido de súdito acostumado a obter os favores reais e que neste momento (com o Conde d'Eu) tem de esperar inutilmente por eles. (MARETTI, 2006, p. 159-160).

Além das considerações sobre Conde d'Eu e outros militares, *Memórias* (TAUNAY, 1948a) oferece um testemunho singular sobre os últimos combates da guerra contra o Paraguai. Apesar de manter o tom nacional-patriótico de outras obras, nestas reminiscências prevalecem o testemunho direto e o registro da tragédia humanitária daqueles dias de agosto de 1869. Nesse sentido, estes apontamentos de Taunay informam-nos, por uma fonte direta e insuspeita, da crueldade e da desproporção entre as forças que se enfrentaram. Mesmo que em alguns trechos estabeleça-se a contradição entre a intenção patriótica e os eventos efetivamente narrados. Para isso, ao lado dos louros das vitórias aparecem a dor e desgraça do pouco que restava de um povo. A descrição e a narração que Taunay faz das batalhas travadas em Peribebuí, Luque, Caacupê e Acosta Ñu[66], entre 10 e 16 de agosto de 1869, registram como que um dos mais bem armados e treinados exércitos do século XIX, com artilharia, infantaria e cavalaria, composto por mais de 18 mil homens, aceitou combate franco com tropas improvisadas, majoritariamente

[66] A batalha de Acosta Ñu ou batalha de Los Niños, como é conhecida pelos paraguaios, aconteceu em 16 de agosto de 1869. A batalha foi nomeada, pelos brasileiros, como batalha de Campo Grande. Foi o último grande enfrentamento da guerra. Em sua lembrança, o Paraguai comemora o dia das Crianças nesta data. Taunay resume os resultados da batalha: "Os resultados imediatos da batalha de Campo Grande foram muito brilhantes. Talvez para cima de 2.000 mortos atestavam de um lado a tenacidade dos paraguaios, apesar de armamento inferior, quase rudimentar, que então lhes restava, de outro a superioridade dos meios de ataque de que dispúnhamos e o nosso valente lidar; 1.300 prisioneiros [...] o nosso prejuízo foi de 411 baixas [...] Dando os extraviados como mortos, teremos o total de 62, perda mínima em relação aos paraguaios" (TAUNAY, 2004, p. 476-477).

compostas por crianças e mulheres e que não chegavam a uma terça parte de seus efetivos.

Taunay, ao registrar suas lembranças do ataque a Peribebuí[67], não deixa de lastimar e condenar o que presenciou quando percorreu o campo de batalha, ao final dos combates:

> Oh! A guerra, sobretudo a Guerra do Paraguai! Quanta criança de dez anos, e menos ainda, morta quer de bala, quer lanceada junto às trincheiras que percorri a cavalo, contendo a custo as lágrimas!
> E naqueles rostos infantis uma expressão estereotipada ou de muita calma ou então de terror e agonia, que cortava o coração. Esta mais frequente, como se os pobres coitadinhos houvessem expirado, compreendendo bem o horror da morte, quando toda a natureza lhes sorria em torno! [...]
> Faziam-se prisioneiros, no momento em que passava; e, entre parênteses, ainda se matava, bem inutilmente aliás. Salvei um dos desgraçados, que iam ser degolados, e ele se agarrou a mim, não me deixando mais, por sinal que, alta noite, por tê-lo feito dormir num couro no mesmo quarto que ocupei, raspei não pequeno susto. (TAUNAY, 2004, p. 458, grifo nosso).

Diante da situação vexatória, interditada a comemoração pela vitória em razão da fragilidade do inimigo, Taunay interfere e salva ao menos um dos “desgraçados” de “dez anos e ainda menos” de ser degolado, todavia não conseguirá dar abrigo ao pequeno paraguaio. O medo de ser atacado pelo garoto impediu que Taunay dormisse com tranquilidade; e, quando dormia, tinha terríveis pesadelos. A única solução, então, foi livrar-se do pequeno prisioneiro (TAUNAY, 2004).

Sobre a batalha de Acosta Ñu, Taunay faz uma descrição trágica, remarca a violência do exército profissional contra as últimas tropas mobilizadas para a defesa de Lopes:

> Parece-me ainda estar vendo como as lanças se abaixavam, fulgurantes, vertiginosas, atirando alto ao ar, como que simples novelos de algodão, os corpos que iam ferindo e que, no geral, caíam agachados, acocorados e, mais que isto, enrolados em si mesmos.
> Não poucos infantes buscavam defender-se com a espingarda, mas era resistência momentânea; alguns atiravam fora a arma e, ocultando o rosto entre os braços, abaixavam a cabeça e esticavam o pescoço à espera do golpe das pesadas espadas, apressados em

[67] A batalha de Peribebuí aconteceu em 12 de agosto de 1869.

> dar tudo por acabado e buscando na morte a pronta solução a tantas desgraças e tão seguidos sofrimentos. (TAUNAY, 2004, p. 472-473).

Taunay registra que as forças brasileiras e aliadas enfrentaram, em Acosta Ñu, o melhor dos inimigos. Tropas formadas pelos que queriam morrer, os que buscavam a morte, os que a ela se ofereciam como fuga às ameaças e ao medo de uma guerra inútil, perdida e, talvez, desconhecida. Afinal, a grande batalha que o conde d'Eu orgulhava-se de ter ganho e pagou por sua perpetuação na tela[68] de Pedro Américo foi, na realidade, um crime de guerra. Taunay, lembra-se do encerramento dos combates e do incêndio que dizimou os campos onde antes se lutava:

> "Este incêndio", relatei no *Diário do Exército* "alimentado pela macega alta e ressequida lavrara todo o dia, de modo que muitos desgraçados feridos foram queimados, subindo pelo espesso fumo aos céus de envolta com a fumaça dos canhões".
> Só nestas palavras de cunho bem oficial, que quadros dos horrores da guerra! Aqueles mal-aventurados, caídos no cumprimento do áspero dever, vendo o incêndio vir ao encontro dos pobres corpos exangues ou com os membros quebrados, cerca-los de todos os lados, empolgá-los, abafá-los em rolos de espesso fumo, sufocá-los, já martirizados por medonha sede, ou então queimá-los aos poucos em vida!
> Quantas dores inenarráveis, desconhecidas até chegar o apaziguamento da morte, o *nirvana,* nesses tremendos e derradeiros transes, tão suspirado como fecho de todas as dores físicas e morais.
> Vi – ninguém mo contou – um paraguiozinho gritar para um companheiro ferido também, mas de pé: "Amigo, mate-me por favor!" E o outro, acudindo à cruel imploração, desfechou-lhe um tiro à queima-roupa. (TAUNAY, 2004, p. 477, grifo do autor).

Além dos depoimentos sobre conde d'Eu e de detalhes das batalhas travadas sob aquele comando, Taunay esclarece que a continuidade dos combates e a negativa para o início das negociações de paz, após a queda de Assunção, foram exigências pessoais do imperador. Primeiro, a desaprovação com que o imperador manifestou sobre o retorno de Caxias ao Rio de Janeiro:

> Não sei com que fundamento, esperava porém Caxias uma visita do Soberano à sua chácara do Andaraí, e esta jamais a teve. Parece que D. Pedro II a isto terminantemente se recusou, achando que

[68] A batalha de Campo Grande. Tela de Pedro Américo (1843 – 1905). *Bataille de Campo Grande*, 1871. Óleo sobre tela, 530 x 332 cm, Museu Imperial de Petrópolis.

> Caxias se retirara cedo demais de Assunção, deixando a tarefa incompleta. Ocupou-se a atenção pública vivamente com o assunto, no qual o Imperador procedia com teimosia e inabalável coerência. (TAUNAY, 2004, p. 404).

Ao que acrescenta: “Depois de bem sensível vacilação, ficou afinal decidido que se prosseguiria a guerra. Correu que o Imperador chegara a falar em abdicação, caso não prevalecesse a sua opinião” (TAUNAY, 2004, 406). No resumo das considerações de Taunay sobre a guerra contra o Paraguai, em *Memórias* (TAUNAY, 1948a), sobressai a contradição entre o discurso nacional-patriótico e a avaliação crítica da guerra. Taunay fica com ambos. Louva e critica.

Entretanto nem só da guerra fala Taunay em *Memórias* (TAUNAY, 1948a). A literatura também ocupa espaço privilegiado. E, neste campo, a maior preocupação de Taunay é explicitar os desejos de glória que acalentava para a sua obra, os modelos que seguiu e detalhes da recepção à época dos lançamentos de seus primeiros livros, nos termos que indicamos precedentemente. Acrescenta a esses apontamentos alguns episódios de sua formação literária, desde a escola primária, passando pelos conselhos do pai e dos tios e avançando pelas diversas tentativas frustradas de composição de poesia, romance ou dramas. Ademais, ganham destaque os comentários sobre vários escritores seus contemporâneos. São muitos os citados, mesmo que somente de passagem: Machado de Assis, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Viriato Correia, entre outros.

Especificamente, sobre um desses, a sua observação detém-se mais vezes e em maior profundidade, isto é, em José de Alencar. A preferência, possivelmente, está relacionada com a posição central ocupada pelo cearense no sistema literário brasileiro do período e com a estratégia discursiva de Taunay de contrastar as duas opções estéticas, a sua e a de Alencar, sob uma chave maniqueísta do real *versus* o imaginado.

Assim, ele reconhece a “liderança” de “José de Alencar [que] subiu, quase que de repente, na opinião geral, e afirmou-se com o *Guarani* chefe da nascente literatura brasileira” (TAUNAY, 2004, p. 82). Taunay foi um dos leitores do folhetim de *O guarani* e registrou, em ensaio monográfico sobre Alencar (TAUNAY, 1923), o impacto e as impressões do romance sobre o público do Rio de Janeiro e de São Paulo:

> Em 1857, talvez 56[69], publicou o *Guarany* em folhetim no *Diário de Rio de Janeiro*, e ainda vivamente me recordo do entusiasmo que despertou, verdadeira novidade emocional, desconhecida nesta cidade tão entregue às exclusivas preocupações do comercio e da bolsa, entusiasmo particularmente acentuado nos círculos femininos da sociedade fina e no seio da mocidade, então muito mais sujeita ao simples influxo da literatura, com exclusão das exaltações de caráter político.
> Relembrando, sem grande exageração o celebre verso:
> "*tout Paris pour Chimène a les yeus de Rodrigue*" o Rio de Janeiro em peso, para assim dizer, lia o *Guarany* e seguia comovido e enleado os amores tão puros de Cecy e Pery e com estremecida simpatia acompanhava, no meio dos perigos e ardis dos bugres selvagens, a sorte vária e periclitante dos principais personagens do cativante romance, vasado nos moldes do indianismo de Chateaubriand e Fenimore Cooper, mas cujo estilo é tão caloroso, opulento, sempre terso, sem desfalecimento e como perfumado pelas flores exóticas das nossas virgens e luxuriantes florestas.
> Quando a S. Paulo chegava o correio, com muitos dias de intervalos então, reuniam-se muitos e muitos estudantes numa *república*, em que houvesse qualquer feliz assinante do *Diário do Rio*, para ouvirem, absortos e sacudidos, de vez em quando, por elétrico frêmito, a leitura feita em voz alta por algum d'eles, que tivesse órgão mais forte. E o jornal era depois disputado com impaciência e pelas ruas se via agrupamentos em torno de fumegantes lampiões da iluminação pública de outrora – ainda ouvintes a cercarem ávidos qualquer improvisado leitor. (TAUNAY, 1923, p. 85-86).

A lembrança simpática e singela do leitor capturado pela magia indianista de Alencar é substituída, em *Memórias* (TAUNAY, 1948a), pela comparação direta entre a sua própria obra e aquela que um dia tanto admirou. Taunay elege como ponto principal de sua consideração da obra de Alencar a suposta falta de correspondência entre a realidade e o comportamento dos indígenas criados pelo cearense:

> Possuía Alencar, não há que contestar, enorme talento e grande força de trabalho; tinha pena dúctil e elegante; mas <u>não conhecia absolutamente a natureza brasileira</u> que tanto pretendia reproduzir nem dela estava imbuído. Não lhe sentia a possança e verdade. <u>Descrevia do fundo de seu gabinete</u>, lembrando muito mais do que lera do que daquilo que vira com os próprios olhos. <u>Parecendo muito nacional obedecia mais do que ninguém à influência dos romances franceses</u>. Nos seus índios deixou Alencar a trilha aberta por Fenimore Cooper para de perto seguir Chateaubriand e reeditar as pieguices de que se constituiu porta-voz este escritor, tornando-as toleráveis a poder da pompa e do brilhantismo da frase. <u>Tudo porém artificial e cansativo.</u> (TAUNAY, 2004, p. 224, grifo nosso).

[69] O folhetim *O Guarani* começou a ser publicado no rodapé do *Diário do Rio de Janeiro*, em 1º de janeiro de 1857.

Taunay como prova da justiça de seu julgamento completa que, entre os dois, somente ele detinha conhecimento sobre o comportamento dos indígenas brasileiros: “Conheci-os bem de perto, com eles convivi seis meses a fio e pude observá-los detidamente” (TAUNAY, 2004, p. 224). Taunay faz uma comparação direta entre produtos diferentes. Como já colocamos, o indianismo de Alencar é um código poético próprio, os seus índios são tipos ideais nunca reais, não têm a intenção de reproduzir aspectos de uma realidade particular. Alencar já havia se defendido desse tipo crítica. Em *Como e porque sou romancista* (ALENCAR, 1995) afirmava que “No *Guarany* o selvagem é um ideal, que o escritor intenta poetizar, despindo-o da crosta grosseira de que o envolveram os cronistas, e arrancando-o ao ridículo que sobre ele projetam os restos embrutecidos da quase extinta raça” (ALENCAR, 1995, p. 40). Nesse sentido, a obra indianista de Alencar não tem nem como objetivo a procura pela correspondência com o real. É a busca por um “índio ideal” que reuniria as características desejadas, pelo poeta/escritor, para a composição de sua fábula.

Taunay acrescenta sua avaliação da personalidade de Alencar. Para isso, destaca o histórico do comportamento político do autor de *Iracema* e a indisposição deste para com Dom Pedro II:

> Não era agradável a convivência com José de Alencar. Conversava com dificuldade, além de ter pouca amabilidade natural. Dos seus modos ressumbrava o orgulho. Gostava de queixar-se amargamente, dizendo-se vítima da *conspiração do silêncio* que em torno da sua personalidade se fazia. Doeu-se em extremo da não escolha senatorial, vendo-se preterido pelo primo, Jaguaribe, que na verdade valia muitíssimo menos do que ele, sem comparação possível. (TAUNAY, 2004, p. 225).

Com essas palavras, Taunay demonstra mais uma vez sua afinidade de opinião com o monarca. Nos desentendimentos entre este e Alencar, provocados pela não indicação ao Senado do cearense, Taunay posicionou-se favoravelmente a D. Pedro II e apresenta Alencar como um eterno insatisfeito e um opositor declarado do imperador. “Desde então José de Alencar fez quanto mal pôde, na tribuna e na imprensa ao Soberano” (TAUNAY, 2004, p. 227). Resumidamente, as referências à obra e à atuação de José Alencar destacam-se diante das demais considerações atinentes aos produtores literários contemporâneos de Taunay.

Taunay dedica alguns capítulos de *Memórias* (TAUNAY, 1948a) para narrar o período em que viveu “nos morros”, um aldeamento improvisado que os moradores do distrito de Miranda, deslocados pelo ataque paraguaio, construíram nas regiões mais seguras da Serra de Maracaju. A chegada até este local foi resultado de uma exploração e da longa travessia pela região do rio Aquidauana[70] pelo próprio Taunay, o capitão Lago e alguns camaradas. Na figura 8, temos um detalhe do acampamento nos morros.

Figura 8 – Desenho com detalhes dos morros, abril de 1866.

Fonte: Taunay (1867, lâmina 14)

Nas encostas da serra, estavam concentrados, além dos moradores da região, diversos grupos indígenas e militares brasileiros dispersos pelo ataque. Os acampamentos, ali estabelecidos desde a invasão paraguaia, mais de um ano antes,

[70] Essa a viagem de exploração está narrada em *Scenas de viagem: exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no distrito de Miranda* (TAUNAY, 1868).

já estavam autossuficientes em gêneros alimentícios e outras necessidades básicas. “Sem falar nos pequenos aldeamentos dos índios, todos da nação *chané*, dois grupos principais de choupanas e ranchos.” (TAUNAY, 2004, p. 250).

A vila serviu muito bem como ponto de restabelecimento das tropas, além de oferecer a oportunidade para que Taunay vivesse um caso “digno de nota pelo que traz de repentina redescoberta daquele Brasil paradisíaco veiculado pela idealização romântica” (MARETTI, 2006, p. 94). Taunay conhece Antônia, uma índia chané com quem conviveu intimamente por alguns meses, de março a julho de 1866.

> Era Antônia uma bela rapariga da tribo *chooronó* (guaná propriamente dita) e da nação *chané*.
> Muito bem feita, com pés e mãos singularmente pequenos e mimosos, cintura naturalmente acentuada e fina, moça de 15 para 16 anos de idade, tinha rosto oval, cútis fina, tez mais morena desmaiada do que acaboclada, corada até levemente nas faces, olhos grandes, rasgados, negros, cintilantes, boca bonita ornada de dentes cortados em ponta, à maneira dos felinos, cabelos negros, bastos, muito compridos, mas um tanto ásperos.
> Sobremaneira elegante de porte, costumava trajar, com certo donaire, vestidinhos de chita francesa, quando não se enrolava a moda dos seus numa *julata* que a cobria toda até aos seios. (TAUNAY, 2004, p. 269).

Taunay conheceu Antônia por meio de um outro oficial, Tenente Lili, que primeiro estabelecera relações com a moça. Taunay, logo que a conhece, negocia com o pai da índia a sua “posse”:

> Entretanto, as exigências por parte do chefe da família não eram pequenas – um saco de feijão, outro de milho, dois alqueires de arroz, uma vaca para corte e um boi de montaria –, o que tudo importava, naquelas alturas e pelos preços correntes, nuns cento e vinte mil réis (TAUNAY, 2004, p. 270).

Depois do negócio acertado com o pai, era preciso o acerto com a própria Antônia: “A fim de vencer a relutância de Antônia, levara-lhe eu um colar de contas de ouro, que, em Uberaba, me havia custado quarenta ou cinquenta mil réis. Foi argumento irresistível!" (TAUNAY, 2004, p. 270).

A experiência foi marcante e somente revelada com a publicação de *Memórias* (TAUNAY, 1948a). Taunay fez questão de registrar que: “gozei nos morros um dos mais belos e originais trechos da minha vida” (TAUNAY, 2004, p. 233) e continua:

> Os morros! Que época alegre e despreocupada da minha vida! Que período de existência original e divertido! Muitos meses lá passei naquele planalto umbroso da Serra do Maracaju, de março a julho, em situação só comparável com a dos primeiros exploradores de regiões desconhecidas no meio de populações selvagens, mas de trato simpático e meigo [...] É que experimentei ali, na prática das ideias e teses de Jean-Jacques Rousseau, a doçura da vida não civilizada e o contato do homem bem de índole, mas inculto e agreste. (TAUNAY, 2004, p. 249).

Antônia, durante o período que conviveu com Taunay, provavelmente, foi sua principal informante para o "Vocabulário da Língua Guaná ou Chané" e "Os índios do distrito de Miranda", dois dos apartados de *Scenas de viagem* (TAUNAY, 1868), e serviu de inspiração para a composição da personagem mais famosa de Taunay, Inocência. Nessa ótica, identificando relação entre Antônia, Ierecê e Inocência, argumenta Antonio Candido (CANDIDO, 2000):

> Tal foi, na verdade, a emoção que ela gerou em Taunay, diretamente, um belo conto, o melhor de quantos escreveu – "Ierecê a guaná", publicado em 1874 nas *Histórias brasileiras*, com o pseudônimo de Sílvio Dinarte; e, indiretamente, o que há de mais profundo em *Inocência*: o perfume indefinível da donzela sertaneja e a tristeza dos seus amores frustrados. [...]
> Num plano mais fundo de análise veríamos, pois, que o *efeito* literário de *Inocência* deve-se à força germinal desse idílio, que tanto marcou o autor. A bela neta do sitiante leproso, destinada a casar com o primo, porventura sem amor, serviu para fixar as recordações da índia Antônia: a candura e a beleza desta comunicaram à personagem central do livro aquele encanto no amor e padecimento que lhe abriram a posteridade, cumulando os sonhos literários de Taunay. (CANDIDO, 2000, p. 280).

Aparentemente, o sigilo solicitado por Taunay aos seus escritos memorialísticos está relacionado, em parte, a casos como o dessa índia guaná. Não seria apropriado a divulgação desses amores no que tange a um homem casado, conservador e de conduta exemplar. Todavia Taunay julgou que os leitores de *Memórias* (TAUNAY, 1948a) convidados a outra opinião sobre sua obra e sua trajetória precisavam conhecer algumas de suas mais íntimas histórias para mais justiça no julgamento.

4.4 ROUSSEAU E STHENDAL: O ESTILO E O MODELO DE *MEMÓRIAS*

A autobiografia, na conceituação de Philippe Lejeune (2014), é a “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 16). Embora alguns leitores[71] classifiquem-na como tal, *Memórias* (TAUNAY, 1948a) não é uma autobiografia, em razão da dimensão do assunto, configura-se como um gênero vizinho da autobiografia. Uma autobiografia implicaria em uma narrativa que se ocupasse de toda uma “vida individual, história de uma personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 17). Em *Memórias* (TAUNAY. 1948a), a matéria está restrita a alguns aspectos da atuação pública de Taunay. Há somente uma parte da sua vida e, desta, detalhes restritos. O enfoque recai na infância, formação e participação na guerra contra o Paraguai. Há grandes lapsos, omissões sobre questões que poderiam ser consideradas importantes. Pouco sabemos das contradições de sua adolescência, somente temos fragmentos do período de sua formação, seu casamento não é mencionado, os filhos também não. São diversas as omissões. Há, também, no caso do subgênero memórias, a possibilidade de inclusão de eventos que sejam alheios à individualidade do autor, uma espécie de testemunho sobre o seu tempo e as suas particularidades.

Aparentemente, pelas circunstâncias de produção supraindicadas e pelo depoimento de Affonso Taunay (TAUNAY, Affonso, 2014), a intenção de Taunay era produzir um conjunto que completasse toda a sua vida, desde a infância, formação, exército e atuação política. O trabalho ficou incompleto por questões relacionadas ao seu quadro de saúde. Mesmo assim, a proposta de Taunay não era uma autobiografia clássica. Os primeiros volumes apresentados, reescritos e acabados, entregues à guarda do IHGB, registram somente a face pública do indivíduo Taunay. Os eventos íntimos, quando mencionados – a convivência em família, a adolescência, a escola –, servem para contextualizar a atuação pública e, também, restrita, surge somente uma parte desta. Assim, a classificação como memórias encontra plena correspondência com o título e o conteúdo da obra de Taunay.

Philippe Lejeune (2014) lembra-nos que as fronteiras destas duas categorias – autobiografia e memórias, em nosso caso – não são rigorosas:

> O texto deve ser *principalmente* uma narrativa, mas sabe-se a importância do *discurso* na narração autobiográfica; a perspectiva,

[71] Essa é a definição utilizada, entre outros, por Fabio Luís Silva Neves, em *Ficção, História e Ideologia nas reedições críticas de Visconde de Taunay* (NEVES, 2010).

> *principalmente* retrospectiva: isto não exclui seções de autorretrato, nem diário da obra ou do presente contemporâneo da redação, nem construções temporais muito complexas; o assunto deve ser *principalmente* a vida intelectual, a gênese da personalidade: mas a crônica e a história social ou política podem também ocupar espaço. Trata-se de uma questão de proporção ou, antes, de hierarquia: estabelecem-se naturalmente transições com os outros gêneros da literatura íntima (memórias, diário, ensaio) e uma certa latitude é dada ao classificador no exame de casos particulares. (LEJEUNE, 2014, p. 17, grifo do autor).

Sob os critérios de proporção e hierarquia da literatura íntima, seguindo a sugestão de Philippe Lejeune (2014), teríamos uma sequência, nesta ordem: autobiografia, memórias, diário, ensaio. Ainda, segundo Lejeune (2014), se a diferença está na proporção e hierarquia, a unidade entre todas essas formas está no *pacto autobiográfico*. É o compromisso que o autor de um desses gêneros assume para com os seus leitores em demonstrar textualmente um conjunto de verdades sobre sua identidade.

> O pacto autobiográfico é afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em última instancia, ao nome do autor, escrito na capa do livro. As formas do pacto autobiográfico são muito diversas, mas todas elas manifestam a intenção de honrar *sua assinatura*. O leitor pode levantar questões quanto à semelhança, mas nunca quanto à identidade. Sabe-se muito bem o quanto cada um de nós preza seu próprio nome. (LEJEUNE, 2014, p. 30, grifo do autor).

Em *Memórias* (TAUNAY, 1948a), o pacto autobiográfico e sua expressão coincidem com o usual da maioria dos exemplos desses gêneros textuais correlatos à autobiografia. Há uma pequena distinção, o pacto está diluído ao longo do texto, em várias passagens, ele é retomado e reafirmado. Taunay aborda a questão, primeiramente, quando narra o comportamento extremado de um de seus professores. Percebe que precisa contar o que realmente acontecia e, diante dessa necessidade, justifica-se para com o leitor:

> Que singular pedagogo!
> Entremeava as preleções com palavras e anedotas inconvenientes.
> E não ficava só nisso, mas... <u>di-lo-ei? Não imprimirá a minha falta de reserva feição pornográfica ou, melhor, pouco asseada, a estas páginas?</u>
> Vacilo, embora <u>o valor de memórias, escritas na absoluta sinceridade de recordações, esteja exatamente na lealdade com que são redigidas e na confissão minuciosa de todos os fatos que compõem</u>

> uma existência, de todas as observações e pensamentos que os sucessos provocaram.
> Não é Jean-Jacques Rousseau, que queria apresentar a Deus as suas *Memórias* para lhe ser dispensado qualquer interrogatório, tão verdadeiro e individuado havia sido em contar tudo quanto lhe sucedera em vida? (TAUNAY, 2004, p. 46, grifo nosso).

Taunay decide por contar o método de ensino “singular” do mestre e justifica que este procedimento é necessário para que suas memórias tenham “valor”. A insinceridade invalida o registro autobiográfico, transforma-o em mentira. Assim, Taunay opta por oferecer um texto em que busca revelar os eventos determinantes para a sua existência e oferecer ao leitor sua perspectiva sobre esses.

O modelo para a produção de suas memórias e para o seu pacto autobiográfico, nos termos citados, Taunay foi buscar em Jean-Jacques Rousseau e o seu *Confissões* (ROUSSEAU, 2008). Esse título tornou-se um paradigma para o romantismo europeu, converteu a atividade de produção de textos autobiográficos em constante e corriqueira. Depois de Rousseau, muitos outros intelectuais europeus produziram e publicaram suas memórias. Alguns com grande repercussão (LEJEUNE, 2014). Rousseau propõe a fidelidade total ao pacto biográfico de sinceridade e que os seus escritos sejam tomados como sua defesa perante Deus e os demais homens. Eis a proposição estampada no preâmbulo de *Confissões* (ROUSSEAU, 2008):

> Dou começo a uma empresa de que não há exemplos, e cuja execução não terá imitadores. Quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda a verdade da natureza; e serei eu esse homem.
> Eu só. Sinto meu coração e conheço os homens. Não sou feito como nenhum dos que existem. Se não sou melhor, sou, pelo menos, diferente. E só depois de me haver lido é que poderá alguém julgar se a natureza fez bem ou mal em quebrar a fôrma em que me moldou.
> Soe quando quiser a trombeta do juízo final: virei, com este livro nas mãos, comparecer diante do soberano Juiz. Direi altivo: “Eis o que fiz, o que pensei, o que fui. Disse o bem e o mal com a mesma franqueza. Nada calei de mau, nada acrescentei de bom; e se me aconteceu usar algum ornato indiferente, não foi nunca para preencher um vácuo da minha falta de memória. Talvez tenha imaginado ser verdadeiro o que eu acreditava que o devesse ser, porém jamais o que eu soubesse ser falso. Mostrei-me tal qual era: desprezível e vil quando o fui; bom, generoso, sublime quando o fui; desnudei meu íntimo, tal como tu próprio o viste, Ente Eterno. Reúne ao meu redor a turba inumerável dos meus semelhantes; que eles ouçam as minhas confissões, que gemam com as minhas indignidades, que corem com as minhas misérias. E que, por sua

> vez, cada um deles descubra seu coração aos pés do teu trono, com a mesma sinceridade; e, após, que um só deles te diga, se o ousar: Fui melhor que aquele homem". (ROUSSEAU, 2008, p. 29).

Taunay segue de perto essas orientações e o modelo geral proposto por Rousseau. A questão é que, além de justificar-se perante Deus, Taunay quer justificar-se aos leitores do futuro, especificamente, ao seu "leitor de 1943". Essa orientação também se expressa na configuração textual. Coincidem a estrutura e a matéria dos parágrafos iniciais de *Memórias* (TAUNAY, 1948a) e *Confissões* (ROUSSEAU, 2008). Vejamos: Rousseau começa assim: "Nasci em Genebra, em 1712, filho de Isaac Rousseau, cidadão, e de Suzanne Bernard, cidadã" (ROUSSEAU, 2008, p. 29). Por sua vez, Taunay inicia assim:

> Nasci na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império do Brasil, à Rua do Resende, nº 167, às 3 horas do dia 22 de fevereiro de 1843.
> Foram meus pais Félix Emílio Taunay, naquela época diretor da Academia das Belas-Artes, filho do célebre pintor da Escola Francesa, e membro do Instituto de França, Nicolau Antônio Taunay, e de D. Gabriela d'Escragnolle Taunay, filha do Conde e da Condessa d'Escragnolle Taunay, esta da família de Beaurepaire, Adelaide de Beaurepaire. (TAUNAY, 2204, p. 29).

Taunay informa-nos, além das circunstâncias de nascimento e pais, toda a qualificação dos seus genitores e seus vínculos com a nobiliarquia europeia. Rousseau limita-se a qualificar os pais como cidadão e cidadã. Esta distinção na abordagem revela a distância ideológica entre os dois autores e os seus vínculos políticos. Taunay lamenta um império que se desfez; e Rousseau oferece as ideias que iniciaram a derrocada de muitos outros.

A proposição de sigilo e a estratégia de publicação de *Memórias* (TAUNAY, 1948a), somente depois de 50 anos de produção e em seu centenário de nascimento, foram sugestões colhidas em obra similar de Stendhal. É o que nos informa em outro trecho da obra:

> Deixemo-nos porém de filosofar, alongando demasiado esta narrativa. Não devo abusar da paciência do meu leitor de 1943. Quisera contar-lhes com especificação e método o que tudo lá nos Morros me aconteceu de mais curioso; mas não posso – há de por força haver atropelo (TAUNAY, 2004, 250).

Adiante, Taunay amplia sua explicação. Em uma nota, ao pé de página, vinculada ao ano de 1943, aduz: “Nas *Memórias* de Henri Brulard (Henri Beyle Stendhal) a cada momento o autobiógrafo reporta-se ao seu leitor de 1892. Achei curiosa esta referência e a adotei” (TAUNAY, 2004, p. 250). Stendhal também deixou inconcluso o seu projeto autobiográfico. E, por sua determinação, a primeira parte desse trabalho somente deveria ser publicada 50 anos após a sua morte, sendo publicada, então, em 1890, sob o título de *Vie de Henri Brulard* (STENDHAL, 1927).

Taunay adota não só o retardamento da publicação proposto por Stendhal, como também o mesmo procedimento de interlocução com o leitor do futuro. Demarca sua presença e especula sobre os interesses que sua obra poderia vir a provocar. Taunay mantém, em diversas passagens do texto, essa chamada de atenção ao leitor do futuro. Acontece, pela primeira vez, quando conta a injustiça cometida com a atribuição de faltas a um colega da Academia Militar:

> E para tanto bastavam 45 faltas não-justificadas. Sinto hoje bem natural satisfação em não ter prestado ouvidos a tais conselhos, mas também por dever de lealdade para comigo, e para com o meu possível leitor de 1943, não encubro que experimentava particular alegria quando podia, com justiça, atochar-lhe uma falta, ao passo que sempre me achava disposto a atenuar as de todos os outros colegas. (TAUNAY, 2004, p. 105, grifo nosso).

Mesmo diante de uma indignidade, o “leitor de 1943” precisa saber da dimensão real dos eventos e do comprometimento do memorialista nesses. A confissão da injustiça com o colega contribui para o aumento da credibilidade e da confiança na matéria narrada. Este procedimento é parte do pacto autobiográfico. A questão que se coloca é que uma grande parte de *Memórias* (TAUNAY, 1948a), o conteúdo acrescido pelo editor, foi produzida fora dos limites desse pacto. Assim, por exemplo, o estilo e a profundidade com que os assuntos são tratados, no início e ao final do volume, são substancialmente diferentes. A primeira parte foi escrita sob os influxos do pacto autobiográfico e com recomendações de sigilo temporário, já as partes finais tiveram sua composição sob outros êmulos e com a expectativa de publicação imediata. Assim, nos textos finais, também, está ausente toda a citação a esse leitor idealizado do futuro.

A recorrência desse procedimento, a chamada à interlocução do leitor de 1943, serve como índice para verificação do compromisso autobiográfico dos trechos em questão. Desse modo, esse futuro leitor é lembrado no contexto dos eventos do acampamento do Coxim, quando Taunay interrompe um longo inventário sobre os peixes da região e suas características:

> [...] basta de pescado. Afinal o meu leitor de 1943 interessar-se-á por todas essas coisas?
> Não achará que teria empregado melhor o tempo, adiantando-me nestas *Memórias*, contando fatos da minha vida mais palpitantes, tratando de dar dos homens, com quem vivi, ideia exata, proveitosa à apreciação dos sucessos em que todos nos achamos envolvidos? É, contudo, tão difícil falar exatamente dos outros. (TAUNAY, 2004, p. 218).

A proposta de interlocução vem acompanhada de outra confissão e um tópico muito repetido em *Memórias* (TAUNAY, 1948a), ou seja, as dificuldades em adotar o método de transparência proposto e assumido pelo pacto autobiográfico. Casos interrompidos, como esse do pescado, no Coxim, são muitos e chamam atenção para as dificuldades impostas com o método adotado por Taunay:

> Isto me leva a interromper o que ia dizendo e voltar atrás subindo de encontro à correnteza dos acontecimentos já contados. Toda a nossa vida é tão complexa, tão cheia de minúcias e incidentes, que se torna impossível narrá-la como o seguimento que tiveram os fatos. Terei, assim, não poucas vezes, de retroceder sobre os meus passos e, abrindo longo parênteses, referir-me a fatos atrasados e que, por singular fenômeno mnemônico, de súbito, quando menos se espera, se apresentam à memória, ao tratarmos de assuntos totalmente diversos e muito posteriores. (TAUNAY, 2004, p. 136).

Taunay constata que seria impossível reproduzir na linearidade discursiva todas as complexidades de uma vida. Ainda assim, esforçou-se para construir uma interlocução e para dizer as suas últimas palavras sobre o seu tempo e seus contemporâneos. Deixa um testemunho importante para a melhor compreensão de nosso país e de todas as suas contradições. Algo extremamente atual para esta quadra em que as ideias de nação, povo e democracia são tão vilipendiadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O visconde de Taunay quando inicia a preparação de *Memórias* (TAUNAY, 1948a) estava movido, principalmente, pelo ressentimento no tocante aos eventos do novembro de 1889. Encontrava-se profundamente afetado pelas drásticas alterações em sua situação política, social e econômica. Aparentemente, esses solavancos levaram-no a prever algo ainda pior. A desconsideração e a invalidação de sua obra e atuação pelo movimento republicano que estabelecia o novo sistema de governo no país. Reações justificadas pela intimidade de Taunay para com a família Imperial, que havia sido, sumariamente, deportada na madrugada de 17 de novembro de 1889. No trecho que segue, de 1890 ou 1891, anterior à morte do imperador exilado[72], Taunay expõe sua opinião, com perplexidade, diante daqueles eventos e do comportamento de alguns agentes envolvidos:

> Tinha Deodoro, quando marchou a 15 de novembro de 1889 para o Campo da Aclamação, consciência exata do que ia suceder, e que ele seria a causa primordial e determinante da expulsão do Imperador do Brasil e da subversão de todas as instituições? E como consequência daquele movimento militar, que não se prendia de modo algum ao pensar e às aspirações do povo, não emergiu dolosíssima injustiça para com um soberano que gastou toda a existência em contínuos sacrifícios à Pátria?
> Não era ele, por acaso, um monarca excepcional, *sui generis*, perfeitamente americano e de coração empenhado em bem preencher os deveres do Chefe de Estado e brasileiro? Qual a necessidade de expiação de uma vida tão cheia de abnegação e virtudes? Resgataria, com isto, o Imperador o hediondo crime da escravidão, que pesou por mais de três séculos nesta parte da América? Entretanto, a sua admirável serenidade no exilio e na desgraça dá que pensar. Que veremos ainda? Morrerá longe deste Brasil que tanto estremece e serviu com tamanha abnegação, ou verá o dia da gloriosa reparação? Como é obscuro o futuro! Quanto eu quisera alongar por essas densas trevas olhar seguro e perspicaz? Mas também quem sabe as angústias que recolheria dessa excepcional clarividência? A dúvida, quantas vezes, não nos é amiga e consoladora, consentindo, ainda nos últimos limites da certeza, todas as ilusões da verde e risonha esperança?! (TAUNAY, 2004, p. 126).

Possivelmente, foram as dúvidas sobre o desenrolar dos eventos que presenciava que levaram Taunay a dedicar seus últimos anos de produtividade à preparação de registros memorialísticos com a sua versão dos fatos relevantes que

[72] Dom Pedro II faleceu em Paris, em 5 de dezembro de 1891.

testemunhara e dos muitos de que tomara parte. Além disso, inseriu, em diversas partes das suas reminiscências, espaços de interlocução com seus leitores do futuro. Em alguns desses trechos, fez para justificar suas obras, em outros, com o intuito de defender suas tomadas de posição políticas ou literárias. Na atualidade, quando comparamos os pedidos do autor e a sua fortuna crítica, constatamos que o processo de interlocução proposto foi concluso e proporcionou efeitos pragmáticos parecidos aos reivindicados por Taunay no momento de sua enunciação memorialística.

A publicação de *Memórias* (TAUNAY, 1948a), na década de 1940, ofereceu aos interessados pela obra de Taunay parte dos argumentos necessários para a reconsideração de diversos aspectos dessa. Entre os que citam diretamente a obra memorialística como fonte para este reposicionamento crítico, estão Antonio Candido (2000), João Luiz Lafetá (2004), Maria Lídia Lichtscheidl Maretti (2006), Olga Maria Castrillon-Mendes (2010), Sergio Medeiros (1997; 2000; 2004; 2015), entre outros. Apesar dessas novas leituras e da atualização de posicionamentos críticos, persistem e circulam recortes remanescentes do primeiro momento de recepção da obra de Taunay, dada a influência de seus principais autores: Sylvio Romero (, 1888; 1905; 1906) e José Veríssimo (1998).

Como índice do sucesso da interlocução proposta em *Memórias* (TAUNAY, 1948a), as obras de Taunay continuam a circular e a encontrar novos leitores. Neste caso, mesmo romances como *O encilhamento* (TAUNAY, 1871), considerado um dos mais áridos, medíocres e obscuros de Taunay (LAFETÁ, 2004), depara-se com leitores interessados e oferece elementos para a compreensão de processos complexos da história social e econômica do país. Assim, economistas como Gustavo Franco e Luiz do Lago, em *A Economia da República Velha, 1889-1930* (FRANCO; LAGO, 2011), destacam o protagonismo de Taunay para nomear e caracterizar a anarquia financeira dos primeiros anos de República e nos informam sobre outros dedicados leitores dessa obra:

> O termo encilhamento se refere ao momento em que os cavalos eram preparados para o páreo, e as combinações eram feitas, e serviu de título para o famoso romance *à clef* escrito originalmente sob o pseudônimo “Heitor Malheiros”, na forma de um folhetim em 70 capítulos a partir de fevereiro de 1893, pelo Visconde de Taunay, destacado monarquista, que teve imensa e duradoura influência sobre a historiografia. Taunay retratou em cores espetaculares as operações abusivas na bolsa como representativas de uma nova

> ordem na qual, conforme lúcida observação de José Murilo Carvalho (1987, pp. 26-27), a República teria trazido “uma vitória do espírito do capitalismo desacompanhado da ética protestante”. São muitos como John Schulz (1996, p. 88), o mais recente brasilianista a tratar do tema, a tomar o relato de Taunay como “não ficção”, ou mais ainda como um relato fidedigno do que se passou nos primeiros anos da República. (FRANCO; LAGO, 2011, p. 10-11).

Além disso, suas duas obras mais conhecidas, mesmo que eclipsando as demais, ou seja, *A retirada da Laguna* (TAUNAY, 1871) e *Inocência* (TAUNAY, 1872), continuam a circular, com reedições constantes e incorporadas ao cânone escolar brasileiro. O caso de *Inocência* (TAUNAY, 1872) é especial, como afirma Jorge Luiz Lafetá (2004), pois permanece atual por tratar de temas que ainda emocionam “e vem encantando os leitores mais diversos” (LAFETÁ, 2004, p. 278). Ainda que garantida a circulação e permanência desses títulos, justifica-se a orientação de Maria Lídia Lichtscheidl Maretti (2006) na direção de reabilitar outros textos de Taunay que foram pouco considerados pelos críticos e leitores profissionais interessados no autor. Eles precisam ampliar as respostas oferecidas aos pedidos de atenção, muito mais para ampliar o conhecimento sobre aquelas obras do que satisfazer os apelos do autor. Pois, nem todos estes encontrarão a correspondência que perseguem.

Uma das questões que não corresponderam aos pedidos de Taunay, possivelmente, por sua dimensão absoluta, foi a sua reivindicação para *Inocência* (TAUNAY, 1872) ser considerada “a base” de toda a literatura brasileira (TAUNAY, 2004, p. 227). Essa petição, talvez, por sua impossibilidade de realização, seja mais um exercício retórico do que propriamente uma reivindicação nos termos das demais mencionadas. O desenvolvimento do sistema literário brasileiro, não permitiu que fosse atribuída tal qualidade a uma obra específica. Entretanto, se considerarmos “as obras”, no plural, que formaram “as bases”, também, no plural, dessa literatura, a obra sertaneja de Taunay deverá ser considerada.

No tocante à posição ocupada por Taunay entre os produtores de sua geração e predecessores, convém lembrar que nem só de nomes de destaque compõe-se um sistema literário. Se os há, no caso desse período, Alencar e Machado, é porque foram casos excepcionais e em virtude da existência de uma boa segunda linha garantindo a circulação constante de novas obras, com isso, formando novos leitores, mantendo a atualização constante e criando as

possibilidades de substituição no destaque a um ou outro autor, durante o desenvolvimento desse mesmo sistema literário. Com tal perspectiva, a posição de Taunay foi garantida entre os principais produtores do período, não totalmente por seus apelos aos seus leitores do futuro, mas muito mais pelas qualidades intrínsecas do seu trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas:** reflexiones sobre el origem y la difusión del nacionalismo. Tradução de Eduardo l. Suárez. México D. F., México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ALENCAR, José de. **Iracema**. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. **O demônio familiar**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

_____. **Como e porque sou romancista.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1995.

ARAÚJO, Tiago Gomes de. **A identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai (1864-1870)**. Rio de Janeiro: Ar edições, 2016.

ARQUIDIOCESE DO RIO DE JANEIRO. **O apóstolo**. Rio de Janeiro: Órgão da Arquidiocese do Rio de Janeiro, 1866 - 1901.

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira: Instinto de nacionalidade. In: **O JORNAL e o livro**. São Paulo: Penguin & Cia das Letras, 2011. p. 13-26.

_____. **Correspondência de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: ABL, 2009. Tomo II – 1870 – 1889.

_____. **Americanas**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875.

BARRETO, Tobias. **Crítica de literatura e arte**. Rio de Janeiro: J. E. Solomon; Sergipe: Editora Diário Oficial, 2012.

_____. O célebre Sr. Alfredo d'Escragnolle Taunay e o obscuro escritor da Escada. **Jornal do Recife**, Pernambuco, 13, 14, 15, 17 e 24 de abr. 1880a, p. 2.

_____. Alguma cousa a propósito de Meyerbeer. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 4 fev. 1880b, p. 2.

BERGAMINI, Atílio. "Instinto de nacionalidade" na imprensa liberal. **Machado Assis em linha**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 15-31, dez. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-68212013000200003>. Acesso em: 05 set. 2016.

BIERCE, Ambrose G. **No meio da vida**. Tradução de Jurema Finamour. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.

BOSI, Alfredo. Cultura. In: CARVALHO, José Murilo de. **A construção nacional:** 1830-1889. Rio de Janeiro/Madrid: Objetiva/Fundación Mapfre, 2012. p. 225- 279.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CAMPOS, Haroldo de. Ierecê e Iracema do verismo etnográfico à magia verbal. In: TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. **Ierecê a guaná**. São Paulo: Iluminuras, 2000. p. 145- 172.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. 2vv.

CANIATO, Benilde Justo. O Regionalismo em "Inocência", de Taunay. **Revista ECOS**, v. 2, n. 1, p. 45-49, 2016.

CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. Narrativas em confronto: Taunay e a escrita da memória. **Revista Alére**, v. 5, n. 5, p. 97-120, jun. 2012.

_____. Taunay viajante e a construção da imagética de Mato Grosso. **Sínteses**, v. 13, p. 62-75, 2010.

CASTRO, Francisco. Discurso do Sr. Francisco Castro. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Discursos acadêmicos**. Rio de Janeiro: ABL, 1897 – 1919. p. 63-83. Tomo I. vv. I – II – III – IV.

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da campanha do Paraguai 1865 -1870**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

CHIAVENATTO, Julio José. **Genocídio americano:** a guerra do Paraguai. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CUNHA, Maria Jandira Cavalcanti; CORREA, Vitor de Abreu. O lugar de fala de Taunay. Um estudo sobre o enquadramento da narrativa na Guerra do Paraguai. **Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades (UnB)**, v. 4, p. 60-82, 2011.

CUNHA, Euclides. **Os sertões**. São Paulo: Nova Cultural, 2010.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FRANCO, Gustavo; LAGO, Luiz Aranha Correa do. A economia da República Velha, 1889 – 1930. In: **TEXTO para discussão**. Versão preliminar. Rio de Janeiro: PUC Rio/Departamento de Economia, 29 jan. 2011. n. 588. Disponível em: <http://www.econ.puc-rio.br/pdf/td588.pdf>. Acesso em: 20 out. 2016.

FINAMOUR, Jurema. Apresentação: Bierce, o amargo. In: BIERCE, Ambrose G. **No meio da vida**. Tradução de Jurema Finamour. Rio de Janeiro: Artenova, 1971. p. 9-16.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**. Rio de Janeiro: Record, 1990.

LAFETÁ, João Luiz. Sobre o visconde de Taunay. In: _____. **A dimensão da noite e outros ensaios.** São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004. p. 265-283.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Tradução Jovita Noronha e Maria Inês Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

LEMOS, Renato. (Org.) **Cartas da Guerra**: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai. Rio de Janeiro: IPHAN; Museu Casa de Benjamin Constant, 1999.

MACEDO, Joaquim Manoel de. A Sylvio Dinarte, In: TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. **A mocidade de Trajano**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1871. p. 249-250. 2vv.

MAESTRI, Mario. **A guerra no papel**: história e historiografia da guerra do Paraguai (1864-1870). Passo Fundo: PPGH/UPF, 2013.

MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl. Um artista político. In: TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. **Inocência**. São Paulo: Ática, 2011. p. 183-198.

_____. **O Visconde de Taunay e os fios da memória**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MARTINS, Wilson. Brasil: uma Interpretação Histórica. **Revista Iberoamericana**, v. 32, n. 62, p. 217-228, 1966.

MATE, Hubert E. Um exame crítico dos contos de Taunay. **Revista Iberoamericana,** v. 16, n. 31, p. 153-173, 1950.

MEDEIROS, Sergio. A **formiga-leão e outros animais na Guerra do Paraguai**. São Paulo: Iluminuras, 2015.

_____. Prefácio para esta edição. In: TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. **Memórias**. São Paulo: Iluminuras, 2004. p. 11-18.

_____. As vozes do Visconde de Taunay. In: TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. **Ierecê a guaná**. São Paulo: Iluminuras, 2000. p. 109-131.

_____. Introdução. In: TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. **A retirada da Laguna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 9-24.

MÉROU, Martín Garcia. **El Brasil intelectual**: impressiones y notas literárias. Buenos Aires: Félix Lajouane, 1900.

MESQUITA, José de. O sentido da literatura mato-grossense. **Revista de Cultura**. Ano X. n. 116, p. 64-70, ago. 1936.

MUSSA, Alberto. A retirada da Laguna. In: **RASCUNHO**. set. 2014. Disponível em: <http://rascunho.com.br/a-retirada-da-laguna/>. Acesso em: 9 out. 2016.

NABUCO, Joaquim. **Eleições liberaes e eleições conservadoras**. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1886.

_____. A carta que o Sr. Dr. J. Nabuco escreveu em resposta ao Sr. Alfredo d'Escragnolle Taunay. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 21 abril de 1880, p. 1-2.

NASCIMENTO, Naira de Almeida. **A retirada da Laguna**: imagens sobrepostas do Brasil oitocentista. 2002. 169 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira**: da carta de caminha aos contemporâneos. São Paulo: Leya, 2011.

NEVES, Fábio Luiz Silva; OURIQUE, João Luiz Pereira. A Força do Nacionalismo nas Leituras críticas da Literatura Brasileira do Século XIX: o caso de José de Alencar e do Visconde de Taunay. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, n. 15, 2010. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/num15/art_06.php>. Acesso em: out 2016.

NEVES, Fábio Luís Silva. F**icção, História e Ideologia nas reedições críticas de Visconde de Taunay**. 2010. 127 fls. Dissertação (Mestrado em Letras, Estudos Literários) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Três Lagoas, 2010.

_____. De Ierecê a Guaná: história e ideologia em Visconde de Taunay. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS. 2008. **Anais...** São Paulo: Abralic, 2008. Disponível em: http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/015/FABIO_NEVES.pdf . Acesso em: out 2016

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da Literatura Brasileira:** prosa de ficção – 1870 a 1920. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1988.

QUEIROZ, F. Leal de. Inocência – edição única. In: **SUPLEMENTO de Cultura da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras**. 1º jul. 2006. Disponível em: <http://acletrasms.com.br/lersuplem.asp?IDSupl=122&Pag=1>. Acesso em: 20 out 2016.

RICUPERO, Bernardo. **O Romantismo e a ideia de Nação no Brasil (1830 – 1870)**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROMERO, Sylvio. O Visconde de Taunay: o homem de letras. In: _____. **Outros estudos de litteratura contemporânea**. Lisboa: Typographia da A Editora, 1906. p. 187- 206.

_____. **Evolução da litteratura brasileira**: vista synthetica. ?: Campanha, 1905.

_____. **Historia da litteratura brazileira**. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1888. 2vv.

RONCARI, Luiz. **Literatura brasileira**: dos primeiros cronistas aos últimos românticos. São Paulo: EDUSP, 2002.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Confissões**. Tradução Rachel de Queiroz e José Benedicto Pinto. Bauru, SP: EDIPRO, 2008.

SÁ, Lúcia. Índia romântica. Brancos realistas. In: TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. **Ierecê a guaná**. São Paulo: Iluminuras, 2000. p. 133-143.
SCHWARCZ, Lilia Moritz.; STARLING, Heloísa M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Paisagem e identidade: a construção de um modelo de nacionalidade herdado do período joanino. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 19-52, jan./jun., 2009.

SIMÕES JÚNIOR, Álvaro Santos. Da literatura ao jornalismo: periódicos do século XIX. **Patrimônio e Memória**, v. 2, n. 2, p. 126-145, 2007.

SOCIEDADE CENTRAL DE IMIGRAÇÃO. **A Immigração**. Rio de Janeiro: Órgão da Sociedade Central de Imigração, 1884-1891.

STENDHAL. **Vie de Henri Brulard**. Paris: Le Divan, 1927.

TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. **Inocência**. São Paulo: Ática, 2011.

_____. **Recordações de guerra e viagem**. Brasília: Edições do Senado Federal, 2008.

_____. **A retirada da Laguna**. Tradução de Affonso d'Escragnolle Taunay. São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____. **Memórias**. São Paulo: Iluminuras, 2004.

_____. **Ierecê a guaná**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

_____. **A mocidade de Trajano**. São Paulo: Biblioteca da Academia Paulista de Letras, 1984.

_____. **O encilhamento**: cenas contemporâneas da Bolsa do Rio de Janeiro em 1890, 1891 e 1892. Belo Horizonte: Itatiaia, 1971.

_____. **Memórias**. São Paulo: Melhoramentos, 1948a.

_____. **Memórias**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948b.

_____. **Dias de guerra e de sertão**. São Paulo: Melhoramentos, 1927.

_____. **Homens e coisas do Império**. São Paulo: Melhoramentos, 1924a.

_____. O meu liberalismo. In: TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. **Homens e coisas do Império**. São Paulo: Melhoramentos, 1924b. p. 153-167.

_____. **Reminiscências**. São Paulo: Melhoramentos, 1923.

_____. **Recordações de guerra e de viagem**. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1920.

_____. **Ao entardecer**. Rio de Janeiro: Livraria de H. Garnier, 1901.

_____. **Cartas políticas**. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1889.

_____. **Ceos e terras do Brazil**: scenas e typos, quadros da natureza, fantasias. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1882.

_____. Meyerbeer e a ópera Os Huguenotes. **Revista Brasileira**, Tomo II, Ano primeiro, p. 151-168, 15 out. 1879.

_____. **Narrativas militares:** scenas y tipos. Rio de Janeiro: B. L. Ganier, 1878.

_____. **Questões politicas e sociaes**. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1877.

_____. **Histórias brasileiras**. Rio de Janeiro: B. L. Ganier, 1874.

_____. Irmão e amigo. **A nação**. Rio de Janeiro/RJ, p. 1. 15, 16, 18, 19, 21 e 22 de maio de 1874.

_____. **Lágrimas do coração**: manuscripto de uma mulher. Rio de Janeiro: F. Thompson, 1872.

_____. **Inocência**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1872.

_____. **A mocidade de Trajano**. 2 vol. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1871.

_____. **Diário do Exército**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1870.

_____. **Scenas de viagem**: exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no distrito de Miranda. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1868.

_____. **Viagem pitoresca a Mato Grosso**. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1867.

_____. Expedição de Mato-Grosso. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1867, p. 1.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. À guisa de introito. In: TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. **Memórias**. São Paulo: Iluminuras, 2004. p. 21-26.

TORAL, André Amaral de. **Imagens em desordem a iconografia da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Humanitas, 2001.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira:** de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 7. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

ANEXO - EXPEDIÇÃO DE MATO GROSSO

TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. Expedição de Mato Grosso. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro. 8 de agosto de 1867. p. 1.

Uma das províncias menos conhecidas do Brasil, a de Mato Grosso, no ponto em que toda a república do Paraguai, acaba de ser teatro de feitos de guerra que, ameaçando transformar-se em catástrofe igual à dos Atenienses na Sicília e dos Romanos entre os Partas, deram uma página gloriosa à história do país, e provaram uma vez mais a resignação, força de disciplina e coragem de seus soldados.

Uma expedição para lá fora mandada em princípios do ano de 1865, com o fim de operar pelo lado do norte contra o Paraguai, a qual, depois de uma série incessante e contratempos e calamidades, tendo por vezes mudado de chefe, enquanto lutava nos pantanais que bordam a O. a grande serra de Maracajú com mil dificuldades, dizimada pela fome e as epidemias as mais singulares, chegara enfim nos fins de janeiro do corrente ano ao ponto de Nioac.

Aí, graças aos efeitos salutares do clima e das águas, graças às remessas de munições de boca que começavam a chegar-lhe regularmente, pelos cuidados cada vez mais eficazes do incansável presidente de Goiás, em breve tempos levantou-se a coluna do estado de prostração em que caíra, sem que nunca perdesse o sentimento de disciplina. Contava então 1.300 combates, bem armados, municiados e fardados. Haviam quase decorrido dois anos desde a partida de S. Paulo.

De todos os males que ela sofrera com paciência heroica nasceu em seu seio, sentindo-se, para assim dizer, em plena convalescença e refeita de forças, o desejo ardente e impaciente de consagrar esse novo vigor ao serviço da pátria. A esta disposição uniram-se com ligação natural, veleidades de sacrifício entretidas no coração de seu brioso comandante, o coronel Carlos de Moraes Camisão, pela necessidade de dissipar dúvidas injustas que se fizeram pairar sobre sua reputação de valente, depois do abandono de Corumbá. Nobre desejo, porém perigoso, de foi vítima!

Desde então começa um drama que exigiria o estilo de um Plutarco, mas que em falta de outro narrador ocupará um dia a minha pena, caso alguma das testemunhas, meus caros companheiros de armas, não me poupe essa tarefa necessária e sagrada.

A força expedicionária, sem um só homem de cavalaria, com uma bateria de quatro peças raiadas excelentes, foi levada, mais por entusiasmo do que por cálculo, a 25 léguas de Nioac, atém a margem direita do Apa, acompanhada por dez fugitivos brasileiros que se haviam escapado do Paraguai e que aumentavam, partilhando-o, o ardor geral. O rio foi transposto. Um palanque, chamado forte de Bela Vista, foi ocupado e queimado. A prudência justificada de alguns cedeu o campo: a ocasião não a permitia.

Nesse arrastamento inconsiderado, o tenente-coronel Juvencio M. C. de Menezes pronunciou palavras que devem ser comemoradas: “Sou pai de numerosa família, mas aceito de bom grado a morte, deixando a meus filhos nome mais honroso”. Nessas condições partimos, e fizemos três léguas e meia nas terras da república.

No último acampamento reconheceu-se a exatidão das informações. Havia-se contado com o gado que vagueava por aqueles campos. Cavaleiros paraguaios foram vistos, ajuntando as reses e enxotando-as ao longe para o interior.

Daí a dias uma força organizada foi pressentida. Não pode ser avaliada; mas um dos refugiados do Paraguai dizia ser um corpo de cavalaria esperado de Assunção. Reconheceu-se depois que o acompanhavam duas bocas de fogo. Não havia mais dúvidas. Os víveres iam faltar. Não era mais país aberto, não era possível a alimentação. A retirada imediata tornou-se necessária. O comandante quis cobri-la com um feito brilhante.

No dia 6 de maio fez atacar o acampamento dos inimigos, situado a légua e meia do nosso. Cederam depois de alguma resistência com perda de 50 a 60 mortos, que levaram na garupa dos cavalos, assim como os feridos, que eles próprios algumas vezes acabavam de matar.

Depois do descanso de 7, no dia 8 começou a marcha retrograda para a fronteira; em breve foi ela precedida, flanqueada e seguida pela cavalaria paraguaia e pela artilharia, cujas peças de calibre 6 o 3 tinham a vantagem da extrema mobilidade sobre as nossas, que as faziam contudo sempre calar.

Entretanto, se o comandante da força inimiga houvesse combinado os efeitos dessa arma com demonstrações e cargas de cavalaria, os quadrados que teríamos sido obrigados a manter formados haviam de ser facilmente rotos e dizimados pelos projéteis de suas bocas de fogo.

Nos dias 9 e 11 sobretudo os combates renovaram-se e nossa marcha foi contrariada cada vez mais pelo número crescente de feridos, quando nos faltavam totalmente os meios de condução. O inimigo não cessava de nos picar a retaguarda. Defendíamo-nos avançando quanto era possível.

Os paraguaios, convencidos de que não nos poderiam reter pela força, recorreram então a um estratagema de selvagens. Lançavam fogo aos macegais que cobrem aqueles campos, da altura de um homem. O vento do norte, então dominante, secando desde a manhã a humidade do orvalho, atirava sobre nós as labaredas. Um deles, bem montado, e que os soldados chamavam *o Botafogo*, ocupava-se nisso, cercando-nos por todos os lados desse incêndio medonho, sem que jamais nossas balas o pudessem ofender. Éramos obrigados a fazer aceiros, onde ficávamos durante longas e dolorosas horas, expostos ao ardor das chamas, e cercados por densos rolos de fumaça, à espera que os incêndios laterais houvessem cessado. Soldados morreram asfixiados.

Nossa marcha assim retardada era apenas de meia légua por dia. Nessas colisões, três casos de cólera-morbo foram reconhecidos no dia 17 pelos médicos. Atribuiu-se a invasão aos sofrimentos que nos acabrunhavam nesses dias de trovoadas, em que ao intenso calor do sol sucediam à tarde chuvas torrenciais tangidas por violentíssimo vento. Contudo é mais provável que havíamos sido infectados pelo contato dos paraguaios, que tinham em seu seio este mal terrível que os enfraquecia.

Não tínhamos mais barracas, a nudez era completa. A fome nos aniquilava. A ração diária de cada um era pouco mais de uma onça de carne. Em lugar de 22 reses matavam-se quatro. Os soldados lutavam entre si para beberem o sangue, e comiam os cães que podiam alcançar. Os atiradores inimigos incomodavam-nos cada vez mais. A boiada dos carros era morta para alimentação. Começaram os doentes a ser transportados em padiolas. Lúgubre procissão!

Viu-se, porém, que esse meio era impossível. Os oficiais em vão procuravam, a espadeiradas, obrigar os soldados a carregar seus camaradas. Os mais sãos morriam aos golpes da moléstia, depois de dias de tão extraordinária fadiga.

Notou-se com simpatia que um oficial de nossa força, o alferes Clímaco dos Santos e Souza, ajudou a transportar os coléricos, levando sobre seu ombro um dos braços da padiola de um soldado!

O comandante tomou então uma resolução terrível. Disse às pessoas que o cercavam: “Salvo-vos, porém morro”. A 26 deixou no pouso os coléricos à mercê dos paraguaios, que os degolaram. Acabrunhado sob o peso de tamanho sacrifico, no dia 27 foi atacado pela cólera. Não durou dois dias.

Na agonia, depois de intensos sofrimentos suportados com a calma de um estoico, levantou-se convulsivamente de uma pele de sobre que estava estendido, pediu a espada, atou o talim à cintura, segurou nele o revólver e com um gesto, ordenando a marcha: “Sigam as forças”, disse, e deixando-se cair expirou murmurando: “Vou descansar”.

Eram 7 horas da manhã do dia 29. Às duas da tarde falecia o tenente-coronel Juvêncio Cabral Menezes.

Na véspera havia morrido, o velho José Francisco Lopes, tipo dos romances de Fenimore Cooper. Contribuíra sem dúvida para fazer adotar a temerária invasão, tendo a sua família prisioneira no Paraguai; mas salvou talvez a coluna, fazendo-a passar por lugares conhecidos só por ele, até o rio Miranda. Sobre a margem direita desse rio possuía aquele valente sertanejo uma fazenda em que seus olhos, já vidrados pela morte, puderam ver as laranjas de um pomar que ele nos prometera. Homem de coração! Sua amizade espontânea extremosa é uma das minhas mais gratas recordações!

A perseguição dos paraguaios havia enfraquecido.

Um novo chefe, o major José Thomaz Gonçalves, tomou, por antiguidade, o comando, que lhe foi dado, apesar de algumas dúvidas, pela aceitação geral. Estava a par das circunstâncias. Os soldados, atraídos pelos frutos, começavam a deixar suas fileiras para atravessarem o rio, engrossado pelas chuvas. Duas praças e um capitão já se haviam afogado nessa precipitação. Castigou os culpados, restabeleceu a disciplina abalada por tantos choques, e ativou vigorosamente a passagem, por debaixo d´água, das quatro peças, duas das quais estiveram a ponto de serem enterradas para não caírem em poder dos paraguaios.

A coluna estava salva. Durante os dias de estada junto ao Miranda o consumo excessivo e exclusivo das laranjas havia feito desaparecer a cólera, segundo as previsões do nosso distinto médico o Dr. Gesteiras.

O resto da marcha até o Aquidauana, afluente do Miranda, foi relativamente fácil. As forças no dia 11 de junho acamparam junto àquele rio, devendo mudar de

local poucos dias depois de minha partida, conforme tencionava o major comandante.

Trinta e oito léguas foram transpostas em trinta e três dias. Todos cumpriram o seu dever, e tenho hoje a consciência de poder dizer por todos: esta retirada é digna de memória.

Alfredo De Escragnolle Taunay, 1º tenente-engenheiro das forças

Rio de janeiro, 7 de agosto de 1867